

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM MÚSICA

**“MÚSICA ENTRE LÁGRIMAS”: UM ESTUDO ETNOMUSICOLÓGICO SOBRE
MULHERES MUSICISTAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

GABRIELA NASCIMENTO

Porto Alegre, agosto 2020

GABRIELA NASCIMENTO

“MÚSICA ENTRE LÁGRIMAS”: UM ESTUDO ETNOMUSICOLÓGICO SOBRE
MULHERES MUSICISTAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Música. Área de concentração: Etnomusicologia/Musicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Elizabeth Lucas

Porto Alegre, agosto 2020

CIP - Catalogação na Publicação

RODRIGUES DO NASCIMENTO LUZ, GABRIELA
MÚSICA ENTRE LÁGRIMAS: UM ESTUDO ETNOMUSICOLÓGICO
SOBRE MULHERES MUSICISTAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA / GABRIELA RODRIGUES DO NASCIMENTO LUZ. --
2020.
119 f.
Orientador: Maria Elizabeth Lucas.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Música, gênero, violência doméstica. I. Lucas,
Maria Elizabeth, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**“MÚSICA ENTRE LÁGRIMAS”: UM ESTUDO ETNOMUSICOLÓGICO SOBRE
MULHERES MUSICISTAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

GABRIELA NASCIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Música. Área de concentração: Etnomusicologia/Musicologia.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Eurides Santos (UFPB)

Prof^a. Dr^a. Maria Andrea Soares (UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Marília Raquel Stein (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Maria Elizabeth Lucas (Presidente da Banca) UFRGS

Dissertação defendida e aprovada em: 11 agosto de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e ao universo por me dar saúde e colocar pessoas no meu caminho que tornam a minha jornada aqui nesse plano mais leve. À minha mãe, que sempre me ajudou no que pode com palavras de incentivo para que eu não desanimasse no meio do percurso. Aos meus quatro filhos, que mesmo de longe, serviram de alavanca para eu nunca desistir. Ao meu namorado Roberto Passos, o qual tive o prazer de conhecer durante a minha estadia de estudos na Bahia, na UNILAB (Campus dos Malês) e em Salvador, que mesmo de longe, sempre se fez presente nos momentos em que me encontrava em “apuros” na construção desse trabalho. À minha irmã Karina, que sempre quando me encontrava em meio a tarefas de escrita e trabalhos exaustivos do curso, me “levava ao samba”. Esses momentos foram essenciais para que eu continuasse a minha árdua jornada de estudos. Ao meu amigo, parceiro de música, afilhado (de casamento) e responsável por eu ter topado o desafio de retomar meus estudos, Paulinho Parada, incansável durante esses dois anos de estudos, sempre me estendendo a mão nos momentos em que eu mais precisei. À minha amiga Andréa Alessandra Carvalho, que está sempre pronta pra me socorrer, quando me vejo em apuros. Sua amizade e parceria fizeram diferença na minha trajetória de vida. Agradeço também ao meu amigo, colega Pedro Acosta, idealizador do projeto *Etnomusicologia Negra*, o qual vem dando seus primeiros passos a respeito da literatura negra na área, ainda tão invisibilizada dentro e fora dos muros acadêmicos. As “injeções” de ânimo aplicadas em doses *homeopáticas* por ele durante esse percurso foram de grande valia na minha construção enquanto pesquisadora negra. Estendo meus agradecimentos à minha querida orientadora Dra. Maria Elizabeth Lucas, que com maestria soube me conduzir com muita competência, carinho e compreensão durante todo o tempo. Suas ações fizeram toda diferença na minha formação etnomusicológica. À professora Luciana Prass, que sempre me recebeu com carinho durante suas aulas no Departamento de Música e da mesma forma enquanto ocupei o lugar de estagiária em sua turma de graduação em Música Popular. À professora Marília Stein, com quem tive convívio no último semestre do mestrado e trouxe grandes ensinamentos durante os momentos em que estivemos construindo conhecimentos durante nossas produtivas tardes no PPGMúsica. À professora Dra. Maria Andrea dos Santos Soares, que me recebeu tão bem na UNILAB e em Salvador: os momentos que pude vivenciar por lá, com certeza, mudaram meus pensamentos e o rumo da minha vida (literalmente!). Aos meus colegas de curso, que sempre me auxiliaram nos momentos em que eu me sentia perdida nas

realizações das nossas tarefas acadêmicas. Também sou grata aos funcionários do PPGMUS e do Instituto de Artes, os quais sempre foram muito cordiais comigo durante o tempo que transitei naqueles espaços. Por fim, agradeço a UFRGS por proporcionar um espaço multidisciplinar cheio de oportunidades e vivências que só somam na vida de cada aluno/a que chega a esse espaço acadêmico. Essa instituição, sem dúvida, tem corroborado para que as histórias das periferias sejam contadas através das realidades dos alunos e alunas que lá vivem. Sou testemunha que este fato acaba mudando a “cara” da universidade e por consequência as ideias dos que lá estudam.

RESUMO

A presente dissertação é um estudo etnomusicológico fruto de minha pesquisa de campo realizada com quatro mulheres musicistas, vítimas de violência doméstica, acolhidas em um projeto solidário de uma casa de ocupação em Porto Alegre, RS. Nesse local, pude conviver com essas mulheres “artistas” e como pesquisadora desempenhei meu papel como ouvinte e observadora participante dentro desse espaço social. Através de uma abordagem qualitativa em diálogo com os estudos de feministas negras e da etnomusicologia, procurei trazer suas vozes e as minhas reflexões sobre a conexão “perversa” que pode existir entre a música e a violência doméstica e como a mesma pode agir como “estopim” para o início das agressões contra mulheres musicistas. Dessa forma, pretendo jogar luz, dentro e fora dos muros acadêmicos, para essa problemática social existente dentro do universo musical, o qual o senso comum e a mídia insistem em retratar “romantizando” as habilidades musicais como uma esfera “bela e glamorosa”, portanto, desprovida de situações de violência e conflito. Sendo assim, procurei descrever como essas mulheres percebem e lidam com suas “habilidades musicais” assumindo uma atitude de “bênção e maldição” após as agressões sofridas.

Palavras-chave: Etnomusicologia; Mulheres musicistas; Feminismo negro; Violência doméstica.

ABSTRACT

This dissertation is an ethnomusicological study, the result of my field research conducted with four women musicians victims of domestic violence who were hosted at an occupation house in Porto Alegre, RS. In this place, I was able to live with these women “artists”, where as a field researcher I played my role as a listener and participant observer within this social space. Through a qualitative approach and ethnographic method I will seek to reflect on the "perverse" connection that may exist between music and domestic violence and how it may act as a "trigger" for the onset of aggression against these women musicians. In this way, I intend to bring light into and out of academic walls to this social problem within the musical universe, which the media insists on portraying and romanticizing musical skills as a “beautiful and glamorous” sphere, and therefore devoid of situations of violence and conflict. Therefore, I will try to describe how these women perceive and deal with her "musical abilities" in a kind of "blessing and curse" after the aggressions suffered.

Keywords: Ethnomusicology; Women musicians; Black feminism; Domestic violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Entrada da primeira casa da <i>Ocupação Guerreiras</i>	36
Figura 2-Ato de manifestação musical das mulheres na <i>Ocupação</i>	88
Figura 3- Crianças na festa junina.....	91
Figura 4- Bambonas- tambores no pátio da casa.....	96
Figura 5- Apresentação Maracatu Truvão.....	99
Figura 6- Crianças participando das oficinas de música.....	100
Figura 7-Interagindo no espaço musical.....	102
Figura 8- Integração musical.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1. DESAFIOS

1.1- Minhas fotografias.....	29
1.2- Entrando em campo na casa das <i>Guerreiras</i>	34
1.3- Conhecendo a <i>Ocupação Guerreiras</i>	35
1.4 -A <i>Ocupação Guerreiras</i> em nova casa.....	39
1.5-As interlocutoras <i>Guerreiras</i>	42

CAPÍTULO 2. TECENDO ENCONTROS

2.1- <i>Melodia</i>	43
2.2- A música e as agressões.....	46
2.3- Vida na Ocupação.....	54
2.4- Conhecendo <i>Aduoa</i>	57
2.5- A fuga para fugir das agressões.....	64
2.6- Com o Rap na cabeça.....	65

CAPÍTULO 3. ATRÁS DE OUTRAS NARRATIVAS

3.1- <i>Anyango</i> e a iniciação social no Hip Hop.....	67
3.2- Nem tudo que reluz é ouro.....	72
3.3- Ceder...Um caminho sem volta.....	74
3.4- Tentando recomeçar.....	75
3.5- <i>Anulyca</i> , em cada narrativa uma nova reflexão.....	78
3.6- Revivendo o fantasma da infância.....	80
3.7- Mudam os cenários, mas as histórias se repetem.....	84
3.8- Livrando-se dos fantasmas.....	87

CAPÍTULO 4. A OCUPAÇÃO COMO ESPAÇO MUSICAL

4.1- Uma festa junina solidária.....	90
4.2- Um sarau com as Meninas do Slam.....	92
4.3- Toda tentativa é válida.....	94
4.4- Universo musical particular, todos temos um.....	96
4.5- Uma festa para os dois anos da <i>Ocupação</i>	97
4.6- Interação com a música no território da <i>Ocupação</i>	99

CAPÍTULO 5. OS REENCONTROS

5.1- A música como premiação “master”.....	105
5.2- A superação através da Educação.....	107
5.3- Às vezes a vida nos prega peças.....	109
5.4- Um passo de cada vez.....	111

REFLEXÕES FINAIS	113
-------------------------------	-----

REFERÊNCIAS	117
--------------------------	-----

Maria da Penha

Autores: Paulinho Rezende & Evandro Lima

Ano de composição: 2007

Intérprete: Alcione

Comigo não, violão
Na cara que mamãe beijou
Zé Ruela nenhum bota a mão
Se tentar me bater
Vai se arrepender
Eu tenho cabelo na venta
E o que venta lá, venta cá
Sou brasileira, guerreira
Não tô de bobeira
Não pague pra ver
Porque vai ficar quente a chapa
Você não vai ter sossego na vida, seu moço
Se me der um tapa
Da dona "Maria da Penha"
Você não escapa
O bicho pegou, não tem mais a banca
De dar cesta básica, amor
Vacilou, tá na tranca
Respeito, afinal, é bom e eu gosto
Saia do meu pé
Ou eu te mando a lei na lata, seu mané
Bater em mulher é onda de otário
Não gosta do artigo, meu bem
Sai logo do armário
Não vem que eu não sou
Mulher de ficar escutando esculacho
Aqui o buraco é mais embaixo. A nossa paixão já foi tarde
Cantou pra subir, Deus a tenha
Se der mais um passo
Eu te passo a "Maria da Penha"
Você quer voltar pro meu mundo
Mas eu já troquei minha senha
Dá linha, malandro
Que eu te mando a "Maria da Penha"
Não quer se dar mal, se contenha
Sou fogo onde você é lenha
Não manda o seu casco
Que eu te tasco a "Maria da Penha"
Se quer um conselho, não venha
Com essa arrogância ferrenha
Vai dar com a cara
Bem na mão da "Maria da Penha"

INTRODUÇÃO

Maria da Penha é uma canção gravada na voz da cantora Alcione (*Marrom*).¹ Ela faz referência à lei que pune com prisão os agressores de mulheres, que fala do assunto de uma forma irônica e que retrata uma mulher que reage à violência com força e determinação. Embora o assunto não seja engraçado trago a canção inicialmente para abordar em minha dissertação o tema da violência doméstica sob um olhar da Etnomusicologia, pensando a música como protagonista no cenário da violência doméstica exercida contra as mulheres que escolhem tornar-se musicistas.

No Brasil, com intuito de combater os constantes abusos e maus tratos contra a mulher, foi criada em 2006 a lei Maria da Penha, que diz respeito à história de vida de uma mulher que sofreu violência doméstica durante 23 anos. Essa lei define cinco formas de violência doméstica e familiar, e deixa claro que não existe apenas a violência física que deixa marcas evidentes, são elas também a violência psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Inúmeras pesquisas apontam, há anos, números assustadores da violência contra as mulheres no país. Essa realidade se torna cada vez mais latente em nossa sociedade. Para abordar este assunto, do ponto de vista da Etnomusicologia, trago inicialmente alguns dados importantes de pesquisas recentes, referentes a agressões e violência doméstica. No site Relógios da vida², apresentam-se dados baseados na pesquisa Datafolha, encomendada pelo fórum brasileiro de Segurança Pública (MARTINS et al., 2017), realizada em fevereiro de 2017, em treze municípios, incluindo as capitais e cidades do interior em todas as regiões do Brasil. A pesquisa revela que a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal no Brasil. No Rio Grande do Sul, segundo anúncio do portal G1 (FOGLIARINI, 2018), através de dados da Polícia Civil, de janeiro a junho de 2018, foram registradas 38 mil ocorrências de violência doméstica contra mulheres. Em Porto Alegre, segundo o site Gaúcha ZH (MENDES, 2018), houve um aumento nos registros de ameaças de (2%) e de lesão corporal (6,8%). Com todos esses dados, ainda assim acredita-se que apenas 10% das mulheres registram queixas nos órgãos competentes. Dessa forma, os dados tendem a serem mais alarmantes do que os divul-

¹ Consta que Alcione pediu aos compositores para fazerem uma música que falasse sobre essa onda de violência contra a mulher (em referência aos *pitboys* que agrediram a empregada doméstica Sirlei no Rio de Janeiro em junho de 2007). Para a artista, acabaram fazendo uma música muito chorosa, que nada tinha a ver com ela. “Parecia que eu estava pedindo desculpas ao agressor”, brincou. Então, segundo Alcione, o compositor Paulinho Rezende enviou-lhe a letra de *Maria da Penha*, que faz referência à Lei n. 11.340, que pune com prisão os agressores de mulheres, que fala do assunto de uma forma irônica e que retrata uma mulher que reage à violência com força e determinação. Relato disponível em:

<https://www.blogsoestado.com/pedrosobrinho/2007/08/27/de-forma-ironica-alcione-critica-violencia-contr-a-mulher/> Acesso às 18:00 horas do dia 23 de agosto de 2019.

² Disponível em: <http://www.relogiosdaviolencia.com.br/> Acesso às 09 horas, do dia 03 de outubro de 2018.

gados oficialmente. A violência de gênero se dá através de profundas raízes na estrutura patriarcal da nossa sociedade. Atinge mulheres de todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas. Entretanto, algumas mulheres estão mais vulneráveis às agressões domésticas. Nesse sentido, as estatísticas e os estudos mostram que mulheres negras estão mais propícias a sofrer com as agressões.

Ao levarmos em consideração as complexidades desse impacto de raça, gênero, orientação sexual e da classe social, nos deparamos com enormes diferenças. As mulheres negras ainda hoje têm menos oportunidades, e esse pode ser um dos motivos que as tornam alvos mais fáceis. A cientista social Lélia Gonzalez, ao chamar atenção para essa questão há mais de 30 anos, afirmava que:

Falar de opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam o preço muito caro pelo fato de não serem brancas (GONZALEZ, 1988, p. 14).

Percebendo esse problema como fator histórico e social, eu, entendendo meu lugar enquanto mulher, negra, musicista ocupando “um lugar de fala” e de visibilidade social, na posição de quem já passou pelo drama da violência doméstica por exercer profissionalmente a carreira musical, e entendendo que na ocasião eu não tinha voz representativa, coragem e maturidade, para compreender a complexidade e a magnitude cultural que estavam implicadas dentro das agressões que sofria, aproveitei a oportunidade, a maturidade e o conhecimento advindos do meio acadêmico para abordar a trajetória de quatro mulheres musicistas vítimas de violência doméstica vivendo em uma casa de acolhimento - uma *Ocupação*, em Porto Alegre.

A Etnomusicologia é um *campo minado*, nesse sentido, nossos passos em campo estão sempre esbarrando em inúmeros problemas sociais, dentre eles o tema da violência doméstica e do feminicídio, os quais vêm ganhando visibilidade em todos os meios de comunicação na atualidade. Trago para essa escrita esse tema, porém sob um ponto de vista da área da etnomusicologia. Aqui quero abordar o tema das mulheres musicistas vítimas de violência doméstica que encontraram, em uma casa de acolhimento, uma chance para um novo recomeço em suas vidas.

Nesse sentido, ao debruçar-me sobre minhas leituras deparei-me, por exemplo, com o trabalho da cientista política Kathanne Greene, uma pesquisadora das relações do Direito Público com mulheres, política e música. Em seu artigo *Mulheres cantoras e compositoras como atores exemplares: A música do estupro e da violência doméstica* (2017), Grenne expõe e analisa a ação exemplar de canções e performances sobre estupro e violência doméstica, es-

critas e interpretadas por cinco mulheres cantoras e compositoras americanas: Joni Mitchell, Tracy Chapman, Tori Amos, Ani DiFranco e Lady Gaga. Para a autora, nenhum dos movimentos antiestupro ou antiviolaência doméstica dependiam da música como fonte de identidade, solidariedade ou mobilização, mas sua existência abriu um espaço para músicos, especialmente mulheres, cantoras e compositoras com intuito de capacitar, educar e conscientizar mulheres e homens, isto é, envolver as pessoas em ações exemplares em torno das questões de estupro e violência doméstica. Sendo assim, tomo essa literatura como âncora para dar o “pontapé” inicial sobre essa temática ainda invisibilizada pela literatura dentro e fora dos muros acadêmicos.

Orientações teóricas

Ao aprofundar meus estudos sobre o que as etnomusicólogas têm escrito sobre gênero e violência no âmbito musical, pude perceber que esse tema ainda é incipiente no Brasil, sendo que pesquisas a respeito dessa temática têm sido mais desenvolvidas nos EUA. A retrospectiva histórica através dos livros sobre o movimento feminista dentro do ambiente musical revela a trajetória inicial das feministas na Musicologia, na década de 1960 (NEIVA, 2015), tendo como pioneira Susan McClary (1993). A autora procura através de seus estudos histórico-musicais, reconsiderar papéis associados ao homem e a mulher na história da música ocidental e, com isso, propor novas possibilidades de criação e valores sociais. Dialogando com a autora, outra musicóloga consagrada trabalhando com a mesma temática é Suzane Cusick (1994), a qual afirma que a musicologia enquanto campo científico da música assume todas as qualidades consideradas masculinas, e explica que apesar de haver diferentes abordagens feministas, em relação ao estudo da música, e à musicologia propriamente dita, todas estão preocupadas com as relações de poder dentro do campo da música e a relação que se estabelece entre esses poderes, no sentido de refletir, ou reforçar relações de poder e gênero.

Desvantagens e desigualdades, termos usados pelas autoras acima, já configuram um tipo de violência contra a mulher, remetem às relações de poder embutidas em nossa sociedade, as quais colocam o sexo feminino em uma situação de subordinação aos desejos do sexo masculino há séculos. Ao fazer referência ao começo da história sobre as feministas no ambiente musical, importa citar neste debate o trabalho pioneiro da etnomusicóloga Ellen Koskoff (2014), que em seu livro *Ethnomusicology: Writings on Music and Gender*, reflete sobre os caminhos trilhados na Etnomusicologia feminista anglo-americana nos últimos quarenta anos. Nesse livro, a autora cita, além das prestigiadas personalidades citadas acima, a musicóloga Marcia Citron (1993), que trilha a mesma linha feminista no âmbito da musicologia. Nesse artigo

Koskoff cita suas experiências como mulher, musicista e feminista. Procura sintetizar os principais debates e discussões teóricas, epistemológicas e metodológicas do estudo de música e gênero. Koskoff expõe como as musicólogas procuram mostrar suas preocupações com as diferenças culturais e entendimentos sociais, em relação à música e gênero que ainda estão tão ausentes em meio à sociedade. No capítulo doze do livro, a autora faz menção e reflete sobre o fato, segundo ela, de a produção dos textos e estudos feministas e de gênero, ser mais difundida na área da Musicologia do que na Etnomusicologia. Fator que pode explicar a baixa quantidade de textos que encontrei referentes ao assunto.

De especial interesse para minha pesquisa, cito a etnografia realizada por Eileen Hayes, etnomusicóloga negra, professora do Departamento de Música da Universidade de Wisconsin-Whitewater, especialista em música afro-americana, teorias feministas, estudos em música e raça na cultura popular americana. Eileen Hayes trata destes temas no seu livro *Songs in Black and Lavender: Race, Sexual Politics and Women's Music* (2010). Nesta etnografia, ao abordar mulheres musicistas lésbicas, negras e não negras, que participam de festivais musicais realizados anualmente em diferentes cidades nos Estados Unidos, ela oferece uma visão crítica sobre o papel da música e da formação das comunidades lésbicas. Hayes, em suas observações de campo, mostra como os festivais musicais ocorrem em locais democráticos e significativos para o surgimento da consciência feminista negra no período contemporâneo. A autora reconta, através de histórias de vida, como essas mulheres lutam contra o preconceito de uma sociedade conservadora dentro e fora desses festivais, e de que maneira essas mulheres ativistas se definem e se entendem em meio a esse universo musical. Logo, a música nesse cenário fortaleceu o surgimento de ideias musicais e sociais através do movimento de performance e escrita das músicas feitas por essas mulheres. Nesse sentido, a literatura é uma contribuição aos estudos feministas negros, revisando-os desde a década de 1970 até a presente data.

Ainda que não sejam musicólogas ou etnomusicólogas, destaco duas escritoras feministas negras fundamentais para o meu tema de pesquisa, bell hooks e Angela Davis. “bell hooks”, notabilizou-se por adotar as iniciais minúsculas no nome, para desafiar as convenções linguísticas e acadêmicas, objetivando com isso dar enfoque ao conteúdo de sua escrita e não da sua pessoa. A escritora negra, professora de estudos afro-americanos, ativista, feminista nos assuntos referentes a gênero e etnia vem há quase 30 anos falando sobre a desvalorização das intelectuais negras, pois, segundo ela, as intelectuais negras não são escritoras famosas e, que nem todas as escritoras são intelectuais. Segundo hooks, em seu livro *Ensinando a Transgredir* (2013), elas continuam praticamente invisíveis na sociedade e questiona: “Ciente de que vivemos numa cultura de dominação, me pergunto, agora, como me perguntava há mais de vinte

anos, quais valores e hábitos de ser refletem meu / nosso compromisso com a liberdade?” (hooks, 2013, p.41).

Angela Davis (2013), conhecida professora, ativista e filósofa norte americana, referência mundial nos temas e discussões públicas sobre racismo e gênero, foi pioneira em revisitar em seus textos os significados profundos da escravidão na sociedade americana. Sobre o tratamento oferecido às mulheres negras no século XIX, Davis ressalta que na sociedade escravagista daquela época, as mulheres eram olhadas como bens móveis, como unidade rentável de trabalho, não havia distinção de gênero ao que se referia ao trabalho braçal, as mesmas eram trabalhadoras o tempo inteiro para os seus donos, e só incidentalmente assumiam o papel de mães ou donas de casa. Davis retrata muito bem essa situação na seguinte passagem:

As mulheres negras do século XIX eram tratadas como homens, e trabalhavam no campo na idade pré-determinada, o tratamento oferecido para as mesmas era sob a ameaça do chicote e do sexo. Para donos de escravos essas mulheres eram exploradas como se fossem homens, castigadas e reprimidas dentro da sua condição de mulher (DAVIS, 2013, p.12).

Ainda segundo a autora, as mulheres negras eram avaliadas pela sua fertilidade, ou pela falta dela, ou seja, quanto mais a mulher produzia, maior era o seu valor de venda, a fim de posteriormente essas crianças serem vendidas em qualquer idade, porque assumiam a posição de animais. Mulheres negras eram tratadas como fêmeas, e estavam constantemente vulneráveis a todas as formas de punição e violência sexual.

Sob outra lente ligada diretamente ao tema desta dissertação, Davis aborda de forma instigante as trajetórias de três mulheres musicistas em seu livro *Blues Legacies and Black Feminism* (1998). Davis aborda as carreiras e o trabalho artístico das cantoras Gertrude “MA” Rainey, Bessie Smith e Billie Holiday nas décadas de 1920 a 1940, musicistas que desempenharam papéis decisivos na formação da história da cultura da música popular nos Estados Unidos. Segundo ela, trata-se de uma investigação sobre as maneiras pelas quais os temas de *blues* gravados por essas vozes femininas representavam não só a realidade da população negra trabalhadora dos EUA, mas, também, como essas canções eram carregadas com letras que opunham-se à servidão ao desejo masculino e como as narrativas dessas performances podem iluminar a política de gênero e sexualidade em comunidades negras. A autora mostra em suas análises de letras e performances destas cantoras aspectos de relacionamentos amorosos vividos que não eram compatíveis com a ideologia dominante e romantizada do amor, tais como relações extraconjugais, violência doméstica, a efemeridade e as relações com muitos parceiros, assuntos considerados intratáveis sob a ótica de classe média branca e que foram em grande parte banidos das instituições culturais da música. Dessa forma, a escritora procura retratar

como o repertório dos *blues* desafiou a noção de que o “lugar” das mulheres estava na esfera doméstica e relata como essas cantoras eram vistas pela sociedade nesse cenário. Para a autora “[...] A postura mais frequente assumida pelas mulheres nessas canções é de independência e assertividade, de fato, desafiadora e às vezes entra através dessa a erupção da violência [...]” (DAVIS, 1998, p.75).

No Brasil, uma Etnomusicologia feminista como área de articulação intelectual e política vem ganhando força em anos recentes. É possível apontar alguns estudos etnomusicológicos pioneiros que se propuseram a discutir questões de música e gênero, (GOMES, 2016) como os estudos feitos pela antropóloga Maria Ines C. Mello (2007; 2008); e pela etnomusicóloga Laila Rosa (2013). O grupo de estudos Feminaria Musical, da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, coordenado por Laila Rosa, é provavelmente o empreendimento mais próximo de uma Etnomusicologia Feminista no Brasil. Seguindo a mesma linha de estudos, um dos resultados dessas iniciativas foi a publicação de uma coletânea de artigos pela Associação Nacional de Pesquisas e Pós-Graduação em música (ANPPOM) intitulada *Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas* (NOGUEIRA; FONSECA, 2013).

Os tratamentos de invisibilidade, submissão, opressão dentre outros, direcionados às mulheres é sem dúvida um problema cultural enraizado em nossa sociedade. Esse precisa ser discutido, compreendido e respeitado a partir de novos conceitos, definições e novos olhares literários. Entendendo a trajetória dessas acadêmicas de diversas áreas, as conquistas alcançadas durante esses longos anos, e percebendo o meu lugar de fala dentro desse projeto, como mulher negra, trago agora outras vozes para dialogar sobre gênero e violência. São artistas, pesquisadoras, ativistas negras, as quais abordam os mesmos assuntos, mas de lugares étnico-sociais diferentes.

Das minhas atividades formativas durante o mestrado por meio de leituras, seminários e palestras, destaco as contribuições de quatro feministas negras que não só se inspiraram em suas colegas norte-americanas sobre essa temática, mas também abriram o caminho para outras perspectivas, análises e experiências culturais. Em primeiro lugar, trago a feminista, ativista, professora e antropóloga Lélia Gonzalez (1935-1994), a qual apontou de forma contundente e pioneira, em seu artigo *Por um Feminismo Afro-latino-americano* (1988), a questão da abolição da escravatura no Brasil como mera formalidade, defendendo a abordagem de questões muito mais complexas do que a liberdade alcançada por uma simples assinatura, questionando a persistência em nossa sociedade do racismo e o preconceito contra os negros e em especial contra as mulheres negras. Para ela, as questões femininas negras iam mais além e assim as definiu: “...nós mulheres não brancas, fomos ‘faladas’, definidas e classificadas por um sistema

ideológico de dominação que nos enfatiza como inferior no interior da sua hierarquia.” (GONZALEZ, 1988, p.14).

Também em concordância com as autoras feministas negras referidas até aqui, destaco em meu projeto Suely Carneiro, uma mulher negra, Doutora em Educação, fundadora da ONG *Geledés, Instituto da Mulher Negra*. Em comemoração aos vinte e três anos de sua fundação, foi lançada em 2013 a re-edição de uma importante coleção de textos de Carneiro publicados em 1993: *Mulher Negra*. Nestes textos, Carneiro mostra que a identidade é algo que se constrói em oposição a um fato, é resultado de um processo cultural. A mesma se refere à definição sexual e racial a partir do nascimento, como essas definições ajudam na construção da identidade social de cada indivíduo, somados a elementos culturais, religiosos e psicológicos. Aborda as diferenciações entre homens e mulheres e que, seja do ponto de vista físico, biológico ou cultural, todos esses aspectos contribuem na construção de uma identidade negativa em relação à mulher, a fim de justificar os diversos níveis de subordinação e opressão a que nós mulheres somos submetidas, e assim promover nas mesmas uma aceitação de um papel subordinado socialmente.

A autora entende a identidade feminina como projeto que desconstrói as ações introjetadas de rainha do lar, de mãe, da restrição ao espaço doméstico, e prega o resgate das potencialidades abafadas ao longo dos séculos. Para ela, a nova consciência da igualdade feminina levanta bandeiras no mercado de trabalho, bem como nas escolas, as quais produzem e direcionam as meninas para as atividades consideradas femininas (CARNEIRO, 2013). Ainda traz para o debate a saúde da mulher, e questiona sobre os métodos contraceptivos que ainda hoje ficam sob a total responsabilidade do sexo feminino. Aborda a questão da violência doméstica e explana sobre o exercício da violência como um problema social e cultural. A autora faz questionamentos referentes ao perfil das mulheres desse país, fala sobre as mulheres negras, as quais já trabalhavam em inúmeros ambientes rudes desde a escravidão e ganharam a identidade de objeto, a serviço de sinhozinhos e sinhazinhas. Infelizmente, ainda hoje, é válido destacar em alguns contextos o forte senso patriarcal, e a reserva da mulher a uma hierarquia social semelhante à dos escravos, negando-lhe direitos básicos que constituem a noção de cidadania moderna.

Através da mesma lente, trago agora a escritora Jurema Werneck, médica, ativista negra, lésbica, fundadora da *ONG CRIOLA*, no Rio de Janeiro, em 1992. Em um dos artigos mais citados nesta vertente de estudos, intitulado *Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo*, a autora chama a atenção para “as mulheres negras como sujeitos identitários e políticos, as quais são resultado de uma

articulação e dominação ocidental eurocêntrica ao longo de séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade socializada e racista em que vivemos” (WERNECK, 2009, p.151). Mas é sua tese de doutorado, defendida em 2007, *O samba segundo as Ialodês: Mulheres negras e a cultura midiática*, que ecoa fortemente no tema de minha pesquisa. Werneck procura dar luz para as mulheres negras cantoras e compositoras no Brasil. Através de uma retrospectiva histórica, a pesquisadora traz um pouco da trajetória musical de Chiquinha Gonzaga, uma das primeiras mulheres negras a ganhar evidência no cenário musical dentre outras que vieram posteriormente. Através de sua pesquisa, Werneck aponta alguns nomes de mulheres de representatividade que ingressaram na cultura de massas do samba e suas atuações que transcenderam os limites da comunidade e da cultura negra. A autora destaca em seu trabalho as trajetórias das cantoras/compositoras negras Alcione, Leci Brandão e Jovelina Pérola Negra. Nesse contexto, disserta sobre o pressuposto do reconhecimento dessas mulheres como sujeitos sociais e políticos e traz o questionamento sobre a chamada “Ordem do Silêncio” na produção do completo silenciamento não apenas das mulheres negras, mas destas em particular. Partindo dessas reflexões sobre a invisibilidade de corpos negros a exhibir sua arte, afirma Werneck:

[...] As condições de vida das mulheres cantoras negras são marcadas pelo racismo e pelo patriarcado que ao longo de outros fatores produtores de assimetrias sociais, resultam em vidas marcadas pela violência, pela injustiça e pela privatização material. (WERNECK, 2007, p.222).

A escrita da autora nos faz refletir sobre o papel das mulheres negras dentro de uma sociedade contemporânea ainda machista e excludente. Penso que para mudarmos tal conceito um dos caminhos a ser percorrido é o da escrita. Há uma necessidade clara de mais literaturas que falem da nossa história, da nossa luta diária contra um sistema opressor. Nós mulheres negras, intelectuais, ou não, temos que usar a fala, e através de nossa escrita mostrar nossa visibilidade intelectual e social enquanto seres pensantes e com voz representativa em meio a esse contexto social que insiste em nos silenciar.

Fazendo um paralelo entre os focos dos trabalhos de Davis, Werneck e o meu, fica claro que, diferentemente da minha escrita, que fala da violência mais física a qual é a última instância das demais agressões que, geralmente, antecedem essa ação, o trabalho de ambas as autoras evidenciam as trajetórias musicais das cantoras/compositoras em meio às violências sociais a que todas elas foram submetidas. Nesse aspecto, todas as personagens, embora em cenários diferentes, primeiramente são expostas a esse tipo de violência, a qual funciona como

uma espécie de “*extensão*” na disseminação das violências para os demais territórios, dentre eles o doméstico.

Para fechar momentaneamente meu referencial teórico, trago as reflexões da filósofa feminista Djamila Ribeiro, expostas em seu livro *O que é lugar de fala?* Segundo ela, numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar o racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidade por conta desse sistema. Ainda segundo Ribeiro, pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão, logo ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. E segue argumentando que:

Assim entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando da localização social. E a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente na contribuição dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017, p. 88).

Logo, percebendo a incipiência do tema abordado na etnomusicologia sobre as perspectivas das autoras feministas negras, trago essas escritoras para me darem sustentação intelectual e literária para que, através do meu projeto de pesquisa, minhas personagens possam externar os constrangimentos que seus projetos musicais sofreram por força dos tensionamentos, imposições, agressões e violências físicas sofridas no espaço doméstico.

Escolhas e suas representatividades: delineando o objeto de pesquisa

Trago como objetivo dessa dissertação uma reflexão sobre as relações entre práticas musicais, gênero e violência doméstica, valendo-me das aprendizagens e das questões levantadas na literatura etnomusicológica e pelas autoras feministas negras acima mencionadas. Com a ajuda delas, exponho as seguintes problematizações para esse trabalho: Quem são essas mulheres musicistas vítimas de violência doméstica? Em que medida as agressões que sofreram operam nas suas subjetividades e na reconstrução identitária como musicistas? Qual o papel da música em suas vidas? Como elas entendem as relações entre as atividades musicais e os agentes causadores das agressões? Como a violência doméstica afetou e transformou a vida dessas mulheres que trabalhavam profissionalmente, ou não, com a música?

Para a realização desse estudo iniciei-me na pesquisa qualitativa e nos métodos de campo em etnomusicologia com a leitura dos artigos no livro *Mixagens em Campo* (LUCAS, 2013). Para reforçar esse percurso metodológico amparei-me em GOLDEMBERG (2004), BEAUD & WEBER (2014), MERRIAM (1964) e especialmente SEEGER (2008).

Segundo Merriam (1964), a Etnomusicologia é uma disciplina que almeja aproximar-se dos métodos científicos, na medida possível de uma disciplina que lida com o comportamento humano e seus produtos. Ainda segundo ele, entende-se método científico pela formação de hipóteses, o controle de variáveis, a avaliação objetiva dos dados coletados e o agrupamento dos resultados a fim de alcançar generalizações sobre o comportamento musical, que serão aplicáveis ao homem. Contudo, esta concepção de método encontra um novo sentido em Seeger:

A etnografia da música é o estudo sobre as maneiras que as pessoas fazem música. Ela deve estar ligada a transcrição analítica dos eventos. Geralmente inclui tanto descrições detalhadas quanto declarações gerais sobre música, baseada em uma experiência pessoal ou um trabalho de campo (SEEGER 2008, p.2).

Meu trabalho de campo deu-se em uma casa de proteção a mulheres vítimas de violência, a qual optei por colocar o nome fictício de *Ocupação Guerreiras*, com o intuito de preservar a instituição, as acolhidas que lá vivem, bem como as demais colaboradoras da casa. Em um primeiro momento, minha aproximação com essas mulheres aconteceu através da música, como cantora, fui algumas vezes nos meses de abril e maio de 2018 até a instituição nesta condição, com intuito de estreitar laços com essas mulheres. A *Ocupação Guerreiras* é um ambiente cultural e musical e, por minhas habilidades musicais, logo fui bem aceita, e, a partir de então, estabelecemos um relacionamento de confiança e proximidade.

Como ensinam Beaud & Weber, “Certos meios irão acolhê-lo de braços abertos, porque sua pesquisa será vista como capaz de legitimar ou valorizar sua experiência e suas atividades” (BEAUD; WEBER, 2014, p.80). Neste momento, comecei a experimentar o campo através de uma observação participante.

Nesse espaço, onde na época em que passei a frequentá-lo habitavam cerca de nove mulheres, encontrei as musicistas que concordaram em participar do meu estudo. São quatro mulheres na faixa de 27 a 34 anos, sendo três delas negras e uma branca, com escolaridades diferentes, uma estudante universitária e as demais cursando o ensino médio ou em fase de conclusão. Destas quatro, duas são mães, e, até o presente momento, todas estão inseridas no mercado de trabalho, como trabalhadoras domésticas ou como auxiliares de serviços gerais em bares e restaurantes; já a colaboradora que se encontra fazendo graduação trabalha como estagiária em uma empresa. Também pude perceber que todas são de classes sociais economicamente menos favorecidas, e que, para prover seu sustento, já trabalhavam com a música em eventos, bares, festas e apresentações culturais profissionalmente, e outras estavam dando os seus primeiros passos com a música antes das agressões, interrompendo seus projetos artísti-

co-musicais a partir de então. A maioria de minhas colaboradoras que sofreram com as agressões por parte de seus ex-companheiros e precisaram do acolhimento da casa *Guerreiras* para fugir das agressões, são mulheres negras.

Partindo dessas considerações, e percebendo a *Ocupação* como um ambiente musical onde as moradoras da instituição já desenvolvem muitas ações sociais, as quais envolvem shows, festivais musicais e culturais com frequência, optei por realizar um estudo aprofundado nesse espaço, com intuito de perceber qual é e como acontece o relacionamento dessas mulheres com a música e como elas se comportam neste ambiente musical, visto que muitas mulheres não conseguem mais executar suas aptidões musicais após as agressões. Outra área que busquei observar como etnomusicóloga em formação foi a de como a música ajudou essas mulheres a passar pelo drama da violência doméstica. E de que maneira ela auxilia na reintegração dessas mulheres na sociedade. Durante o tempo que estive em campo procurei estar atenta sobre como são as relações delas e seus projetos com a música atualmente.

A coleta de dados ocorreu através de entrevistas individuais e reuniões coletivas com minhas colaboradoras, dentro e fora da casa; fiz uso de fotos, diário de campo, sempre me valendo da observação participante, que foi de suma importância para uma boa prática em campo. Dessa forma fiz uso desses procedimentos metodológicos, respeitando os valores particulares e a história de vida de cada uma delas. E procurei entender qual o papel da música na reconstrução pessoal e social na vida dessas mulheres. Através dessa pesquisa pretendo deixar uma “porta aberta” para futuros trabalhos com a mesma abordagem, com intuito de provocar novos olhares e reflexões.

Esta dissertação estrutura-se em cinco capítulos, nos quais procuro entrelaçar as trajetórias de vida de minhas colaboradoras fazendo um “link” com minhas reflexões e com a literatura escolhida para esse trabalho. No decorrer da escrita, usarei o nome fictício de *Guerreiras* ao me referir à casa que as acolheu. E para dar referência ao meu nome e ao *pseudônimo* de minhas colaboradoras usarei a letra em itálico e caixa alta; a palavra AGRESSOR aparecerá no texto obedecendo aos mesmos critérios, porém em negrito evidenciando a fala dos mesmos através da narrativa de minhas colaboradoras. Ressalto também que nas transcrições dos diários de campo e entrevistas procurei deixar na íntegra as falas de minhas colaboradoras e dessa forma as expressões próprias da cultura de cada uma delas.

Seguindo as dicas das orientações recebidas para me aprofundar no conhecimento das escritoras feministas negras, destaco o quanto meu contato com a obra de bell hooks, ajudou-me a

compreender melhor o desafio da escrita, pois ela nos chama a atenção para todas as dificuldades que uma mulher negra enfrenta ao chegar na faculdade e da resiliência necessária para virar o jogo através da educação. Aprendi igualmente com a escrita do clássico *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina de Jesus, publicado em 1960. Autora negra que não carregava conhecimentos advindos dos bancos acadêmicos, Carolina de Jesus logrou comunicar de uma maneira simples e direta toda a realidade desumana que experimentava a grande maioria da população negra nas periferias urbanas de São Paulo. Sinalizo ainda a produção da importante escritora negra Conceição Evaristo, em especial *Ponciá Vivência* (2017), obra através da qual a autora tornou-se referência para mim, ao me mostrar como em sendo mulher *preta* de origem pobre, conseguiu através da educação notoriedade e visibilidade literária depois de atingir a maturidade. Todas estas mulheres negras, por trazerem seus olhares e a perspectiva das problemáticas sociais dessa etnia em seus trabalhos, me serviram de inspiração no processo de elaboração e escrita de minha pesquisa.

No primeiro capítulo descrevo inicialmente minha trajetória e como o meu caminho se entrelaça com os de minhas quatro colaboradoras e as diversas situações de violência doméstica que enfrentaram através de seus caminhos e projetos musicais. Os tópicos seguintes apresentam minha entrada em campo, como estudante e musicista, a minha aproximação da *Ocupação* assim como dos diferentes participantes deste espaço.

No segundo capítulo apresento as narrativas que vão compondo as trajetórias de duas colaboradoras, *Melodia* e *Aduoa*. Os tópicos são divididos entre: meu primeiro encontro com essas musicistas; a narrativa de *Melodia* desde sua infância até a fase adulta e o período de abrigagem na casa de abrigo; a história de vida de *Aduoa* e seus percursos de mulher, musicista, negra e homoafetiva e o período de moradia na casa-lar *Guerreiras*.

No terceiro capítulo, sigo com mais narrativas e trago as histórias de vida das colaboradoras *Anyango* e *Anulyca*. Neste, sigo os seguintes fios narrativos: a infância e as dúvidas da adolescência de *Anyango*, a sua descoberta que o príncipe encantado pode ser na realidade um sapo; a frustração da mesma em sua terrível descoberta e a decisão de sair do ciclo de violência e recomeçar, tendo a *Ocupação* como referência. De *Anulyca*, trago suas lembranças do seu universo musical e das agressões físicas do pai contra mãe; a reincidência das agressões pelo seu agressor na vida adulta, e o dribble diário para exercer suas habilidades musicais; aprendizagem e convivência com os fantasmas da infância; mudanças de cenários e o não rompimento das ações; a opção dolorosa e a nova chance de vida que se deu ao ir morar na *Ocupação*.

No capítulo quatro apresento a *Ocupação Guerreiras* como espaço musical, sem esquecer que se trata de um território social e político. Organizei o capítulo de forma a exemplificar a

ocupação como espaço musical diversificado com festas e saraus com apresentações de diferentes grupos, atividades de aulas de música e instrumentos, sempre trazendo observações de campo acerca desses momentos de interação e a reação de minhas colaboradoras quando expostas a um ambiente sonoro musical.

No quinto e último capítulo, escrevo sobre os momentos de reencontro que tive com cada uma de minhas interlocutoras já ao final de minha formação de mestrado. Em uma narrativa mais reflexiva, após as experiências que adquiri em campo, trago os recomeços e novas histórias que cada uma vem redesenhando em novos cenários. Percebo que, para essas mulheres, os novos caminhos escolhidos depois da casa de passagem são acompanhados de uma trilha sonora única, composta individualmente, mas que foi sendo adaptada aos novos tons que agora dialogam com uma nova etapa de suas vidas.

Por fim, concluo meu trabalho fazendo um balanço das perguntas que fiz no início da pesquisa, das muitas leituras, escritas e cursos de formação que realizei, e dos encontros com essas mulheres com intuito de trazer, não de forma fechada e taxativa, a relação com a música como agente desencadeador da violência doméstica, como uma questão reflexiva a respeito dessa violência tão recorrente no cenário musical que o senso comum não percebe. A partir dessas narrativas descritas aqui, quero dar luz para dentro e fora dos muros acadêmicos e, dessa forma, deixar uma porta aberta para que as futuras gerações de musicistas e seus/suas simpatizantes percebam que a música, assim como a moeda, tem dois lados e eles precisam ser vistos, considerados e respeitados.

CAPÍTULO 1. DESAFIOS...

1.1- Minhas fotografias

Com a ajuda da professora Kidula, lembro que “a etnomusicologia é um estudo da música no contexto humano, particularmente cultural” (2006, p.3). Percebo hoje com minha iniciação na etnomusicologia, que toda a bagagem cultural musical que adquiri durante meus 43 anos de vida, influenciou, e muito, na minha construção identitária enquanto musicista e profissional em formação. Segundo Anthony Seeger, “há um elemento de escolha pessoal em todos os trabalhos de campo” (1980, p. 26) e eu não fugi à regra. Para tanto, precisei fazer um regresso histórico através de minhas “memórias fotográficas” desde minha infância, a qual foi vivida em um ambiente musical, mas também extremamente violento. Falo de minha trajetória como mulher negra, musicista, cantora, filha de um funcionário público e uma empregada doméstica, nascida e criada na zona norte de Porto Alegre, em uma casa humilde de madeira onde as frestas “faziam parte do cenário”. Irmã mais velha de duas filhas, tive uma infância alegre “até a página 2”: meus pais nos davam tudo que podiam, sempre tivemos as bonecas e os brinquedos mais caros, e isso é motivo de gozação até hoje entre nossos primos. Meu pai, apesar de ser muito bom com as filhas, era um carrasco com a minha mãe; seguidamente presenciávamos essas agressões, as quais ele fazia seguidamente na nossa frente sem cerimônia alguma. Em meio a isso, meu pai sempre me levava para as rodas de samba perto de casa, na casa de parentes ou em qualquer outro lugar onde estivesse rolando música. Ficávamos por ali curtindo e apreciando o momento. Em casa, lembro que adorava sentar em cima da caixa de som para cantar e por ali eu ficava horas a fio. Desde muito cedo, o cenário cultural musical de minha família sempre foi influenciado pelo samba.

Hoje, estudando sobre, entendo que minhas preferências musicais advêm de minha criação musical cultivada durante minha infância e adolescência. Lá em casa, fomos criadas ouvindo ícones como Alcione, Agepê, Beth Carvalho, Benito de Paula, Gonzaguinha, Bezerra da Silva, entre outros... Dessa forma, meu referencial musical vem da música negra cantada por cantoras e cantores negros, que naquela época, pelos anos 1980, 1990 ganharam visibilidade midiática e notoriedade como artistas que representavam a cultura negra dentro de nossa sociedade. Esses artistas retratavam a grande maioria dessa população discriminada e estigmatizada dentro desse contexto negro popular. A música se fazia presente em minha rotina e em festas da família onde eu era sempre a atração principal, desde muito cedo. Na escola, não era diferente. O tempo foi passando... Tive o meu primeiro filho muito jovem, aos quinze anos. Meu pai sempre incentivou nossos estudos e vivia dizendo: “Se não estudarem vão varrer rua quando crescerem”.

Concluí o ensino fundamental na escola pública. Eu sempre estava em festas e eventos que envolviam música. Logo em seguida comecei o curso Normal, meu pai ficou orgulhoso, iria ter uma filha professora. A música sempre foi minha parceira durante esse trajeto de vida. Dois anos depois, eu conheci meu agressor cantando em um evento da escola. Tempos depois, eu já estava casada com outro filho pequeno hoje com 25 anos e casado. Dois anos depois, eu ganhei o terceiro filho hoje com vinte e três anos. Esse, ainda está pensando o que vai fazer da vida. Bem, então eu estava com vinte anos e com três filhos pequenos. Com a chegada do meu terceiro filho, comecei a me questionar sobre a minha vida e aonde eu iria chegar agindo daquela forma. Quis, então, trabalhar, produzir, voltar a estudar e a cantar, porque eu sempre gostei de aprender e tinha uma relação com a música muito forte. Mas, no meio do caminho foram tantas distrações que eu me perdi no tempo e no espaço. Com essa conscientização da minha situação de vida, começaram os primeiros conflitos conjugais. Meu companheiro não aceitava as minhas ideias, o meu jeito de agir e muito menos a minha musicalidade. Logo, a cada vez que eu externava as minhas vontades aconteciam agressões físicas e morais. Ele era muito agressivo comigo; eu com três filhos pequenos não encontrava coragem para sair daquela situação. Assim, me via às voltas com a mesma situação que eu havia me criado assistindo meu pai batendo na minha mãe. Naquela época, não tínhamos a lei *Maria da Penha*, que hoje ampara e assiste as mulheres agredidas. Meu ex-companheiro não aceitava que eu fosse trabalhar fora. Bom, a respeito da música ele me proibiu de falar sobre esse assunto em casa e a cada tentativa de me emancipar era uma surra. Mesmo apanhando muito eu não desisti, e consegui convencê-lo em “deixar” pelo menos eu trabalhar fora. No ambiente de trabalho, comecei a ver coisas que antes eu não via, sentir o que eu não sentia, e almejar o que eu não tinha. A partir daquele novo momento, eu não queria mais as agressões na minha vida. E alguém quer? Viver triste, marcada, magoada, eu não era aquela pessoa, não me encontrava nela. Aos vinte e um anos, após uma profunda análise da minha situação emocional, física e psíquica eu decidi criar coragem e dizer que eu não queria mais aquela vida para mim. Precisava e queria viver a minha vida, os meus sonhos, a minha música. Como forma de punição, ele fugiu com os meus filhos para me castigar, me pressionar a voltar com ele. Foram tempos terríveis, mas, àquela altura ou eu tomava atitude de me separar, ou eu não estaria aqui hoje relatando a minha trajetória. O preço da minha liberdade foi alto, fiquei sem os filhos, sem casa, sem dignidade, sem roupa, pois ele rasgou todas que eu tinha... Literalmente. Nessa época, meu pai tinha falecido recentemente e minha mãe tinha ido morar no interior do estado. Vi aí minha oportunidade de recomeçar uma nova vida, ou pelo menos tentar. Juntei meus “caquinhos emocionais” e fui morar no interior do estado. Despedaçada, magoada, ferida, sem roupa, mas viva. Um ano se passou e meus planos eram

claros. A ideia era de no ano seguinte voltar a estudar. O tempo correu... Eu conheci outra pessoa e tive uma filha, hoje com dezesseis anos. Por causa das ameaças constantes psicológicas de meu ex-agressor eu acabei tendo um Aneurisma Cerebral com sete meses de gravidez. Submetida a uma cirurgia de risco, com um mês de internação e superando todas as estatísticas, eu sai de lá andando falando e sem nenhuma sequela motora, mas com algumas dificuldades cognitivas as quais me afetam até hoje. A recuperação foi lenta, lembro que ainda no pós-cirúrgico tentei cantar o samba-canção *Ronda*,³ e percebi que eu não sabia mais a letra. Essa descoberta me levou às lágrimas. Sabia que a estrada seria longa, a partir dali eu só tinha pressa de descobrir até onde tudo isso iria afetar a minha rotina. No ano seguinte, eu já com vinte e oito anos retomei os meus estudos no segundo ano do Ensino Médio. Na escola, eu percebi que minha escrita também havia sido afetada pelo aneurisma. Mas tive que aprender a conviver com isso, aliás, convivo até hoje. O ingresso no mestrado tem me ajudado muito nessa reconstrução. Em meio a muitas dificuldades de reaprendizado, eu nem imaginava, mas ali começava a minha história com a música. Na escola em que eu estudava no ensino médio, havia um projeto social que se chamava *Grupo Afro Orgulho da Raça*. O mesmo foi o ganhador de um prêmio da empresa de jornalismo RBS em 2018. Esse grupo dança músicas afro-brasileiras e divulga a arte da dança negra por todo o Brasil. Através de uma audição para a vaga de cantora, passei nos testes e assumi a posição de vocalista do grupo. Daquele momento em diante, muitas portas se abriram e por lá eu permaneci por dois anos. Ao terminar o Ensino Médio, eu já estava atuando como cantora na noite em barzinhos, festas e eventos em geral. Logo, eu consegui retomar o meu curso de Magistério, o qual eu havia deixado para trás ao engravidar do meu primeiro filho. Por ser uma cidade pequena e preconceituosa eu tive que enfrentar muitos problemas para estudar, pois eu era uma mulher negra, cantora, que cursava Magistério. Isso poderia ser um fator crucial para a continuação da minha formação. E foi. Logo, esses fatores incomodavam e muito as coordenadoras da escola na qual eu estudava e os olhares de reprovação vindos das mesmas contra o meu trabalho eram notórios. Sendo assim, as coordenadoras do curso não suportavam a minha condição e faziam questão de deixar isso bem claro. Durante o tempo em que estive na condição de aluna, era muito visada musicalmente, ganhava festivais musicais e capas de jornais da localidade, seguidamente. A minha condição de visibilidade social incomodava as professoras do curso normal. Durante os dois anos de estudo, as responsáveis pelo curso tentaram me fazer parar várias vezes, alegando que eu era

³ *Ronda*: “canção composta por Paulo Vanzolini em novembro de 1953, virou uma espécie de hino de São Paulo, e durante anos foi a mais tocada e mais pedida em bares e boates da cidade.” Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ronda_\(1953\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ronda_(1953)) Acesso às 22:40 do dia 10 de julho de 2020.

cantora e não podia atuar como professora. Diziam que eu não tinha “postura” para exercer o cargo de “professora”. Pois bem, faltando três meses para formatura elas me impediram de continuar o curso sem alegações relevantes. Para poder terminar o curso, tive que entrar na justiça para obter o meu direito de concluir o mesmo através de uma liminar judicial. Esse fato ocorreu no final do ano de 2008; minhas colegas que já estavam com tudo pronto para formatura cancelaram a mesma em protesto contra a ação da escola contra mim. No ano seguinte, eu ganhei judicialmente o direito de voltar para a escola do ponto onde eu tinha parado, pois era de costume da direção da instituição fazer as alunas parar o curso e retomar no ano seguinte do começo. Retornei à escola com garra, com gana, com foco me formei junto com a turma que estava concluindo o curso naquele ano, e adivinha... As coordenadoras que me barraram não foram na formatura, acho que para não ter que me dar o gostinho de me nomear como professora. Em uma atitude de protesto, para a solenidade de formatura gravei a música *Madeira*, interpretada pela nossa querida “Marrom”⁴ a qual traz em seu início a seguinte frase: “Nada, como um dia após o outro, tenho essa virtude de esperar” e entrei com ela para receber o meu diploma.

Durante todo esse tempo eu atuava como cantora, mas no finalzinho do curso de Magistério eu tive alguns problemas com pessoas que trabalhavam comigo na banda que eu tocava. Nessa ocasião, tive a minha primeira decepção no meio musical. “Nós músicos”, ou a grande maioria, temos um problema chamado “ vaidade”, que pode se manifestar em maior, ou menor proporção de acordo com o tamanho do “ego” que carregamos. O ego de uma colega de trabalho, juntamente com o machismo e imposições patriarcais de outro integrante, me revelaram esse lado obscuro de alguns músicos. Por não compactuar e não concordar, nem me submeter a algumas situações, resolvi me afastar. Perante essas e outras situações, minha decepção no cenário musical foi tão grande e profunda que me deixou por oito anos afastada ativamente dos palcos. Aproveitei a oportunidade, deixei a música em “off” e fui estudar.

Entre para a faculdade cursando Pedagogia em outra cidade, dava aula para o quinto ano do ensino fundamental durante o dia e à noite ia para o curso. Já no ambiente acadêmico, comecei a fazer os cerimoniais como cantora na Ulbra em Cachoeira do Sul, mas sem muito compromisso, estava focada em concluir os estudos. Lá também sofri preconceitos por causa das minhas habilidades musicais. Em certa ocasião uma das professoras (branca) me chamou de “negrinha safada” por eu exercer minhas habilidades dentro do ambiente acadêmico e usar esse espaço para fazer isso ao invés de só estudar, claro, que a mesma não me disse isso com essas

⁴ - *Marron*, nome artístico, como a cantora de samba Alcione é conhecida popularmente dentro e fora do Brasil.

palavras, mas ao fazer esse comentário, detalhe (na frente de toda turma) deixou seu preconceito contra a minha profissão bem claro. Perante esse fato, fui reclamar com a coordenadora do curso sobre a postura da professora, a mesma tentou colocar “panos quentes”, para não deixar a situação ainda pior. Acabei optando por trocar de curso, ingressando na Biologia. No ano seguinte, em 2010, eu estava dando aula para o primeiro ano do ensino fundamental no interior do município onde morava. Uma amiga, também professora, me noticiou que estavam abertas as inscrições da primeira edição do reality musical *The Voice Brasil* da rede Globo. A mesma me incentivou a participar, disse que me ajudaria a fazer a inscrição, e que inclusive gravaria um vídeo comigo cantando em um lugar bem bonito da cidade. A princípio relutei, mas acabei cedendo e participei do processo seletivo. Para minha surpresa, fui selecionada, e participei até a última etapa. No último dia das audições, a produção da emissora me chamou e conversou comigo, disse que estava me acompanhando pelas redes sociais e que tinha visto que eu não trabalhava com música. A equipe do programa lamentou e me orientou a retomar a história com a música e me inscrever de novo no programa. Foi uma experiência ímpar, a qual eu jamais vou esquecer. De volta à capital, depois de doze anos afastada de minha terra natal, concluí minha graduação no ano de 2016 em Ciências Biológicas. No mês seguinte já dei andamento em minha especialização em Gestão Escolar, concluída também. Nessa caminhada, a impressão que tinha era que me faltava algo, a música estava ali dentro, guardadinha, e eu não podia, não deixava, não a queria deixar sair. Hoje, vejo que eu relutei tanto mais por medo de me perder de novo no caminho. A vida nos dá presentes a todo o momento. Minha saúde, voz, música e família, são o que tenho de mais precioso. Confesso que o melhor acontecimento da minha vida, nos últimos dois anos e meio, foi conhecer o projeto musical do músico Paulinho Parada. Chegar ao projeto *Ação Musical* foi uma recompensa de dever cumprido. Recompensa que eu me dei. Retomar minha arte depois de oito anos “afastada”, e poder retornar mais madura, tem me auxiliado e muito na reconstrução de novos paradigmas da minha trajetória de vida. Concomitantemente, entendo o meu ingresso no mestrado como uma superação dos meus limites “em todos os sentidos”.

Hoje, percebo que tenho muito ainda para aprender, construir, desconstruir. Sendo assim, tenho procurado me redescobrir e me reinventar diariamente através da música e da Etnomusicologia. Estou conseguindo sanar algumas lacunas que ficaram pós- cirurgia através de muita leitura e escrita. O caminho trilhado até aqui não tem sido fácil, mas sou uma privilegiada em trabalhar com aquilo que gosto. Hoje percebo que encontrei um “link” entre a minha música e a minha escrita, as quais só somam na minha reconstrução identitária enquanto mulher, negra, musicista, a dissertar sobre tantas outras mulheres que se encontram na mesma condição. Logo,

fazendo jus à teoria de Seeger, essa dissertação dialoga com minha realidade e me inquieta a partir do momento em que percebo que outras tantas mulheres, musicistas ou não, ainda sofrem com a violência doméstica a partir do momento que externam seus projetos de vida no campo musical.

1.2 - Entrando em campo na casa das “Guerreiras”

Sábado, 20 de maio de 2018: Era um dia quente, cheguei na *Ocupação* por volta das 16 horas, nessa data estava acontecendo um festival musical na primeira casa. Cheguei e já pude perceber a movimentação que era grande naquele espaço, havia muitas pessoas no pátio, o qual é amplo e fica localizado nos fundos da casa. No ambiente há cinco bancos de madeira tipo de praça, e algumas cadeiras espalhadas em volta do pátio. Havia muitas pessoas homens e mulheres, a maioria eu não conhecia. Negros, brancos todos pareciam ver na *Ocupação* um ambiente familiar. Logo em seguida chegaram os músicos, alguns deles eu já conhecia de longa data através de espaços musicais onde eu costumava frequentar enquanto musicista. O grupo musical era composto por cinco homens, os quais tocavam guitarra, violões, baixo e uma bateria. Os integrantes do grupo tinham entre 20 e 30 trinta anos aproximadamente. Na passagem de som, cantaram a músicas *Pais e Filhos*, do *Legião Urbana*. Todos que estavam presentes no local cantaram ao som da canção. Nesse momento, havia aproximadamente umas trinta pessoas, a grande maioria mulheres. Uma das coordenadoras da casa fez uso do microfone para fazer a abertura do evento, e agradeceu a presença de todas e todos. Logo em seguida, ela anunciou o show. Os rapazes ocuparam o palco, tinham um estilo musical Pop Rock, os quais pareciam agradar muito a plateia. Os músicos eram muito simpáticos e agradáveis, enquanto cantavam chamavam o público para interagir durante a sua performance. Os instrumentistas em sua grande maioria usavam os cabelos cumpridos, e roupas que faziam um estilo casual. Nesse dia, conheci cinco das coordenadoras da casa, a qual é composta por uma rede de várias mulheres, que cuidam das mais variadas demandas e atividades desse espaço. A música estava boa, e eu aproveitei para ir conversando com quem estava por ali. Algumas músicas que o grupo cantava eram de meu conhecimento. Já outras, não. Mas pude perceber que eram de conhecimento dos demais que estavam naquele espaço. Pois, todos cantavam animadamente junto com o cantor da banda. Logo pensei que o fato de eu não conhecer poderia ser um indicativo que eu estou ficando realmente velha. A noite foi caindo e no intervalo musical da banda uma das coordenadoras pediu para que cantasse alguma música, já que eu era cantora. Aceitei na hora. Fui conversar com os músicos, e os mesmos não sabiam tocar nenhuma música do meu repertório. Meu repertório musical é composto por samba, como os interpretados por Jorge Aragão, Al-

cione, Beth Carvalho entre outros. Isso reforçou mais ainda a minha tese de que eu realmente estou “ficando velha”. Resolvi então, fazer *a cappella*. Uma das coordenadoras foi até o microfone, me apresentou como cantora e apoiadora da casa, apresentaram-me aos presentes, cantei uma música de Gonzaguinha, chamada *Sangrando*. Enquanto eu cantava pude notar que havia um silêncio ensurdecedor na plateia, todos me olhavam atentamente e prestavam atenção em cada nota que eu emitia. Após terminar minha interpretação fui ovacionada de pé por quem estava assistindo, todos me aplaudiram e pediram para que eu cantasse mais uma música. Fiz a segunda, dessa vez, cantei o *Canto das três raças*, a qual eu conheço na interpretação da nossa saudosa Clara Nunes. Novamente todos me aplaudiram, e dessa vez, já gritavam o meu apelido em coro, Gaby, Gaby... Confesso que fiquei envergonhada e surpresa, pois a menina que me anunciou no microfone disse o meu apelido somente uma vez. Após minha performance musical continuei assistindo ao show. Algumas pessoas vieram falar comigo para elogiar a minha voz, eu gentilmente agradei e sentei-me em um dos bancos espalhados no pátio para continuar assistindo as demais apresentações. O tempo foi passando, e já se fazia tarde. Por morar na zona norte resolvi ir embora, me despedi de algumas pessoas e saí sem ser percebida. A partir daquele momento estreitei meus laços com as moradoras da casa através desse fio condutor de musicista, que passou a nortear nossas relações.

1.3- Conhecendo a *Ocupação Guerreiras*

Minha primeira inserção em campo deu-se através de muitos questionamentos internos a respeito dessa problemática social da violência doméstica sofrida pelas mulheres pela via da dominação patriarcal. A Ocupação Guerreiras foi criada em 2016 e não recebe nenhuma ajuda governamental; logo, as invasões a locais desocupados na cidade de Porto Alegre se fazem necessárias a fim de se arranjar um teto para amparar as mulheres vítimas de agressão. Dessa forma, a primeira casa ocupada por esse movimento, e onde comecei meu trabalho de campo, situava-se no centro de Porto Alegre. Por lá já haviam sido acolhidas mais de 100 mulheres em situação de risco. Nesse endereço, a casa recebeu suas acolhidas durante dois anos.



Figura 1-Entrada da primeira casa da *Ocupação Guerreiras*

Na época em que cheguei a esse espaço, em maio de 2018, havia nove acolhidas na casa. Todas as mulheres vítimas de violência doméstica que chegam nessa instituição são bem recebidas por todos que apoiam a causa. A instituição se mantém através de doações de voluntários e simpatizantes que se solidarizam com esse projeto. O espaço é um ambiente bem democrático, onde acontecem shows e diversas atividades culturais, como música, oficinas e gastronomia. As mulheres que procuram refúgio nessa instituição encontram-se fugindo das agressões de seus parceiros (a), normalmente chegam até a casa por meio de alguém que tem conhecimento a respeito da instituição, ou muitas vezes por intermédio da Prefeitura Municipal, que, embora não apoie a casa com os suportes legais, por não ter condições de atender à demanda no albergue feminino da rede municipal, acaba sempre fazendo esses encaminhamentos para a *Ocupação*.

Essa primeira casa era ampla, dividida em três pisos, só banheiros eram doze, os quais não eram usados em sua totalidade pelas moradoras. No primeiro piso, já na entrada da casa, via-se a cozinha, a área de serviço, uma sala ampla onde acontecia grande parte das reuniões, um corredor grande que dava acesso a mais quatro salas pequenas que funcionavam como sala de acolhimentos às vítimas de agressões que chegavam ao espaço. Nesse mesmo piso, também ficavam três amplos banheiros. No segundo piso, ficavam nove quartos grandes e quatro banheiros. No terceiro piso, havia um grande espaço com cinco banheiros, o qual não estava sendo ocupado, mas que segundo as moradoras servia como salão de festas quando havia um evento grande na ocupação. Essa casa tem trinta peças no total. O pátio também é um espaço bem amplo, todo murado com uma grande árvore no meio do terreno, com bancos e cadeiras espalhadas em seu entorno.

Aprendi logo em campo que, na luta do movimento no combate à violência exercida contra mulher, a casa é um território não só de recomeços, mas também de muita luta e resistência em prol da não violência contra a mulher. É, portanto, um espaço político ativo onde as coordenadoras fazem parte de um grupo de mulheres feministas que lutam para manter o espaço físico da Ocupação e atuar sempre em plena resistência.

O “time” de coordenadoras é composto por aproximadamente dez mulheres, na faixa de idade de vinte a quarenta e poucos anos, sendo a maioria de cor branca de classe média, quase todas fazem graduação ou pós-graduação em alguma instituição pública ou privada da capital, nas mais diversas áreas. A rede de acolhimento dispõe de profissionais qualificados para o atendimento das internas, e inclui assistência médica, psicológica e odontológica. Isso só ocorre, após serem cadastradas no sistema SUS e esse atendimento é estendido para seus filhos. Esse programa oferecido pelas políticas públicas é de suma importância para as moradoras da casa, as quais já chegam à *Ocupação* com carência de todo suporte familiar. O acesso a esses programas de saúde, com rapidez e agilidade, ajuda na reinserção social dessas mulheres. Além de todo esse aparato da rede, as acolhidas têm o suporte de profissionais das mais diversas áreas, que fazem atendimento gratuito nesse espaço.

Algumas semanas depois de minha entrada em campo, notei que o clima era de preocupação geral na casa, pois as negociações contra uma ação de reintegração de posse não avançavam de maneira satisfatória. As acolhidas estavam em pânico, pois algumas já haviam passado pela traumática reintegração de posse dos Lanceiros Negros.⁵ Naquela ocasião, o movimento era composto por famílias que não tinham condições de pagar um aluguel, ou de comprar suas próprias casas. O prédio que sofreu o ato de reintegração de posse ficava também no centro histórico da capital. As acolhidas estavam conversando sobre os dias que antecederam a reintegração de posse dos Lanceiros e sobre o dia daquela ação. Definiram esse ato com uma só palavra: desumano. Segundo elas, os policiais chegaram colocando o “pé na porta” literalmente. Uma das coordenadoras viveu de perto esses momentos juntamente com os seus filhos, e, segundo sua descrição, o denominou como “um cenário de guerra”. Relatou-nos que a BOE,⁶ primeiramente, cortou a água e a luz dos moradores previamente, antes do dia da rein-

⁵ -Ocupação Lanceiros negros- Nome dado a um prédio antigo de posse do governo do estado, que estava “abandonado” no centro de Porto Alegre. O mesmo, foi ocupado por setenta famílias carentes e teve sua reintegração de posse no ano de 2017.

⁶ -BOE- Batalhão de Polícia de Choque.

tegração de posse. Trago de meus registros de campo um pouco deste episódio na voz da coordenadora:

Nós ajudamos a organizar a “23ª Marcha dos Excluídos”, que contava com o apoio de vários movimentos sociais como MST, CUT-RS, MTD, dentre outros que vieram somar forças pelos direitos à moradia digna. Eles simplesmente não ouviram o nosso clamor, nosso pedido de ajuda. Cercaram o prédio, e o helicóptero da BM sobrevoava o lugar todo tempo. O barulho dele era desorientador. Nós sabíamos que a reintegração iria acontecer, mas não podíamos recuar, não tínhamos para onde ir. Após horas de negociação sem avanço, o prédio foi invadido de madrugada. Os soldados da BM não são preparados para tratar com seres humanos sabe?...Eles entraram, meteram o pé na minha porta, os meus filhos estavam chorando apavorados. Eles chutaram os livrinhos de historinha das crianças que eu tinha acabado de comprar com sacrifício. A ação deles foi um ato de covardia contra as minorias. Só consigo descrever com uma palavra; desumano. Hoje, nós estamos com medo de passar por mais um momento de violência como foi aquele. Não queremos que nossas acolhidas passem por esse trauma novamente. Conversamos por mais algum tempo, me despedi e fui embora. (Diário de campo, 15 de agosto de 2018).

As vozes silenciadas são representadas por essas famílias que passaram por essa situação de violência tão bem relatada por uma das coordenadoras da *Ocupação*. Quando ela me contou sobre os livrinhos da literatura infantil das crianças, os quais ela comprou com dificuldade e que os policiais chutaram, pude perceber a sua emoção através de sua voz embargada ao lembrar a cena. Me fiz vários questionamentos. Dentre eles, a respeito desses policiais, os quais entendo, estão cumprindo ordens superiores, mas seria mesmo necessário agir com tanta frieza em um ambiente onde as pessoas já se encontram fragilizadas pela própria condição de invisibilidade e exclusão social? Foi realmente necessário chutar os livros das crianças, em um ambiente que já estava tenso pelo contexto da reintegração de posse? O simples fato de ouvir os relatos de quem viveu esses momentos de conflito, já me causou inquietações, um sentimento de impotência, medo e compaixão. Mas tenho a plena consciência que essas não foram nem perto das sensações traumáticas que viveram essas crianças no dia dessa ação. Ao chegar em casa, comentei o fato com meus familiares, os quais se mostraram bem preocupados comigo. Pois, tinham medo de uma futura reintegração de posse em um dos momentos que eu estivesse no espaço. Confesso que também estava com medo. O simples fato de imaginar a cena me causava pavor. Apoio a causa e acho nobre quem está na linha de frente defendendo um direito coletivo na luta contra a moradia, mas não tenho coragem de me expor a essas cenas de embate direto, como sujeito ativo dentro de um cenário confrontante dessa magnitude.

1.4- A Ocupação Guerreiras em nova casa

Após as várias ameaças de reintegração de posse da casa ocupada e experiência dos Lanceiros Negros, sem avanços na negociação de um novo espaço para essas mulheres, a equipe de coordenação da casa optou por ocupar outra casa em agosto de 2018. Dessa vez, na zona norte de Porto Alegre, no Bairro São João.

Esse novo espaço é visivelmente menor, e foi posteriormente cedido pela Prefeitura Municipal, por tempo indeterminado. Lá funcionava uma escola até o ano de 2017. Há um pátio pequeno na frente, com duas árvores grandes. Na chegada à direita, tem outro prédio que também fazia parte da escola, mas esse se encontra desativado. A casa fica de frente para o portão, na entrada há uma sala onde ficam dois sofás distribuídos um de frente para o outro e um rádio. Nas laterais dessa sala, há mais três pequenas salas, onde funcionam a coordenação, o brechó, um banheiro e a sala de acolhimento às novas moradoras desse espaço. Andando em frente, há uma ampla peça onde funcionava o refeitório da escola, as moradoras usam esse espaço para fazerem as suas refeições também. Ao lado à esquerda, há uma pequena cozinha. No piso superior, há quatro quartos coletivos onde ficam abrigadas de três a quatro moradoras, dependendo da demanda de atendimento da casa, um banheiro e uma pequena sala com uma televisão, que serve como ambiente de convivência para as acolhidas. Nesse novo espaço, há treze peças. Nesse espaço dei continuidade ao meu trabalho de campo e ao interconhecimento com minhas interlocutoras.

Como em qualquer ambiente coletivo, testemunhei momentos de conflitos, momentos de tensão no cotidiano deste espaço de resistência que é rodeado de pessoas e como tais serão “diferentes” umas das outras em vários aspectos.

Lembro que durante um dos vários dias de convivência na nova *Ocupação*, após um longo tempo de entrevista com uma de minhas colaboradoras, sentamos no refeitório para conversar mais um pouco, ela então decidiu fazer um café para nós. Nesse instante, ouvimos gritos vindos da rua. Logo, apareceu uma das novas acolhidas a qual eu não conhecia ainda. Ela chegou da rua visivelmente transtornada, eu por não a conhecer fiquei observando a situação. A moradora estava visivelmente fora de si e falava coisas desconexas o tempo todo. Nesse dia, após um longo tempo de negociação, a moradora decidiu ir embora. Após o fato fiquei sabendo, pelas coordenadoras, que a mesma era usuária de drogas, e, por esse motivo, teria sido convidada a se retirar da casa, pois essa postura não condiz com as regras para permanecer no local.

Em outro episódio, durante mais um plantão na casa, encontrei no portão uma das coordenadoras, que estava de saída. Ao entrar na casa, vi que tinha uma mulher transexual, a qual estava parada bem na frente da porta do refeitório. Fui cumprimentá-la com um beijo no rosto,

vi que a mesma recuou, eu não insisti. Era Mel (pseudônimo), a qual permaneceu alguns dias na casa, mesmo sem se encaixar no perfil e na proposta de atendimento da *Ocupação*, as coordenadoras decidiram acolhê-la. Mel era uma mulher quieta, falava pouco, estava sempre trancada no quarto e pouco interagia com as pessoas da casa. Após algum tempo como moradora da casa, e protagonizando alguns momentos de conflitos dentro do espaço, também foi gentilmente convidada para se retirar do ambiente pela equipe gestora da *Ocupação*.

As tensões fazem parte da rotina desse local. Em campo, sempre procurei manter a neutralidade e o distanciamento dos acontecimentos, e meu papel, aqui, não é descrever em detalhes esses momentos, mas explicitar que eles fizeram parte da minha jornada e me afetaram durante o tempo que estive imersa nesse território tentando decifrar pessoas e situações. Etnografar decididamente não é uma tarefa para “principiantes”, os entremeios e os desafios são constantes. Nesse sentido recorro mais uma vez aos ensinamentos de Beaud e Weber:

O verdadeiro recurso do etnógrafo é a sua crônica de pesquisa. Uma vez acabada sua pesquisa poderá prever não só a atitude dos pesquisados a seu respeito, mas também as relações que se estabelecem entre diferentes pessoas que observa. Poderá prever as reações de uns ou de outros diante de tal ou tal evento exterior. Terá mesmo, muitas vezes, o prazer de ouvir, resumidamente, toda sua interpretação validada por um discurso ouvido ao acaso, de uma conversa, que retoma o conjunto das palavras cuja análise fez pacientemente, o conjunto das fórmulas que aprendeu a localizar e interpretar. A fivela fechou-se então. Isso não acontece muitas vezes, mas pelo menos saiba que pode acontecer. É claro, nessas condições, que o horizonte de expectativas da etnografia não é a generalidade de uma lei universal, mas generalização parcial: sobre tal e tal condição, em tal ou tal contexto, se tal fato (ação) acontece então tal outro evento (reação) deveria seguir-se. O que nos importa não é a ação individual, mas a forma da relação interpessoal. É isso que nos permite manter a igual distância o individualismo metodológico (que postula as singularidades individuais como “explicações” das relações sociais) e a hipóstase dos coletivos (que postula as “classes”, os “grupos”, as “forças sociais” como “explicações” das ações individuais). (BEAUD e Weber 2014, p.187)

1.5- As interlocutoras *Guerreiras*

Até aqui apresentei aspectos da cartografia das duas casas que serviram de suporte para o projeto e para as ações solidárias de acolhimento das mulheres vítimas de violência. Falta agora relatar como conheci minhas interlocutoras.

Fui apresentada às minhas interlocutoras ainda na primeira casa citada no começo desse capítulo. Como registrei na Introdução, são mulheres musicistas com faixas etárias distintas, sendo três delas negras e uma branca, fator que evidencia e confirma as estatísticas de que as mulheres negras sofrem em maior escala com as violências vindas de várias ver-

tentes. Através de minha constante leitura de textos como os de Sueli Carneiro pude logo perceber o peso do racismo na vida destas mulheres:

[...] a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento de autoestima. (CARNEIRO, 2011, p.128).

Concordando com a autora, a asfixia social da mulher negra é notada em qualquer esfera da sociedade e pelo que vi, li e refleti até aqui é sempre em números muito mais elevados do que é revelado. Durante meu tempo de convivência dentro desse espaço, pude constatar que as sequelas pós-agressões não são só físicas, mas também emocionais e mentais, e essas sem dúvida são as mais difíceis de curar.

Ao ler sobre a literatura negra e toda a sua representatividade ancestral na contemporaneidade, e refletindo sobre o significado que os nomes próprios possuem dentro das matrizes africanas, batizei minhas três colaboradoras negras com nomes fictícios africanos⁷, que usarei com intuito de respeitar o anonimato dessas mulheres (BEAUD; WEBER, 2014). Já para a colaboradora de pele branca, atribuí um nome referente ao universo musical. Assim, trago cada um deles com seu lugar de origem e significado. São eles: *Anulika*, que quer dizer felicidade, originária da língua *Yorubá (Nigéria Oriental)*; *Aduoa*, que significa paz, provém da língua Akan, de Gana; *Anyango*, que quer dizer amiga, na língua *Suaíli*, do *Quênia*. Por último, e não menos importante, escolhi *Melodia*⁸, que traz em seu significado o encadeamento harmonioso e bonito de sons, no sentido da palavra em grego *meloidia*.

Nos próximos dois capítulos darei vozes às trajetórias dessas mulheres, suas lutas, seus sonhos e desafios como musicistas em meio às violências patriarcais e as agressões sofridas por terem optado pelos caminhos da arte musical.

⁷ Geledés- Disponível em: <https://www.geledes.org.br/significados-dos-nomes-proprios-africanos/> Acesso às 15 horas do dia 08 de setembro de 2019.

⁸ Melodia -Disponível em: <https://www.significados.com.br/melodia/> Acesso às 15: 30 do dia 08 de setembro de 2019.

CAPÍTULO 2. TECENDO ENCONTROS

Conforme anunciado na Introdução, esta dissertação tem como eixo de pesquisa as relações entre práticas musicais, gênero e violência, problematizando os seguintes aspectos: Quem são essas mulheres musicistas vítimas de violência doméstica? Em que medida as agressões que sofreram operam nas suas subjetividades e na sua reconstrução identitária como musicistas? Qual o papel da música em suas vidas? Elas realmente entendem a atividade profissional, ou suas relações com a música como o agente causador das agressões? Como a violência doméstica afetou e transformou a vida dessas mulheres que trabalhavam profissionalmente, ou não, com a música? Minha imersão nas rotinas da *Ocupação* e as conversas estabelecidas ali foram de relevante importância na busca de respostas para essas perguntas, para tentar desvelar como essas mulheres se percebem enquanto musicistas pós-episódios de agressões, o que elas desejam e o que não desejam expressar a esse respeito.

Trarei para esse capítulo, inicialmente, as histórias de vida de duas colaboradoras, *Melodia* e *Aduoa*, procurando mostrar os “nexos” (NKETIA, 1990) entre as agressões sofridas, a carreira e sua prática musical. Através de suas narrativas pretendo dar luz a um assunto tão contemporâneo como o da violência contra a mulher, mas, ao mesmo tempo, ainda tão velado dentro do universo musical. Para compor as suas histórias, farei contraponto de suas vozes com a voz de seus agressores. As emoções postas nos encontros que aconteciam entre eu e minhas colaboradoras ultrapassavam os limites convencionais e iam além das palavras entre “pesquisadora e pesquisadas”. Nossos encontros eram envoltos não só de palavras, mas de gestos, inquietações, pausas, reflexões, choros, risos e recomeços... As mesmas mostravam-se a todo o momento muito à vontade ao relatarem suas trajetórias e as situações de extrema violência que passaram com seus ex-companheiros ao exercerem suas habilidades musicais. Talvez, porque, assim como eu, sentiam-se refletidas no espelho em relação ao “outro”. Beaud e Weber (2014) argumentam essa ação afirmando que:

Por que um pesquisado aceita passar duas ou três horas falando (por vezes com paixão) com um pesquisador? Por que essa relação de duas pessoas, de início estranhas uma para outra, é muitas vezes marcante, às vezes intensa (risos de bom humor ou de raiva, emoção contida, lágrimas não são raras)? [...] (BEAUD; WEBER, 2014, p.20).

Sem sombra de dúvida as reações descritas a seguir enfatizam as afirmações dos autores. Começarei contando primeiramente a história de *Melodia*. Conheci *Melodia* no primeiro festival musical da casa, o qual usei como ponte para estreitar laços no campo de pesquisa. No dia do festival, ao conversar com uma das coordenadoras da casa, ela me disse que tinha uma acolhida que era musicista e que iria chamá-la para nos apresentar. Aguardei ansiosa. Em se-

guida ela voltou com *Melodia*, a mesma se mostrou muito simpática e acolhedora comigo. Falamos rapidamente, e ela me disse que conhecia mais uma menina (*Aduoa*) que também era musicista, e que talvez quisesse contribuir relatando a sua história para o meu projeto de pesquisa. Fiquei bem empolgada. Após chegar em casa marquei com *Melodia* por telefone uma conversa, a fim de apresentar melhor meu projeto de pesquisa. Ela topou e marcamos o nosso encontro para a semana seguinte.

2.1- *Melodia*

Sexta-feira, 1º de junho de 2018: Cheguei à *Ocupação* por volta das 17h50min. *Melodia* já estava me esperando. *Melodia* é uma mulher morena de pele clara, cabelos pretos bem lisos, tem 34 anos, faz o estilo cheinha, é bonita, mas tem um semblante triste. Em seguida ela me chamou para entrar na casa. Entrei pela cozinha. Um espaço amplo, onde pude notar que havia vários cartazes escritos com teor coletivo e colaborativo, esses informavam sobre as escalas de limpeza com os nomes de todas as moradoras da casa e suas respectivas “colaborações” de tarefas domésticas, que deveriam ser executadas.

Percebi logo de início que a cozinha era um local de socialização entre moradoras e visitantes da casa. Entramos em uma sala grande, onde havia um sofá, uma televisão e alguns cartazes sobre o movimento da não violência contra a mulher pendurados na parede. Chegamos a um corredor onde à direita havia um banheiro grande e à esquerda uma porta fechada, que não me permitiu saber de qual cômodo se tratava. Continuamos andando em frente, vi algumas portas fechadas, as quais acredito se tratar de outras salas e/ou dormitórios. Logo entramos em uma porta à direita, era uma sala. O lugar era amplo com dois sofás de dois lugares na cor vermelha já bem surrados e com marcas do tempo. Ambos ficavam encostados em lados diferentes da parede. Sentamos em sofás diferentes, eu comecei a explicar a ela sobre o meu projeto, e qual era o intuito do meu trabalho. Ela ouviu a tudo atentamente, achou o projeto superimportante, falou-me sobre outra acolhida, que também estava interessada em dar a sua contribuição para o meu projeto. Em seguida, pediu licença para sair, disse que iria chamar a outra acolhida para nos apresentar. Logo chegou *Aduoa*, nome que escolhi para chamar minha segunda interlocutora. *Aduoa* é uma mulher negra, de cabelos pretos curtos, tem 33 anos, usa sempre um boné e roupas largas. Estava vestindo uma bermuda e uma camiseta, ambas na cor preta. *Aduoa* é uma mulher que fala pouco, me disse ser homossexual. Ela chegou e sentou-se no chão escorada na parede. Falei a ela sobre o meu projeto, ela me disse que achava a proposta muito boa e que não gosta muito de falar, mas para me ajudar iria abrir uma exceção. Con-

versamos sobre assuntos variados sempre tendo a música como foco. Nesse momento, eu estava tentando compreender como elas se percebiam dentro desse espaço.

Por se tratar de um primeiro contato, procurei ser menos invasiva possível. Troquei mais algumas ideias, deixei uma das entrevistas marcadas com *Melodia* para o dia primeiro de junho, despedi-me de todas as moradoras e fui embora. Enquanto caminhava em direção ao Mercado Público da capital, fui refletindo sobre as duas mulheres com quem acabara de conversar. E sobre o quanto deve ter sido violento não só para elas, mas para as demais abrigadas da casa, deixarem seus lares para trás para fugir das agressões. Lembrei-me do que havia lido em Conceição Evaristo, que tão bem descreve sobre... “tecer uma rede de sonhos, e agora ver um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (EVARISTO, 2017, p.24). Realmente, em uma reflexão profunda a respeito de sua escrita, ver nossos sonhos ruindo e nos vermos sem as ferramentas necessárias para a reconstrução do mesmo, é como ficar sem chão...

A semana passou lentamente... Passei o dia todo pensando na entrevista que estava agendada para mais tarde, às 18 horas com *Melodia*, a qual estaria me esperando na *Ocupação*. À noite me dirigi até o local, fazia frio e chovia. Cheguei à casa, *Melodia* estava me esperando no quarto, uma das acolhidas foi chamá-la. Eu fiquei esperando na cozinha, uma das moradoras me ofereceu café e bolinho de chuva. Estavam deliciosos. *Melodia* chegou alguns minutos depois, fomos para a mesma sala onde tivemos nossa primeira conversa.

Melodia e eu sentamos no mesmo lugar onde havíamos sentado dias antes. Liguei o gravador do meu celular e falei:

GABRIELA - Bom *Melodia*, como já havíamos conversado anteriormente minha pesquisa abordará sobre a violência doméstica contra as mulheres musicistas, e relatará sobre suas trajetórias de vida. Gostaria de saber sobre a tua história, fique bem tranquila e bem à vontade para falar o que quiser...

Melodia me relata que tem 34 anos, nasceu em Porto Alegre, mas foi criada com o seu avô em Alegrete até os 11 anos de idade. Ele era evangélico e enquanto esteve com ele também frequentava a igreja. Até os seis anos morava com a avó, depois foi morar com seu avô e mais dois netos. Os irmãos, que não eram de sangue, mas que ela considerava como se assim fossem, tinham seis, nove e onze anos de idade.

MELODIA- A gente se criou ouvindo *Teixeirinha*, um artista que meu avô adorava e tocava para nós, da mesma forma que ouvíamos *Tonico e Tinoco*, *Milionário e José Rico* e *Chitãozinho e Chororó*, mas esses ele não tocava no violão, eu adorava ouvir. Aos onze anos de idade

vim morar em Porto Alegre nos fundos da casa dos meus pais, que tinham na época três filhos menores (esses eram meus irmãos de sangue).

Nesse momento, *Melodia* lembra-se de seu avô e fica nostálgica olha, para o nada, e continua... “Ele gostava de tocar violão para os netos quando voltava da roça.” Segundo o seu relato, desde que ela se conhecia por gente ele sempre fazia isso. A mesma me conta que aos onze anos de idade ganhou de presente de seu avô um violão. O ano era 1998.

MELODIA- Sempre gostei de música, sou apaixonada por *Legião Urbana, Raul Seixas, Cássia Eller, Cazuza, Guns N’ Roses e The Doors*.

Melodia foi crescendo e junto com ela a paixão pela música. Seus colegas de escola de um bairro periférico da capital gaúcha curtiam Rock e estavam a fim de montar uma banda. Decidiram montar a primeira banda, mas não tinham grana para comprar os instrumentos. Então, tiveram a ideia de vender lanches na rua para juntar dinheiro. Com muito sacrifício conseguiram comprar os instrumentos, mas ninguém sabia tocá-los.

MELODIA- Perto da minha casa havia um rapaz, lindo, divino maravilhoso... O qual veio a se tornar meu marido posteriormente. O mesmo tocava violão e outros instrumentos e começou a dar aula de música para mim e meus amigos. Começamos devagar, nada profissional, escolhemos um nome legal pra banda e começamos a ensaiar.

Segundo minha colaboradora, a banda existe até hoje. Enquanto integrante, a mesma entrou e saiu da formação por várias vezes, somando oito anos de atividades musicais com esses parceiros. Seu instrumento de atuação profissional é a guitarra. Isso durou até o ano de 2004, quando, então, ela casou-se com o baterista da banda e professor de música. O então marido também tocava em outra banda e fazia participações na banda de *Melodia* quando tinha tempo. Logo em seguida ela engravidou, mas continuava fazendo free musical quando dava. Posteriormente, engravidou pela segunda gravidez, e agora já estava com dois filhos desse relacionamento e já não conseguia acompanhar os compromissos da formação musical. Nessa época, ela já não era mais uma adolescente, com apenas 19 anos era mãe de duas crianças.

Nessa altura, ainda mantinha seu casamento com o baterista. Ela afirma que ele era muito tranquilo e que continua sendo músico até hoje. Seu casamento durou quase dez anos. Após a separação ela continuou levando a vida normalmente, morava em um apartamento em um bairro da zona norte e trabalhava para sustentar a casa e os filhos. Nessa época, se encontrava muito triste. Pois ainda gostava de seu ex-marido, e ele já se encontrava em um relacionamento com outra pessoa. Para não ter que conviver com a presença de seu ex-companheiro e da sua nova parceira decidiu se afastar da banda. A formação da banda se desfez algum tempo depois,

pois seus integrantes constituíram família. *Melodia* após três anos longe de suas atividades musicais, no ano de 2008 resolveu voltar à ativa.

2.2- A música e as agressões

Já refeita do abalo emocional da separação, ela decidiu voltar a fazer apresentações com a banda novamente. No mesmo ano, conheceu seu agressor durante uma das suas apresentações artísticas, em cima do palco. Namoraram durante oito meses, e logo se viu grávida novamente. *MELODIA*- Tive que sair da banda “de novo”, porque naquele momento eu grávida e com mais dois filhos pequenos para criar... Nessas condições de vida eu não via espaço para minha arte.

Com a notícia da gravidez, seu agressor sumiu por três anos e meio. Segundo o seu relato, “ela achava que o seu sumiço teria sido por ele não querer o filho que ela estava esperando”. Tempos mais tarde, ela ficou sabendo que o “motivo do sumiço foi porque o mesmo encontrava-se preso”. O tempo foi passando, as crianças foram crescendo. Até que um belo dia seu agressor resolveu aparecer (do nada), na época ela estava namorando. Ele queria reatar o relacionamento do mesmo lugar onde tinham parado, como se nada tivesse acontecido durante a sua ausência de três anos e meio. Ele retornou reivindicando conhecer o seu filho. Ela conta que ficou surpresa, na realidade ela “nem sabia que ele sabia da existência da criança”. Ela diz não lembrar se falou para ele ou não sobre essa gravidez pois o seu sumiço se deu bem no início da sua gestação.

GABRIELA- Você chegou a morar com ele?

MELODIA- Nunca moramos juntos durante o tempo de namoro. O meu agressor reapareceu querendo ter um contato com o filho. Eu não vi nada demais na proposta, concordei com ele, afinal, ele é pai e tem direito de conviver com o filho. Nessa época ele viu a criança uma única vez, mas continuava insistindo na retomada do nosso relacionamento. Aí, de tanto eu dizer que não, ele começou a mudar a personalidade dele. E me disse a tão conhecida frase, “Se tu não ficar comigo, não fica com mais ninguém.”

Seguindo o seu relato, ela e o namorado estavam planejando morar juntos. O seu agressor, não suportando a situação, foi até uma região próxima ao trabalho do então namorado e, após uma discussão acalorada entre ambos, seu agressor desferiu uma facada contra o namorado, a faca perfurou os rins. Ela ficou muito assustada com a situação. O namorado já no hospital, juntamente com a família, negou-se a recebê-la, pois atribuíram a culpa do acontecido a ela. O relacionamento acabou ali.

MELODIA- A partir daí começou o INFERNO. Ele me seguia constantemente nos lugares aonde eu ia. Na escola quando eu ia buscar meus dois outros filhos, ele aparecia do nada. Não

falava nada, só me olhava e ia embora. De vez enquanto, eu ia ver meus amigos tocarem perto da minha casa onde tinha um bar que o pessoal da banda se reunia para tocar e, às vezes, eu tocava lá também. Nessa época era raro eu aparecer, mas eu sempre gostei de música, então sempre quando dava eu ia... Ele aparecia lá, não falava com ninguém, mas fazia questão que eu visse que ele estava presente, logo sumia de novo. Assim, foi por um bom tempo, durante um período de uns três a quatro meses aproximadamente. Um dia, ele parou o carro na frente da escola do meu filho e pediu para eu entrar, queria falar comigo, eu entrei. Ele então falou:

AGRESSOR- É a última oportunidade que eu estou te dando, se tu não ficar comigo, tu não vai ficar com mais ninguém, porque eu não vou deixar.

Nesse momento, confesso que fiquei inquieta com o que eu poderia vir a ouvir, o barulho da chuva que caía e batia na janela trazia um ar de melancolia e lembranças sobre o meu passado, eu não tinha ainda, naquele momento, a menor ideia dos sentimentos que estariam por reavivar dentro de mim. Chovia muito nessa noite, a temperatura também só diminuía. Dei-me conta que já era tarde e resolvi interromper a nossa conversa, pois o adiantado da hora poderia pôr em risco a minha volta para casa. Despedi-me de *Melodia* com um abraço e um beijo no rosto. Combinamos de retomarmos a nossa conversa em outro momento previamente combinado.

Voltei para casa aquela noite chorando muito. O motivo do choro era uma mistura de dor, revolta e indignação. Constatar que, em pleno século XXI, ainda existem casos de tamanha crueldade contra as mulheres por exercerem suas práticas musicais, me deixou reflexiva. Ao mesmo tempo, pude perceber o quanto eu havia crescido e me reinventado durante esses anos. Deixei de ser protagonista das agressões e tornei-me escritora de minha própria história. Agora, encontro através das letras a possibilidade de dissertar sobre a minha história e de tantas outras “Gabys”. Nessa perspectiva reflito através da escrita e relembro todos os ensinamentos de mulheres negras escritoras que tanto me inspiraram na construção dessa escrita como Carolina de Jesus (2014), Conceição Evaristo (2017) e tantas outras que retratam suas “duras” vivências através de suas literaturas.

Ao debruçar-me sobre a literatura produzida pelas feministas negras, percebo que uma de suas características é a escrita de suas próprias realidades, onde trazer suas próprias experiências de vida, entre outras palavras “pôr o pé no barro”, nos dá credibilidade para descrevermos sobre nossas vivências. Na academia aprendi que não existe neutralidade. Logo, ter a oportunidade de estar construindo meu conhecimento em um ambiente reflexivo a respeito dos caminhos estruturais de uma sociedade patriarcal escravagista que levam à violência contra as

mulheres usando de uma imposição milenar machista e desigual, auxilia-me no entendimento dessa problemática.

Durante duas semanas fiquei tentando marcar uma nova conversa com *Melodia*, mas, como ela estava trabalhando, nossos horários estavam se desencontrando. Até que finalmente, consegui agendar uma nova conversa. Fiquei feliz, e ao mesmo tempo apreensiva por temer imaginar os atos com requintes de crueldade, por meio de seu agressor, que a mesma me relatava.

Quinta feira, 14 de junho de 2018: Dirigi-me até a casa da Ocupação, eram 16:00 horas, fazia frio, mas tinha um solzinho bem agradável na rua. Enquanto caminhava até a casa fui observando que as pessoas realmente ficam mais elegantes com roupas de inverno. Estava ansiosa para ouvir o restante da história de minha colaboradora. Ela veio ao meu encontro no portão. Minha colaboradora é sempre muito agradável comigo. Mas o seu olhar de tristeza denuncia que a vida não tem sido fácil para ela.

A cozinha está vazia, as crianças estão no pátio brincando, sempre com a supervisão de um adulto, normalmente uma das moradoras, coordenadora ou alguma militante que esteja pela casa. O espírito colaborativo para cuidar das crianças uma das outras é um fator que me chama muito atenção. Dirigimo-nos para a mesma salinha onde houve a primeira conversa. Percebo, durante o trajeto, que *Melodia* está com fones de ouvido, curtindo em um volume alto uma música, um rock do *The Doors*, o qual ela cantarolava em voz baixa. Na sala, *Melodia* abre a janela para que o sol entre no ambiente e senta-se no sofá, dessa vez do lado oposto ao qual tinha sentado na nossa última conversa. Eu, como boa virginiana que sou, sento-me no mesmo lugar da conversa anterior. *Melodia* retoma seu relato.

Ela volta a relembrar a ocasião da agressão, quando ficou desesperada com a situação. Nesse momento, *Melodia* deixa transparecer em sua voz e em sua face todo o pavor que sentiu naquele momento com seu agressor. Segundo ela, até esse momento ele nunca tinha lhe batido. Ela relembra, que ele sempre a avisava do que podia lhe acontecer e costumava dizer que estava dando uma chance para que ela visse a “m” que estava fazendo. Nesse dia, segundo sua narrativa, ele lhe bateu muito dentro do carro. A partir daí as coisas só pioraram, e logo começaram os estupros também, porque ela não queria mais ter relações com ele e também não a deixava sair para lugar nenhum.

MELODIA- A cada vez que aconteciam os estupros, me sentia suja, invadida, violada. Minha música e minha guitarra me ajudavam muito nessas horas.

Novamente eu então faço a pergunta:

GABRIELA- Mas tu não moravas com ele? Ela responde categoricamente, que não, nunca moraram juntos.

Me pego fazendo uma reflexão nesse exato momento. Meu encontro com *Melodia* foi como ver refletida a minha imagem e as minhas angústias ocorridas anos atrás, mas, agora, sob a lente de minha colaboradora através do rosto daquela mulher. Estava explicada minha angústia e inquietação pré-conversa com minha personagem. Reviver alguns momentos parecidos com a minha própria história, sendo recontados por outra pessoa, foi como se estivesse em um prédio no 15° andar assistindo a tudo, mas, agora, não mais como protagonista, e sim como observadora, o que não me excluiu de sentimentos e sensações de estar revivendo todas as dores físicas e traumas emocionais que me tomavam na época.

Ainda segundo seu relato, essa situação durou por quase três anos. Enquanto isso, ela continuava a tocar sua guitarra em casa, o contato com a música era algo que lhe fazia bem, despertava coisas boas dentro dela. *Melodia* relata que seu agressor ligava para ela de madrugada, dizia que estava parado na frente de sua casa, ela abria a janela, e realmente estava. Às vezes, ficava uma semana sem aparecer, depois aparecia novamente dizendo que sabia onde ela estava, e dizia inclusive o lugar onde ela tinha estado. Se ela demorasse a atender ao telefone, queria saber o porquê. As torturas eram dessa maneira...

MELODIA- Ele me mantinha em cativeiro por medo. Cada vez que me sentia muito angustiada, corria para a música, se não tocava meu instrumento, colocava um CD para ouvir minhas músicas preferidas do *Pop Rock*. Eram momentos únicos...

Nesse momento, fomos interrompidos pela filha de *Melodia*, que queria lhe mostrar um desenho que havia feito para a mãe. *Melodia* olhou o desenho com atenção e carinho, disse que estava lindo, mas pediu licença para ela porque estávamos conversando. A menina entendeu, deu tchau para nós e saiu. Retomamos a conversa. Ela conta que seu agressor não aparecia todos os dias, mas ligava todos os dias. Quando saíam, ele pegava o seu telefone, olhava todas as mensagens e chamadas. Ele ligava para as pessoas que tinham falado com ela, para saber se era homem ou mulher. Ela não podia ter ninguém no *whatsapp*, só seus irmãos e ele, porque ele não deixava. O medo dele era que ela contasse para outras pessoas o que ele fazia. Ele falava com todo mundo das suas redes sociais, inclusive, às vezes, tirava o chip do seu celular e colocava no dele para ver se alguém diferente ia ligar.

MELODIA- Nesses momentos ficava chateada porque ele ficava com o chip por dias, e às vezes meus amigos da banda ligavam. Inclusive, agora nós voltamos a nos ver, eles vieram aqui na *Ocupação* tocar.

Nesse momento, foi nítida a mudança na entonação da voz e o sorriso que ela esboçou no rosto ao falar da banda. Lembrei da alegria que eu sentia quando cantava, quando às vezes, mesmo machucada fisicamente, só nos palcos encontrava alegria por estar perto da música. Pós-agressões era a única coisa que me acalmava. Percebo que nossos sentimentos se conectam através de duas emoções, o amor pela música e o trauma da violência doméstica.

MELODIA- Eu nunca perdi o vínculo com meus amigos músicos, pois antes de serem músicos eles eram meus amigos. Eu me afastei da música quando o agressor chegou à minha vida. Porque eu tinha vergonha... Ele sabia da minha relação com a música, inclusive, ele me conheceu fazendo música com os meus amigos. Eu tive que me afastar e vir para *Ocupação*, porque ele conheceu todos os meus amigos e todos os meus familiares, ele era o meu namorado, né? Quando eu o conheci ele era uma pessoa completamente diferente, “entendia” a minha arte, ou “fingia” entender. Com o passar do tempo, ele foi revelando toda a sua intolerância com as minhas habilidades musicais. A última vez que eu fui tocar em um bar, foi uma coisa muito chocante para mim...porque ele apareceu lá bêbado, sentou bem na frente do palco, era aniversário do bar e teve uma comemoração. Eles nos contrataram para tocar, outras bandas também, todo mundo se conhecia e tal... Ele chegou muito bêbado, foi a única vez que meus amigos viram ele me agredindo. Ele me tirou de lá pelos cabelos.

Agora nesse momento de nossa conversa eu fui remetida a uma cena semelhante a qual vivi, ao exercer minhas habilidades musicais. A humilhação de ser retirada pelos cabelos do seu local de trabalho é indescritível. É uma mistura de vergonha, revolta e impotência. Reviver essa cena me fez interromper pela primeira vez nossa conversa para limpar as minhas lágrimas. Aqui, lembro-me de uma passagem escrita por Conceição Evaristo: “Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda dentro dela, um vácuo, com o qual ela se confundia” (EVARISTO, 2017, p.24). Foi exatamente assim que me senti, tal e qual as palavras expressadas pela autora.

MELODIA- Eu nunca mais voltei lá, eu não tenho coragem de voltar. Nossa banda tinha sido a segunda a tocar, e ele chegou ao finalzinho da apresentação. Nós íamos ficar para comemoração, quando eu desci do palco para ir ao banheiro ainda não tinha visto ele, pois o bar estava cheio e ele estava na lateral do palco sentado. Já tinha empurrado umas pessoas, falado umas besteiras... Quando eu passei por ele, me puxou pelo cabelo, bateu com a minha cabeça no banco, quando vi que era ele eu comecei a gritar e ele me pegou pelo braço. Alguns dos meus amigos foram ver o que estava acontecendo, disseram para ele me largar. Eu fiquei com medo dele fazer mais coisas nesse local, porque ele estava armado.

Pergunto espantada:

GABRIELA- Armado?

MELODIA- Sempre...

MELODIA- Para sair da situação de constrangimento eu acabei dizendo que não era nada, que estava tudo bem. Os meus amigos ficaram bravos comigo, porque o defendi, “aparentemente” parecia que eu estava defendendo. Eu entrei no carro, ele continuou me batendo. Ele me levou para um motel, me estuprou como já era de rotina para dele. Ele me xingou muito, usou palavras que me feriram. Talvez, mais que as agressões físicas. Ele dizia:

AGRESSOR- Onde já se viu um negócio desses, tu deixar as crianças na casa dos outros para ir tocar. Isso é coisa de puta, tu é uma vagabunda. Só tinha homens no palco, tu tava lá era para te oferecer pra eles. Isso é bem coisa de mulher da vida... Tu merece o que está acontecendo contigo, porque foi o que tu pediu. Eu não quero mais te ver em cima de um palco nunca mais, tu ouviu? Tu tá me entendendo?

A visão patriarcal, romântica da família feliz sob o controle do homem em pleno século XXI, ainda se reflete dentro de nossa sociedade machista. A profissão de nós mulheres musicistas, ainda hoje é vista com distorções significativas em meio a nossa sociedade, a qual ainda insiste em nos rotular como mulheres da vida que usam a arte como pano de fundo para encobrir nossas “reais intenções”. Esses pensamentos dúbios a respeito de nossas habilidades, em minha opinião, só retratam a sociedade retrógrada em que vivemos. Lélia Gonzalez (1983) nos ensinou que não se podem compreender as discriminações e a opressão sofridas pelas mulheres apenas pelas questões de gênero e classe social.

MELODIA- Ele dizia muito que eu ia voltar a amá-lo, me disse que íamos criar os filhos, que seríamos uma família feliz...Para isso, bastava eu dizer que gostava dele, e que eu ia largar a música... ele achava que ainda ia ouvir isso da minha boca, que eu o amava e que eu sabia que ele era uma pessoa boa, que só estava enganada a respeito da música porque através dela eu nunca iria conseguir nada. As pessoas me perguntavam se nós estávamos juntos, eu sempre dizia que não. E ele dizia para as pessoas que sim. Ele “pintava” para todo mundo que nós éramos um casal apaixonado, me forçava a fazer carinho nele na frente dos outros, queria que eu demonstrasse para as pessoas que eu era apaixonada por ele, e essa paixão tinha que ser maior do que eu sentia pela música. Quando eu dizia para ele que estava me obrigando a dizer e a agir como se eu o amasse, ele não aceitava. Zangava-se e para se vingar me estuprava na rua, em estacionamentos de supermercado que era para eu ficar realmente constrangida. Ele me dizia:

AGRESSOR- Quando tu disser para mim que realmente quer ficar comigo, e que vai largar essa bobagem de música, essas coisas vão parar de acontecer. Porque daí a gente vai poder viver em paz.

GABRIELA- As agressões eram diárias?

MELODIA-- Não, ele não me batia todos os dias, e nem sempre quando a gente saía ele me estuprava.

Nesse momento, fiquei por alguns segundos olhando-a, ouvindo o barulho da chuva, tentando diluir tudo que havia ouvido até o presente momento.

MELODIA- Ele sempre me amedrontava muito. Costumava sair pelas cidades da região metropolitana onde tinha muitos matos e no trajeto me dizia:

AGRESSOR- Tá vendo esses matos? Se eu descobrir que tu anda te apresentando, ou fazendo coisa errada, eu posso te matar e te jogar aqui, ninguém vai saber, posso fazer tudo contigo. Posso te enterrar aqui, ninguém vai achar teu corpo nunca mais, e eu não vou ser preso por isso.

MELODIA- Eu consegui fugir várias vezes dele. Quando eu voltava ele ficava muito bravo, ia me ver e se mostrava muito frio dizendo:

AGRESSOR- Ah, tu voltou? Não achou ninguém que te aguentasse por muito tempo? No mínimo tu andava te apresentando e te oferecendo para os “machos” de novo com a desculpa da música. Tu não vê que ninguém vai te querer com essas crianças para criar? É bem feito.

MELODIA- Ele tinha sempre o costume de arrombar a janela do quarto. Entrava no meio da madrugada, e me obrigava a manter relações com ele, cada vez que ele bebia vinha atrás de mim, me agredia e falava muito que só me batia porque eu preferia mais a música a ele.

AGRESSOR- Tu tem que dar graças a Deus que eu estou aqui contigo, ontem eu peguei uma “gostosona”. Tu é feia, é toda “caída”, está cheia de estrias. Tem que agradecer que ainda tem um “homem” que quer ficar contigo, porque se não fosse eu, ninguém ia te querer.

Agora, me pego fazendo uma pausa para alguns questionamentos internos. Até onde vai a baixa autoestima dessas mulheres? Por que se permitem serem ofendidas e desmerecidas dessa maneira por um “homem”? Até onde o sentimento de pavor pode paralisar essas mulheres a ponto de se submeterem a tantos maus tratos? Para responder a essas perguntas tão complexas, penso que o tempo é o mais bem aliado na busca dessas respostas, só ele é capaz de modificar nossos pensamentos e ações, para que essa análise seja feita. Isso pode vir com a maturidade advinda de experiências vividas, leitura e escrita juntamente com as reflexões e o conhecimento abstraídos dos livros, esses fatores podem agir como um “combo de informações”, que atuam como nossos aliados na compreensão para as respostas desses questionamentos. Para essas reflexões, penso em uma passagem de hooks sobre essa ação dos “homens”.

Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar. Mas, esses benefícios tinham um preço. Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam fazendo uso da violência, se precisarem para manter o patriarcado intacto (hooks, 2018, p.06).

Infelizmente, ao refletir sobre a escrita de bell hooks, constato que podem mudar os cenários, mas o sistema patriarcal de uma sociedade machista a qual insiste em nos manter na invisibilidade de uma estrutura social secular, o não rompimento dessas estruturas não mudará tão cedo.

MELODIA- Eu aguentei muita coisa porque tinha um pânico terrível que ele fizesse alguma coisa para meus filhos. Foi quando aconteceu o pior de tudo. Nesse momento perplexa perguntei:

GABRIELA- Tem coisa pior ainda?

MELODIA- Tem, tem pior... Eu passei por um estupro coletivo.

Nesse momento da conversa gelei. Senti uma sensação de pavor, medo de ouvir o que ela iria me contar, pois já tinha ouvido tanta barbárie que não poderia nem imaginar o que estava por vir. Respirei, retomei o fôlego, meu coração batia acelerado, era como se eu estivesse vivendo aquele momento de tensão do desconhecido, pois ela ainda não tinha me revelado a magnitude da violência que sofrera.

MELODIA- Ele ficou sumido por um bom tempo, depois reapareceu de carro na frente do meu trabalho. Quando ele me chamou para dentro do carro eu tremia muito. Pensava o tempo todo... Meu Deus, hoje ele vai me matar. Ele me mostrou uma arma. Não pensei muito, entrei no carro, era uma quinta-feira. Durante o trajeto que fizemos, ele não falou absolutamente nada. Colocou a arma no meio das pernas. Quando nós chegamos nesse lugar deserto, ele me deu uma roupa, uma lingerie e pediu para que eu trocasse.

Nesse momento da minha escuta, fui tomada por um sentimento de angústia e inquietação pelo desconhecido, tinha a convicção de que não era nada bom. Seguimos...

MELODIA- Eu ainda estava com a roupa de serviço, seguindo as suas “ordens” troquei de roupa, ele me colocou em outro carro, que me levou até uma kombi que já estava esperando em outro local.

Agora, peço desculpas novamente a ela para limpar minhas lágrimas que estão caindo do meu rosto, sou tomada por uma sensação de pavor, medo, angústia, a sensação de impotência a respeito de uma história que nem ouvi ainda, a expectativa me deixa desconcertada. Limpo minhas lágrimas, respiro fundo, preparo-me espiritualmente para ouvir o que ela tem para me contar. Mesmo sem coragem, retomo a conversação.

MELODIA- Eram mais ou menos seis horas da tarde por essa época do ano também, estava ventando e fazia frio. Quando eu entrei dentro dessa kombi tinha um colchão. E vários homens... Daí aconteceu...

GABRIELA- Ele estava junto? E o que dizia?

MELODIA- Ele não dizia nada, ficou lá olhando. Ele não encostou a mão em mim, só assistiu. Os homens que participaram do estupro coletivo eram cinco, falavam coisas para mim direcionadas à minha música, e a minha condição de musicista coisas de baixo calão, me comparando a uma prostituta e coisas que eu não gosto nem de lembrar... Quando acabou ele me levou de volta ao carro dele, me deu a roupa do trabalho para vestir de novo e aí ele disse:

AGRESSOR- Já que tu não quer mais ser minha mulher, e insiste em não largar a tua “música” pelo menos tu pode me render um dinheiro bom. E te prepara, porque no sábado que vem, talvez, a gente se encontre de novo com uns amigos meus.

MELODIA- Ele me largou perto de uma parada de ônibus, com a minha mochila e as minhas coisas do serviço. Tirou a bateria do meu celular, era tarde estava muito escuro.

Nesse ponto do relato eu já estava lavada em prantos, confesso que para reescrever esse relato não foi diferente.

MELODIA- Ao chegar à casa tentei me matar, mas não consegui. Tomei um monte de remédios, mas vomitei. Fiquei dias sem sair do quarto, sem tomar banho, sem comer. Eu estava toda machucada.

2.3- Vida na Ocupação

Deixar tudo para trás e sair com os filhos, praticamente com a roupa do corpo, decididamente não é uma tarefa fácil. Minha colaboradora traz um pouco dessa experiência durante seu relato...

MELODIA- Eu tinha uma amiga que era a única que sabia das coisas que aconteciam comigo. Três dias depois do ocorrido ela apareceu na minha casa, me perguntou se eu estava esperando ele me matar. Disse para eu pegar as minhas coisas e a das crianças e ir embora. Respondi a ela: Eu? Vou embora para onde? Quantas vezes eu já fui embora? E não adiantou nada, eu acabo sempre voltando, porque não tem nenhum lugar que eu possa ir, se eu for para casa dos meus parentes ele vai lá incomodar, vai ameaçar de dar tiros, “fazer e acontecer”, e eu não quero que aconteça nada com ninguém da minha família. Minha amiga, então, entrou em contato com alguém que conhecia a *Ocupação*. Eu já tinha ouvido falar na Casa Viva Maria, mas como todo mundo sabe que lá é uma casa para mulheres vítimas de violência doméstica e eu tinha vergonha de expor o que estava passando, achei melhor não ir. Primeiramente, vim para conhecer a

casa, cheguei aqui muito machucada e nem precisei contar o que tinha acontecido comigo, elas só vieram a saber dois meses depois, que foi quando eu consegui falar sobre o que tinha acontecido comigo. Gostei do espaço, minha preocupação maior em vir morar aqui era por causa das crianças. Cheguei aqui com uma mala de roupa e uma sacolinha de brinquedos para elas, porque estava com muito medo. Achava que ele estava me cuidando e me vendo o tempo todo. Custei um pouco para vim morar aqui. Mas aí eu pensei... Ele vai acabar voltando para fazer isso de novo, e eu não vou suportar passar por tudo isso outra vez. Trouxe para os meus filhos os ursos de pelúcia que davam a referência de casa. A mala que trouxe, quando for embora daqui, quero jogar fora, me traz muitas más lembranças.... Vim somente o que cabia no Uber. Eu consigo falar sobre isso “hoje” de uns quatro meses para cá. Os primeiros meses eu não falava com ninguém. Fui internada várias vezes em uma unidade de tratamento psiquiátrico, eu ainda tomo medicações fortíssimas, tenho medo de muitas coisas. Tenho dificuldades de sair para rua. Perdi minha vida social.

Enquanto eu ouvia o áudio para fazer a transcrição, percebi que havia uma criança gritando ao fundo da gravação por várias vezes a palavra “mãe”. Acho que na ocasião eu estava tão envolvida emocionalmente dentro desse cenário de aflições, que o fato acabou passando despercebido.

GABRIELA- E o trabalho que tu tinhas, o que aconteceu?

MELODIA- Tive que abandonar. Eu tinha passado no vestibular para Pedagogia, mas tive que deixar tudo para trás.

GABRIELA- E a música, onde ela ficou e qual a tua relação com ela hoje em dia pós-histórico das agressões?

MELODIA- Tenho refletido muito a respeito, as gurias aqui da casa me deram um violão. Tinha alguns vídeos no meu celular tocando com os meus amigos, rever esses vídeos me faz muito bem, mas também me faz muito mal. Porque o meu agressor transformou essa alegria e esse prazer que eu tinha com a música em uma coisa monstruosa, sabe?... Ele conseguiu transformar a sensação maravilhosa que eu tinha quando tocava em uma lembrança das coisas ruins que ele fazia para mim.

GABRIELA - Qual o teu sentimento a respeito da tua musicalidade?

MELODIA-- Hoje me sinto agoniada só de pensar. Quando comecei com o tratamento de terapia, estava bem isolada de tudo e de todos. Esses dias apareceu uma terapeuta aqui que toca em uma banda de *rock*, ela não veio nem fazer terapia comigo, veio ensinar a gente a fazer pão. O celular dela tocou com um toque de uma banda que eu gosto muito, *The Doors*, comentei com ela e ela me disse que sabia tocar e que tinha uma banda, aí eu já me identifiquei. Quando ela

começou a falar de sua relação com a música comecei a chorar, disse a ela que eu também já havia integrado uma banda, mas que agora, embora eu ainda gostasse muito de música, isto fazia parte do meu passado. Quando eu ganhei o violão...

Nesse momento *Melodia* é tomada pelas lembranças e começa a chorar, eu que já estava chorando desde o meio da nossa conversa a acompanho. Algum tempo depois ela limpa as lágrimas e retoma de onde parou...

MELODIA- Ela disse que ainda queria me ver tocando novamente. Logo em seguida teve um festival musical aqui na casa. Eu estava bem empolgada, me iludi comigo mesma. No período que nós estávamos preparando o evento fiquei ensaiando, estava alegre, minha psicóloga estava feliz com o meu avanço. Tocar me remete à minha infância, lembro do meu avô, me faz bem. Para esse dia do festival convidei meus amigos da banda para tocar, eles vieram e ficaram super felizes. Disse a eles que gostaria de fazer uma participação especial durante a apresentação deles, ia tocar uma música. Eles ficaram radiantes, mas pedi para eles não contarem para ninguém, pois não sabia se iria conseguir. Depois das agressões não gosto que fiquem me olhando, me faz mal. Nas terapias a gente tem trabalhado muito isso. Não acredito mais que eu seja capaz de executar nem pequenas tarefas, como pegar um táxi sozinha, fiquei muito dependente, só de pensar tenho frio na barriga. Enquanto estava ensaiando eu pensava e dizia para mim mesma que ia conseguir. No dia da festa me arrumei, me maquiei, coisas que eu não fazia há muito tempo. Os guris arrumaram um espaço para eu tocar, quando anunciaram que eu ia fazer uma participação travei e não conseguia sair do quarto, eu só escutava da rua. As gurias batiam na porta do meu quarto pedindo para eu descer, eu só chorava sem parar. Porque para mim parecia que ele ia aparecer no meio daquelas pessoas que estavam ali, e esse medo me persegue o tempo todo. Ele tirou muitas coisas boas da minha vida, e em troca me deixou o medo. Hoje acho que não consigo fazer nada direito. Ele sempre dizia que eu precisava dele. Depois desse dia que eu não consegui tocar fiquei com vergonha, porque as pessoas criaram uma expectativa e me fechei mais ainda.

Quando *Melodia* fala das sensações anteriores que sentiu no dia do festival, noto um semblante mais alegre, acompanhado de uma entonação mais feliz só de relembrar as sensações que a música desperta em seu ser.

MELODIA- Estava me sentindo especial, era eu ali novamente. Só fiquei ouvindo do quarto, quando eles foram embora, nem desci para me despedir. Fiquei trancada por dias, dormi com o vestido, a maquiagem e agarrada no violão. As psicólogas vieram falar comigo, me disseram que isso é normal acontecer por tudo que eu passei. Eu vou voltar a mexer com música de novo, mas tudo no seu tempo. Eu tocava para os meus alunos. Aqui na casa toco para as crianças, às

vezes. Pensei em fazer um projeto de música aqui com as crianças, mas...eu sei que o meu agressor vai me procurar porque ele ainda me procura.

Ao ouvir isso minha reação foi imediata.

GABRIELA- Ele ainda te procura?

MELODIA-- Sim, me procurou há duas semanas fazendo ameaças por uma rede social. As gurias da casa fizeram novos registros na delegacia contra ele. Depois disso, me desorganizei, fiquei muito agressiva e tive que ser internada por três vezes seguida. A última vez foi em fevereiro desse ano. O meu filho que também é filho do agressor, precisou ser internado, tentou se suicidar pulando do terceiro andar. Nós dois chegamos a ficar internados no mesmo lugar. As gurias daqui têm muito amor no que elas fazem. Tenho muita sorte, poderia estar morta hoje, mas elas me resgataram e me apoiaram, elas me dão suporte emocional, hoje faz um ano que nós estamos aqui. Se não tivéssemos vindo para cá, nem sei o que teria acontecido. Porque a intenção dele era me enlouquecer, porque, segundo ele, eu o rejeitei para ficar com a música.

Nesse dia saí da casa com os olhos inchados de tanto chorar. Reviver todas as emoções de maneira tão intensa foi extremamente chocante para mim naquele dia. O ser humano é capaz de praticar atrocidades com o seu semelhante quando é renegado, contrariado, ou quando somente pensa que está sendo tratado dessa forma. As relações de poder existentes em todas as esferas da sociedade, por vezes, trazem um tom desumano e cruel para com o outro. Esse fator faz lembrar-me de uma das constatações de Carneiro, “As mulheres já sofrem discriminação pelo simples fato de nascerem do sexo feminino” (CARNEIRO, 2013, p. 09). *Melodia* foi exposta a todos os tipos de violência por não ceder à vontade do outro. A música representava, para o seu agressor, um rival em potencial, o qual bem, sabia ele, ser perda de tempo lutar contra. Eu já sabia das surpresas que o campo poderia me reservar, mas nunca imaginei que isso significaria reviver minha própria história sob a lente de outras pessoas.

2.4- Conhecendo Aduoa

Aduoa tem 33 anos, é uma mulher negra e identifica-se como homossexual. Logo, diferentemente das demais colaboradoras trarei à luz a violência exercida por uma agressora do mesmo gênero. O fato de sermos mulheres negras por si só já é agravante perante a nossa sociedade machista, que, somado concomitantemente com as atividades que envolvem a posição de musicista bem como com a orientação sexual “contrária” aos parâmetros existentes em nossa sociedade, age como um “coquetel molotov” na vida de quem assim se denomina nas estruturas de uma sociedade patriarcal dominadora. Para fundamentar essa percepção, tomo como referenciais para esse debate a etnografia realizada pela etnomusicóloga negra Eileen Hayes: *Songs*

in *Black and Lavander: Race Sexual Politics and Women's Music* (2010). Nesta etnografia, ao abordar mulheres musicistas lésbicas, negras e não negras, que participam de festivais musicais nos Estados Unidos, ela fornece uma visão crítica sobre o papel da música e da formação das comunidades lésbicas. Hayes, em suas observações de campo, mostra como os festivais musicais ocorrem em locais democráticos e significativos para o surgimento da consciência feminista negra no período contemporâneo. A autora reconta, através de histórias de vida, como essas mulheres lutam contra o preconceito de uma sociedade conservadora dentro e fora desses festivais, e de que maneira essas mulheres ativistas se definem e se entendem em meio a esse universo musical. Aproveito essa problemática para trazer o conceito de *interseccionalidade* tal como explicado pela intelectual negra Carla Akotirene: “A interseccionalidade permite as feministas criticidade política afim de compreender a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinação de gênero de classe e raça e as opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem. (AKOTIRENE, 2018, p.24).

Os tratamentos de invisibilidade, submissão, opressão, dentre outros, direcionados às mulheres é sem dúvida um problema cultural enraizado em nossa sociedade. Esse precisa ser discutido, compreendido, a partir de novos conceitos, definições e novos olhares literários.

Sexta-feira, 06 de julho de 2018: Já no início de nosso primeiro encontro, *Aduoa* foi deixando bem claro que seu relato se daria em uma única vez, porque ela não gosta de falar sobre “o assunto”, e só estava abrindo uma exceção para mim com intuito de me ajudar na minha pesquisa, pois, segundo ela, a cada vez que se lembrava de que tudo que passou ficava com dor de cabeça.

Fazia mais uma noite fria de inverno na capital, eram 18:00 horas. Cheguei na *Ocupação*, e, como sempre, fui recebida com muito carinho por todas que estavam lá. Por se tratar de um ambiente social, tem sempre alguém novo para conhecer, dessa vez não foi diferente. Estavam presentes nesse dia duas colaboradoras. As meninas me ofereceram um cafezinho, ia aceitar quando lembrei que café à noite me tira o sono. Perguntei se tinha chá, elas disseram que sim, e que eu mesma poderia fazer e tomar. Perguntei por *Aduoa*, elas disseram que ela havia saído para buscar cigarro, mas já voltava.

Uns quinze minutos depois *Aduoa* apareceu. Deu oi e me convidou para irmos para a mesma sala em que eu conversei com *Melodia*. *Melodia*, segundo informações de *Aduoa*, voltou para casa uma semana depois do último sarau, arrasada, culpando-se muito por ter sido fraca e não conseguir nem estar presente em um evento da casa. Essa sala é o local onde as coordenadoras levam as acolhidas em um primeiro momento, logo quando elas chegam na casa. É chamada de sala de acolhimento.

Enquanto caminhávamos até o local, passamos em outra sala onde as crianças estavam reunidas brincando. Dei boa noite a elas, que responderam educadamente e continuaram brincando entre elas. Ao entrarmos na sala, *Aduoa* senta-se em uma cadeira de “praia” escorada na parede. Eu me sento no mesmo lugar da última conversa com *Melodia*. *Aduoa* é uma mulher quieta, anda sempre com roupas escuras e boné na cabeça. Fala pouco e pausadamente. Sua forma de expressar-se através de sua fala, vestimentas e gestos evidenciam suas raízes com o movimento *Hip Hop*, com o *Rap*.

Sentamos uma de frente para a outra, eu expliquei novamente a ela sobre a minha pesquisa, e tudo que está envolto nela. Assim como fiz com *Melodia*. Explico a ela que tenho a consciência da complexidade do problema, e que conversar sobre o mesmo com alguém desconhecido não é uma tarefa muito fácil. Ela concorda comigo, e diz que nem gosta de falar no assunto, mas que vai me ajudar.

Minha colaboradora é negra de origem pobre, criada pela avó em uma periferia de Porto Alegre, a qual a criou com muita dificuldade, mas com muito amor. Como toda criança criada na periferia, seus gostos musicais foram sendo construídos dentro desse cenário, em meio a uma pluralidade de estilos e gostos musicais. Concomitantemente com a musicalidade, era cultivado o gosto pela escrita, sempre incentivado por sua querida avó, a qual foi lembrada muitas e muitas vezes durante nossa conversa. Em meio a um visível desconforto por parte de minha colaboradora, ao ter que narrar e relembrar as agressões sofridas, começamos nossa conversa. *ADUOA* - Tenho 33 anos, a minha história com a música começou muito cedo, quando eu tinha oito anos. Meu tio me levava em eventos musicais, “eu achava massa esses eventos”. Quase toda a minha família mexe com música, eu me criei no meio de toda essa musicalidade. Tive uma infância muito pobre, fui criada na periferia de Porto Alegre, “e qual preto, não é?”. Dentro da comunidade, o *som* que rolava era em torno do *samba*, do *pagode* e do *funk*. Era criada por minha avó, ela gostava de ouvir *samba* de raiz, como *Jovelina Pérola Negra*, *Dona Ivone Lara*, *Benito de Paula* e *Bezerra da Silva*. Ela me dava de tudo, dentro das possibilidades. Ela me adorava ver escrevendo e fazendo rima. Dizia que eu era inteligente porque sabia brincar com as palavras. Quase todos os finais de semana, rolava, lá na minha “quebrada,” uns eventos culturais musicais de *RAP*, embora tivesse sido criada ouvindo *samba*, me identifiquei mais com esse ritmo. Naquela época, não tinha ainda o “*SLAM*”⁹, era o “*RAP*”¹⁰ que representava

⁹ *Poetry slam* - Traduzido literalmente do inglês, “batida de poesia” é uma competição em que poetas lêem ou recitam um trabalho original (ou, mais raramente, de outros). Estas performances são, em seguida, julgadas por membros selecionados de uma plateia ou então por uma comissão de jurados. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Poetry_slam. Acesso às 8:40 do dia 04 de outubro de 2019.

“noís”, era ele que denunciava as coisas da periferia. Qualquer coisa que tinha na vila, que era relacionado à música, eu estava presente. Me reunia com uma galera para trocar uma ideia sobre as letras. Eu tenho muita coisa escrita, um pouco tá aqui, outro pouco se perdeu, e tantas outras a “louca rasgou, botou fogo... Sei lá, ela era doente!”.

GABRIELA- Ela quem?

ADUOA - A louca que eu morava com ela. Eu a conheci quando tinha vinte e quatro anos. Foi num evento de *RAP*, lá da minha vila. Eu sempre era convidada para participar dos eventos sociais musicais dentro da comunidade. O pessoal quando estava armando para fazer um som já se lembravam do meu nome. Eu, às vezes, era contratada, ganhava grana e tudo para levar o nosso *RAP* para outros lugares. Eu sou homossexual, quando eu conheci minha agressora, foi fazendo minha música dentro da minha periferia. Eu tinha “moral” com todo mundo, porque todos me conheciam como *rapper* nos lugares onde me apresentava. Quando a gente se encontrou na vida, eu trabalhava em um supermercado na zona norte, às vezes, quando aparecia um “trampo” de música que rolasse uma grana eu ia. Na real, se não rolasse, eu ia do mesmo jeito, eu gostava, sabe?... Ela, a minha agressora, não trabalhava, não fazia nada. Quando eu a conheci, ela morava em uma casinha na beira de uma sanga. Logo em seguida, eu fui demitida do meu trabalho, peguei o dinheiro da rescisão de contrato e comprei uma casinha para nós dentro da vila mesmo. No começo da relação era tudo “as mil e uma maravilhas”, ela aceitava o meu trabalho com a música. Se bem que, às vezes, ficava de cara feia quando eu tinha que fazer alguma coisa relacionada à minha arte. Depois de um tempo, nós decidimos pegar um menino para criar juntas, estava tudo bem...

Pelo tom de voz, olhar e expressão facial de minha interlocutora, era visível que ela estava bem magoada, ferida e chateada com todo o quadro de violência a qual foi submetida. Percebo, através de suas expressões e fala que ela se perde em seus pensamentos enquanto continua sua narrativa.

GABRIELA - Tu sabes me dizer quando e por que começaram as agressões?

¹⁰ Rap - Em inglês, também conhecido como *emceeing* é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades Afro-descendentes nos Estados Unidos. É um dos cinco pilares fundamentais da cultura hip hop, de modo que se chama metonimicamente (e de forma imprecisa) hip hop. Pode ser interpretado *a cappella* bem como com som musical de fundo, chamado *beatbox*. Os cantores de rap são conhecidos como *rappers* ou *MCs*.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rap> Acesso às 9:00 horas do dia 04 de outubro de 2019.

Nesse momento, ouvimos choros e gritos das crianças da casa, mas logo o conflito é contornado por uma das acolhidas. As moradoras da casa têm espírito coletivo, todas ajudam e revezam-se no cuidado das crianças da casa.

ADUOA - Na real, eu não sei bem porque e onde começaram as agressões involuntárias. Eu lembro que um dia eu estava em uma batalha de rimas e veio outra menina para rimar comigo. Lembro de ter visto a cara de ódio dela na plateia. Mas, continuei fazendo o meu som. Quando fomos para casa, ela estava de cara fechada, amarrada. Perguntei o que era uma vez, ela não me respondeu, duas vezes, também não, então optei por não tocar mais no assunto. Aquela noite recebemos a visita de uma amiga que tínhamos em comum. Entre uma conversa e outra, essa amiga perguntou como tinha ocorrido as apresentações. Eu disse que tudo tinha sido ótimo. Minha agressora estava cozinhado feijão na panela de pressão e disse:

AGRESSORA- Para ela deve ter sido muito boa mesmo, arrumou até parzinho para fazer um duo romântico.

ADUOA- Eu até quis tentar argumentar contrariamente, mas só vi quando a panela de pressão foi arremessada em minha direção. Nem preciso dizer como ficou a casa né? Anoiteceu, e a coisa só piorou. Naquela noite ela me bateu pela primeira vez, isso durou uma noite inteira. Dali em diante, eu apanhava muito e o tempo todo, e não podia fazer nem dizer nada porque ela me ameaçava.

GABRIELA- Mas te ameaçava por quê?

ADUOA- Depois que as agressões começaram, cada vez que eu ameaçava qualquer tipo de reação, ela dizia que ia matar a minha avó. Ela sabia da minha relação com a minha avozinha, ela já estava velhinha, e o medo de perdê-la fazia com que minha agressora tivesse certeza que eu não iria esboçar nenhum tipo de reação que pudesse por a vida dela em risco.

Enquanto conversava com minha colaboradora, era visível a mudança em seu semblante quando ela se lembrava da avó. Nesses momentos, seu olhar refletia uma mistura de saudade e amor, que eram transmitidos através de sua voz, que em minha percepção saía mais suave ao falar dela.

ADUOA- Depois desses episódios, sair para fazer música ficou cada vez pior. Ela me monitorava o tempo todo. Implicava se eu estivesse escrevendo no meu caderninho de poesias. Eu já nem fazia mais isso perto dela, porque na primeira oportunidade ela tomava o que eu tinha escrito e rasgava. A doença dela era tão grande contra mim e contra a minha música que chega a ser inaceitável. Nós morávamos em um beco dentro da periferia, e ela era sobrinha de um dos traficantes da vila. Ela chegou ao ponto de impedir a minha saída de dentro de casa. Pedia para

os “campanas”¹¹ do tráfico ficarem na frente da porta onde a gente morava, e os recomendava bem para que não deixassem eu sair para nenhum lugar. Sem saber o que fazer o dia inteiro, trancada dentro de casa, aproveitava esse tempo que não estava fazendo nada para escrever letras de música, que falavam de todo o meu sentimento de dor, medo, sofrimento e angústia que estava passando. Era onde eu me achava, no meio dos meus cadernos, pensando sobre a minha música.

GABRIELA- Tua companheira trabalhava fora?

ADUOA- Ela trabalhava quando queria, pois na “real” tinha eu para sustentar ela. Mas, nessa fase, como ela me proibia de sair para fazer qualquer coisa, ela que estava assumindo as despesas da casa. Teve um dia, que eu consegui pular a janela e consegui sair por dentro da sanga¹². Tinha uma sanga nos fundos da minha casa. Tava rolando um festival de *rappers* perto da minha comunidade. Bah, não aguentei e tive que ir lá. A música estava boa, tinha um monte de “parça”¹³ lá. Fizemos uma música tomamos uma cerveja, me perdi no horário... Quando eu cheguei em casa já era tarde, ela já estava em casa e furiosa. Mais uma vez, aquela noite foi tensa. Tomei muita “porrada dela” de novo. Ela me dizia:

AGRESSORA- Tu saiu escondida de mim, fugiu para ir lá naquela “negrada” que está fazendo de conta que faz música (a companheira de *Aduoa* era uma mulher branca). Mas agora, eu vou te mostrar o que vai acontecer contigo. Gente sem serventia se junta só para fazer barulho e incomodar a cabeça dos outros.

Os “enquadramentos” sociais referidos ao povo negro foram e são repercutidos constantemente, o que só reforça, a esfera preconceituosa da qual fazemos parte. Fanon nos ensina sobre a temática argumentando que:

[...] O comportamento patológico é frequentemente apresentado como “autenticamente” negro. Caso o negro não se comportar como tal, o negro seria considerado como inautêntico, o que equivale a uma afirmação patológica. (FANON, 2008, p. 15)

Lembro, a respeito desta afirmação de Fanon, que a sociedade patriarcal, racista e preconceituosa rotulou os negros como seres “autenticamente” musicais, de boa mesa e boa cama. Esse estereótipo para eles nos restringe a esse lugar de fala (RIBEIRO, 2018). Sendo assim, acredito que seja um dos motivos de ser tão difícil ganharmos visibilidade social enquanto sujeitos pensantes, e não mais apenas como corpos a serviço dos prazeres da *Casa Grande*. Logo, entendo a escrita como lugar de rompimento dessas limitações. Para a ex-companheira de minha interlocutora, os amigos de música dela eram negros, e na sua fala, de uma maneira

¹¹Campanas- (Gíria) Ir no encalço de alguém para o espionar ou assaltar.

¹²Sanga- riacho onde se coloca uma pinguela, pequena ponte.

¹³Parça- (Gíria) Informal para “abreviar” a palavra parceria.

pejorativa, dizia que por serem negros não sabiam fazer música, só barulho, uma clara alusão a não serem providos de humanidade, ou seja, seriam seres patológicos no sentido explicado por Fanon.

ADUOA- Quando ela começou a ofender meus parceiros de música, minha raça eu fiquei muito brava com ela. Tivemos uma discussão horrível, e ela veio para cima de mim com uma faca. Me acertou três golpes no braço.

Nesse momento, *Aduoa* levanta-se e caminha em minha direção, tira o casaco e me mostra as marcas das facadas. Fico chocada com as cicatrizes.

GABRIELA- E aí o que aconteceu?

ADUOA- Bom, ela me machucou feio. Pedi para ela me levar no hospital. Ela disse que não. Que, se fosse depender dela, eu ia morrer esvaída em sangue. Eu me apavorei porque estava perdendo muito sangue, chorava muito. Não vendo jeito dela me socorrer, saí pela janela para tentar fugir pela sanga de novo. Mas, não foi isso que aconteceu...

Ela olha para a janela com um olhar perdido...

ADUOA- Os “campanas” atiraram contra mim dentro da sanga. Eles não atiraram para me matar, tanto que os dois tiros pegaram na perna.

Nesse instante, *Aduoa*, que está sentada na cadeira em minha frente, levanta a calça e diz para eu sentir uma das balas que ainda está alojada em seu corpo. Quase entro em pânico. Levanto, vou até ela, passo a mão em sua perna e sinto nitidamente a bala, que, segundo ela, é de calibre trinta e oito. Acho que foi uma das piores sensações que eu já tive na minha vida. Sentir uma bala de uma arma de fogo, alojada no corpo de uma pessoa é realmente algo sinistro na minha percepção.

ADUOA- Mesmo depois que eu levei os tiros, ela não me levou para o hospital. Voltei para dentro de casa. Chorava muito e sentia muita dor. Ela não demonstrava nenhum tipo de arrependimento, ou pena de mim. Eu fiquei em casa, mas comecei a ter muita febre. Dois dias depois, ouvi uma voz gritando o meu nome no portão, era um amigo meu. Ele conseguiu me ajudar a sair pela janela e me levou para o hospital. Lá, eu fiquei internada por um mês. Os ferimentos já estavam infeccionados. O médico me disse que, como eu sou gordinha, a bala nem trincou o osso, ficou alojada na gordura. Depois desse tempo no hospital, eu tive que voltar para casa, né?... Não tinha para onde ir. Eu já tinha colocado na minha cabeça que eu não queria mais ficar com ela. Não tinha mais clima, sabe?... Já tinha sido tão judiada, maltratada, humilhada por ela, não queria mais passar por tudo aquilo de novo. Esses fatos me deram motivos para não querer mais ter relações sexuais com ela. Ela veio me procurar um dia e eu não quis. Ela ficou muito brava, me bateu e foi dormir. No outro dia, me ofereceu um chá dizendo que eu

iria me sentir melhor. A partir dali, não me lembro de mais nada. Quando acordei na manhã seguinte, estava com muitos hematomas e dores no corpo todo. Percebi, também, que estava com um sangramento estranho, mas não estava no período menstrual. Me senti muito estranha aquela manhã...

GABRIELA- Tu não perguntaste para ela o que tinha acontecido?

ADUOA- Não, eu tinha muito medo dela e da resposta. Depois disso, tentei fugir várias vezes. Levei muitos outros tiros, e muitas outras surras. Tô te contando apenas alguns casos...

2.5- A fuga para fugir das agressões

Chega um ponto que tudo cansa, e a única saída é fugir. Minha colaboradora traz um pouco desses momentos de angústia na ânsia de dar um basta no ciclo vicioso da violência doméstica.

ADUOA- Eu consegui fugir para Santa Catarina. Por lá recomecei a minha vida, encontrei outra companheira, que era muito boa para mim. Aceitava a minha música, entendia o meu relacionamento de escrita, verso, rima e voz. Ela era tão legal que até fez uma festa de aniversário surpresa para mim.

Durante toda nossa conversa, foi a primeira vez que vi *Aduoa* sorrindo ao relembrar a cena. *ADUOA*- Ela conseguiu reunir todos os meus parentes lá, eu estava muito feliz. Até já estava com umas parcerias musicais para escrever umas ideias; a minha intenção era começar a sair para fazer *rap* dentro das comunidades de lá. Isso, durou até que minha opressora achou o meu novo paradeiro algum tempo depois. Tive que abandonar a cidade e terminar o meu novo relacionamento, pois sabia que minha agressora era capaz de coisas terríveis, e eu não gostaria que a minha dor fosse estendida à minha atual companheira. Fugi para outro lugar, agora no litoral gaúcho, mas minha paz durou pouco. Minha agressora me localizou novamente. Eu já estava bem de novo. Tinha arrumado trabalho. Ela descobriu onde eu trabalhava, era uma pizzaria. Foi até lá e atirou nos vidros do estabelecimento. Fui mandada embora do trabalho por justa causa. Me vi acuada tendo que retornar para a capital, já estava cansada de andar para lá e para cá. Quando cheguei na cidade, minha irmã estava morando aqui na *Ocupação*, por ter sido violentamente espancada por seu companheiro, a ponto de ficar com o rosto desfigurado. Fiquei um tempo aqui na cidade, mas não estava dando mais para mim. Decidi voltar para o litoral. Quando cheguei à rodoviária de Porto Alegre, minha ex e seus “comparsas” estavam lá me aguardando. Eles me agrediram muito, rasgaram as minhas roupas, mochilas, ficou tudo espalhado no chão. Com as fortes agressões na minha cabeça, acabei desmaiando. Um taxista acabou socorrendo-me e me ajudou.

2.6- Com o Rap na cabeça

É sempre bom ter um lugar para onde correr em momentos difíceis. Que bom se todas tivessem um pouco da coragem dessas mulheres que passam por um ciclo interminável de violência.

ADUOA- Eu me lembrei da *Ocupação*, porque a minha irmã tinha falado muito bem daqui. Tudo isso é muito recente, estou aqui na casa apenas há quatro meses. Quem eu podia contar, que era a minha vizinha não tá mais aqui. E agora, é vida real, eu tenho que me virar. Como eu sempre me virei... Até hoje, não entendo o porquê ela foi tão malvada comigo.

GABRIELA- Tu achas que pode ter sido por causa da música?

ADUOA- Sim, também, acho que não só isso. Mas, eu acho que ela via na música uma inimiga que poderia me tirar dela a qualquer momento, porque eu gosto muito de música e jamais largaria ela por outra coisa, ou alguém.

GABRIELA- O que tu pensas e esperas para tua vida daqui para frente?

ADUOA- Agora, só quero passar um final de ano sem ser agredida, pois, nos últimos quatro anos, a celebração pelo ano novo vinha sempre acompanhada de uma surra.

Nesse momento *Aduoa*, deu um longo suspiro... Pela intensidade deve ter sido um suspiro de mágoa, numa fusão de sentimentos inexplicáveis.

ADUOA- Eu encontrei, aqui na casa, carinho e afeto, e isso não tem preço. Todo mundo aqui me trata bem, de igual para igual, sabe...

GABRIELA- E a música, o que tu sentes em relação às tuas habilidades musicais nesse momento? Pensa em um dia retomar as tuas atividades musicais?

ADUOA- Hoje, cada vez que tento escrever algo me lembro das agressões e já me dá dor de cabeça. Gosto de escrever as letras de *rap*, mas ainda não me sinto preparada para recomeçar...

Minha conversa com *Aduoa*, embora tenha me impactado muito, não me levou às lágrimas como aconteceu com as conversas com *Melodia*. Isso me causou desconforto. Para essa reação, me lembrei do que Beaud e Weber nos alertam para o que pode acontecer com o/a pesquisador/a em campo:

[...] Tornar-se pesquisador quando se é de antemão participante (é o que chamamos de pesquisa de *distanciamento*) supõe uma tomada de distância pela qual não será possível apoiar-se sobre as próprias impressões de estranhamento. Em particular, tudo poderá parecer de antemão, natural, evidente, automático, pois haverá explicação para tudo; ter-se-á a impressão de tudo saber [...] (BEAUD; WEBER, 2014, p.39).

Ao questionar-me sobre meus estranhamentos e fazendo conexões com as reflexões dos autores, saí de lá me perguntando, se, após estar convivendo na casa a algum tempo e ouvir

seguidamente casos semelhantes aos de minhas personagens, eu teria caído no senso comum ao achar que as agressões contra nós mulheres é algo normal e que só acontece com 500 mulheres que são agredidas diariamente no Brasil. Minha preocupação está não só na minha “naturalização” dos fatos. Mas, na naturalização de uma sociedade inteira, que aborda a temática diariamente como apenas mais um dado das estatísticas.

Aproveito o ensejo para trazer aqui a reportagem do Correio Braziliense (SOARES, 2018), sobre o caso de feminicídio praticado contra a musicista violonista Mayara Amaral com 27 anos na época de sua morte em julho de 2017. Nascida em Sete Quedas, no Mato Grosso do Sul, Mayara era a caçula entre quatro irmãos. Ela se formou em licenciatura em Música pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2010, e fez mestrado em música na Universidade Federal de Goiás (UFG). Envolvida em questões e lutas feministas, teve como tema do trabalho de conclusão do mestrado as mulheres compositoras da década de 1970. A musicista foi morta violentamente por um rapaz, que, segundo as investigações, ela estava saindo há algum tempo. Trago o caso de Mayara para esse trabalho para chamar atenção que a violência contra mulheres musicistas existe sim, só que, infelizmente, não se evidencia tanto na sociedade quanto os atos praticados contra as mulheres em geral, pois não ganham cartazes “midiáticos” em torno do tema. O que pode ser interpretado de forma geral pelo fato que a mídia e a sociedade entendem as *artistas* e o *mundo musical* como um universo belo ou glamoroso, e, portanto, desprovido de qualquer situação de conflito que fuja desse estereótipo. Sendo assim, mudam os cenários, mas jamais rompem-se as estruturas.

Por enquanto, suspendo aqui as narrativas das minhas interlocutoras *Melodia* e *Aduoa*, para introduzir os relatos das trajetórias de mais duas interlocutoras, *Anyango* e *Anulyca*. No capítulo 5, retomarei os fios narrativos de suas histórias no estágio em que as encontrei alguns meses depois, ocasião em que trato mais reflexivamente dos meus questionamentos de pesquisa.

CAPÍTULO 3 - ATRÁS DE OUTRAS NARRATIVAS

Nesse capítulo, trago as narrativas das colaboradoras *Anyango* e *Anulyca*, ambas mulheres negras, que, assim como as demais, me contaram um pouco a respeito de suas trajetórias musicais e o ciclo de violência doméstica que passaram ao exercerem suas habilidades musicais. Começo esse capítulo apresentando o relato da simpática *Anyango* e de como nos conhecemos.

3.1- Anyango e a iniciação social no Hip Hop

Sexta- feira, 21 de setembro 2018: Véspera do meu aniversário me dirigi até a casa por volta das 15 horas. Nesse dia estava acontecendo um chá beneficente organizado pelas colaboradoras e coordenadoras do espaço, evento realizado ainda com intuito de fazer movimento contra a reintegração de posse nas dependências da casa. Estavam presentes somente mulheres, as quais se encontravam reunidas na sala grande da casa. A sala é ampla, ao redor estavam distribuídos cadeiras e bancos para que as convidadas fossem sentando onde se sentissem à vontade. As colaboradoras e coordenadoras fizeram bolos e salgadinhos para servirem as suas convidadas. Havia um caixa de som que tocava músicas que falavam sobre resistência negra nas vozes de mulheres, como eu já tinha ouvido em outra ocasião, e um microfone, o que denunciava que as meninas iriam aproveitar o momento para fazerem algum tipo de pronunciamento.

As crianças estavam brincando dispersas no pátio, umas cuidando das outras como já é de costume. Para esse evento reuniram-se aproximadamente vinte mulheres nesse espaço. Logo em seguida, chegou à deputada que acompanha as demandas da casa para participar da reunião. Por volta das 16h:30min, uma das colaboradoras fez as honras da casa pegando o microfone e falando algumas palavras sobre o projeto da *Ocupação*. Em seguida, foi dada a palavra a mais duas coordenadoras, que por fim acabou na fala da “representante do governo”. A deputada falou sobre o perigo de ocorrer à reintegração de posse a qualquer momento, e que está apoiando a casa e tentando reverter o terrível quadro que está se desenhando contra as moradoras desse local. Eu ouvi a tudo atentamente, fazendo-me questionamentos a respeito das políticas públicas e seus representantes, que em nada nos representam.

A casa está atualmente com seis moradoras. Dentre elas *Aduoa*, *Melodia* e *Anyango*, a qual conheci na batalha de *SLAM* das *Minas* em junho, logo nos primeiros meses que estava em campo, que é agora ex-moradora, mas está sempre na casa apoiando a causa. *Anyango* é uma mulher negra, bonita, alegre e comunicativa. Ela também é musicista. Deixa evidente em sua fala que pertence a algum grupo identitário. No sarau do *SLAM DAS MINAS*, ocasião em que a conheci, já havia dado uma prévia a ela sobre o meu projeto, mas ela acabou saindo da casa e perdemos contato. Após esse segundo encontro, ela disse que gostaria muito de participar do

meu projeto. Fiquei feliz, mais uma para compor o “time”. O evento começou com o pronunciamento de uma das coordenadoras. A mesma falou sobre o momento tenso que a casa está vivendo com a ameaça de reintegração de posse, agradeceu a presença das mulheres e pediu “resistência”. É bonito ver o engajamento das mulheres envolvidas nesse projeto, pretas, brancas na luta contra a violência doméstica, na qual não existe distinção de cor. Conversei mais um pouco com as mulheres que estavam nesse espaço e peguei o contato de telefone de *Anyango* para conversarmos posteriormente.

Na semana seguinte, marquei um encontro com *Anyango*. Ela já foi acolhida da casa, hoje em dia não mais. Conseguiu vencer seus traumas e se reinventou, atualmente frequenta a casa como apoiadora, mora com um companheiro que aceita a sua musicalidade e ingressou recentemente em uma faculdade pública, onde cursa Ciências Sociais. Liguei para ela na semana seguinte, marcamos um café fora da casa, pois, como já comentei anteriormente, o espaço está passando por momentos conflituosos sob ameaça de uma reintegração de posse, e, por uma questão de segurança tenho evitado ir muito seguido até lá.

Terça-feira, 25 de setembro 2018: Marcamos nossa conversa às 18 horas em uma cafeteria. Eu cheguei “adiantada”, para variar um pouquinho. Logo em seguida ela chegou muito sorridente e de bem com a vida. Sentamos no espaço, mas percebemos que ali fazia muito barulho, então procuramos um lugar mais reservado dentro desse local onde estávamos. Expliquei novamente sobre o que se tratava o meu projeto, ela ouviu e achou “massa¹⁴”, ela usa constantemente essa palavra. Começamos o nosso longo e emocionado bate-papo, remexer na caixinha das emoções tem disso... Começo perguntando a ela como foi a sua infância, quando e onde começou a sua relação com a música.

ANYANGO- Tenho 25 anos. Nós éramos quatro, eu, minha mãe e duas irmãs. Meu pai saiu de casa quando nós éramos muito pequenas, a questão envolvia filhos de outro casamento... Aquela coisa toda. Eu e minhas irmãs sempre estudamos em escola pública. Com a separação de meu pai, minha mãe foi para a igreja evangélica. Nós participávamos do coral das crianças. Como eu gostava muito de falar, era vista nesse espaço como pregadora da palavra de Deus, e a minha irmã era vista sempre como a cantora.

A minha mãe sempre me incentivava a tocar violão. Meus pais se conheceram em uma escola de samba, então crescemos ouvindo os clássicos do samba como *Zeca Pagodinho*, *Almir Guineto*, *Beth Carvalho*, *Benito de Paula*, entre outros artistas que estavam em evidência na

¹⁴ Massa (Gíria)- Algo muito interessante, legal, da hora, irado, maneiro, show, sinistro.

época, ouvíamos isso até entrarmos pra igreja. Meu pai morreu quando eu tinha dez anos, então o histórico sociocultural dele para mim é muito vago. Minha mãe é filha de agricultores, que diante de sua cultura social só tinham duas opções na vida, ou viravam freiras, ou empregadas domésticas, ela ficou com a segunda opção. Minha avó é bugra¹⁵, meu avô é mestiço com português, e o meu pai era negro. Meu pai não foi registrado pelo pai, na certidão constava só o nome de minha avó, que trabalhou sempre como escrava na família de brancos, a qual distribuía seus filhos para outras famílias.

Meu pai conseguiu tirar carteira de motorista e fazer o segundo grau. Foi mais ou menos assim que se constituiu a história da minha árvore genealógica. Bom... Na igreja eu sempre tinha vontade de cantar, mas todos diziam que eu não tinha voz para isso, que o meu “dom” era da palavra, que eu era uma pregadora, pastora, missionária. Eu sempre dizia que queria cantar, nunca tive essa coisa de técnica nem de persistência, eu queria só cantar. Aliás, eu sempre quis um milhão de coisas, quando a gente se cria sem perspectiva a gente se agarra no que tem, né?

Tudo que a gente vê de diferente a gente quer fazer, porque pra quem nunca teve nada, tudo que vem é legal. Então, eu sempre quis fazer de tudo. Sempre quis ser cantora, atriz, professora, tudo que eu pudesse ser, e ainda quero ser tudo que eu puder ser, eu vou ser. Porque sempre ouvi a minha vida toda que, se eu não fizesse tal coisa, nunca ia ser ninguém. Sempre me inspirei por fazer algo, porque a gente vem de vila, de família pobre, sou do interior do Estado, da cidade de Passo Fundo. O local lá é composto por “mini” periferias afastadas. Quando eu vou a qualquer morro daqui, vejo as mesmas condições que nós tínhamos lá. Quando o meu pai faleceu em um acidente de caminhão, ele deixou um seguro, daí a minha mãe conseguiu comprar uma casinha, ela não comprou a casinha na vila, mas comprou a duas quadras dali. Então, continuamos lá... Dessa forma, cresci ouvindo negativas a respeito de morar no interior e a sentença de que nunca conseguiria sair de lá e ser alguém na vida. Também tinha o problema de querer ser aceita pelos outros, né? A gente cresce sem autoestima, sempre fica esperando pelos outros, isso até hoje eu estou aprendendo, como me ver sem me importar com os outros? A gente sabe quem é, de onde viemos, temos identidade, mas sempre nos foi negado. Primeiro por causa da religião que eu não podia participar do coral por não saber cantar, isso foi me cansando e aos quatorze anos eu não quis mais me envolver com a religião.

Refletindo sobre o relato de Anyango, sobre as diferenças entre mulheres brancas e negras, lembrei-me de uma passagem de Gonzalez, que descreve brilhantemente sobre o tema... “Da mesma forma nós mulheres não brancas, fomos faladas, definidas e classificadas por um sis-

¹⁵ - Bugre(a)- é uma denominação dada a indígenas por serem considerados não cristãos pelos europeus.

tema ideológico de dominação que nos enfatiza” (GONZALEZ, 1998, p. 14). Os grilhões de séculos de escravidão ainda insistem em roubar nossa identidade...

ANYANGO- Comecei a ouvir Daniela Mercury, ela também tem cabelo cacheado, logo me sentia representada por ela. Nessa época, me questionava sobre quem eu era. Eu sou negra? Branca? Mestiça? Parda? Onde eu tô nisso? Nessas tais diferença, acaba tendo indiferenças também.

Aqui faço outra pausa para uma reflexão sobre as questões identitárias negras retumbantemente enfatizadas por Carneiro:

[...] Uma das heranças da escravidão foi o racismo científico do século XIX, que dotou de suposta cientificidade a divisão da humanidade em raças e estabeleceu hierarquias entre elas, conferindo-lhes estatuto de superioridade ou inferioridade naturais. Dessas ideias decorrem e se produzem as conhecidas desigualdades sociais que vêm sendo amplamente divulgadas nos últimos anos no Brasil (CARNEIRO, 2011, p. 15).

Em concordância com a autora e com minha interlocutora, nessas diferenças infundadas de um sistema europeu racista e excludente, o que mais vemos são as diferenças raciais, as quais insistem em nos tratar como sujeitos invisíveis.

Continuando a ouvir o relato de minha interlocutora:

ANYANGO- Achava a Shakira legal, a música e o cabelo eram parecidos com o meu, eu procurava referências nessas pessoas. Gravava suas músicas em fita K7, cantava e dançava tentando imitá-las, brincando com a voz numa perspectiva de mudar de realidade, talvez na época não entendesse isso dessa forma, hoje eu compreendo. A minha mãe sempre trabalhou em casa de família, e sempre me dizia que eu poderia ser professora. Eu não queria ser professora, mas muita gente dizia que eu era bonita que eu poderia ser uma artista, modelo, atriz... Estava errado, eu queria era brincar com a voz.

Logo em seguida, eu quis começar a usar calça, cortar cabelo, usar maquiagem tudo que a igreja abominava. Comecei a ir para rua, saí da vila para ir pro centro da cidade. Lá eu encontrei tudo, né?... No centro é o polo das outras cidadezinhas, nesse local conheci o skate e comecei a andar nele, usava-o como caminho para sair da vila. Aí começou a pressão social, que me dizia que eu não podia engravidar, que tinha que me cuidar se não ia ficar igual às outras meninas da vila. Eu pensava que andando de skate não engravidaria e seria alguém. Nisso, conheci o *Hip Hop*, andava de skate e tinha uns caras que se reuniam para ensaiar, achava aquilo lindo... Logo me identifiquei, percebi que queria, mas que não sabia cantar. Tinha um conhecido que se chamava “Seco”, ele já morreu, mas foi ele quem me apresentou a cultura e a identidade do *Hip Hop*, as gírias, expressões, e a realidade que vem sempre expressa na primeira pessoa, ele me

disse que para cantar *Rap* não precisava ter voz bonita e fazer solfejos, me disse que a arte estava em rimar.

O *Rap* é isso, você descreve algo, então não precisa ter um vozeirão, logo eu podia ser uma *MC*. A partir daquele momento, decidi que era isso que eu queria fazer, pois na igreja me diziam que eu tinha o dom da palavra, e no *Rap* posso usar a minha palavra, perfeito é isso mesmo, vou levar a palavra de gente que sofre através dessa batida. A partir daí, me reconheci como artista e *MC* de fato. Então, comecei a frequentar as batalhas de *Freestyle*¹⁶, ia para as vilas, onde falava através da minha palavra todos os problemas e invisibilidades existentes dentro das periferias. As rodas de *Freestyle* consistem em dizer onde e como você vive, e compartilhar os mesmos problemas sociais de outras localidades.

Nesse meio tempo, conheci o movimento estudantil, quando eu estudava e fazia Magistério no turno da noite. Nessa época pensava que enquanto não conseguia ser “famosa”, precisava fazer alguma coisa para viver, ia ser “prof”. No meio do caminho acabei abandonando o curso, e fui fazer o Ensino Médio. No movimento estudantil havia vários questionamentos, os quais foram me dando ideias. Logo em seguida, começamos a ir às escolas para falarmos sobre problemas pertinentes da classe estudantil, como, por exemplo, sobre as dificuldades que tínhamos para tirar o passe livre, esses temas sempre acabavam virando *rap*. O tempo foi passando, e logo em seguida comecei a trabalhar como recepcionista em um teatro da cidade, posteriormente eu já estava dando oficinas, e todas as portas foram abertas através do *Rap*.

Usava a rima como ferramenta mesmo, para abordar sobre assuntos sociais. Nessa época, já estava com dezessete anos e ainda não tinha terminado o Ensino Médio. Queria fazer tudo ao mesmo tempo como militante, e acabei percebendo que esse caminho poderia não dar muito certo. Por trás sempre vinha uma cobrança por parte da minha mãe, a qual me dizia que “ok, você sempre trabalhou, não precisa casar, mas precisava ter um futuro”, e eu entendia isso perfeitamente. A minha irmã mais velha, quando o meu pai morreu, engravidou e saiu de casa, aquilo foi muito ruim para mim. Eu sentia que a cobrança da minha mãe era tipo “olha a tua irmã”. Comecei a refletir sobre o que ela me falava, e fui achar o que fazer. Eu já fazia parte de

¹⁶ *Freestyle* (literalmente rap livre) é um subgênero da música rap. Se caracteriza principalmente por letras improvisadas do rapper, expressando o que sente sobre determinado assunto, mas mantendo uma fluência certa. As "batalhas de MCs" são uma das principais atrações do gênero. Surgiu na Região Metropolitana de Nova Iorque na década de 1980. Essa modalidade musical experimentou sua maior popularidade do final dos anos 1980 até o início dos anos 90.

Freestyle-Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Freestyle_\(g%C3%AAnero_musical\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Freestyle_(g%C3%AAnero_musical)) Acesso às 15 horas do dia 08 de novembro de 2018.

um grupo de *Rap*, o qual não lembro o nome. Até então, nunca tinha tido um namorado, porque eu pensava que, se arrumasse um namorado, logo iria engravidar e isso iria acabar com a minha vida, não ia poder fazer as coisas que eu gosto, então nada de namorado. Também não podia sair de casa porque eu não tinha dinheiro. E agora?

Nesse meio tempo, era o momento do *Orkut*, um grupo de *Rap* aqui da capital nos achou por essa rede social. Eles eram uns caras muito legais, eram da “cidade grande” eu já tinha vindo algumas vezes para cá, já tinha uma ideia de como era aqui e achava legal. Teve um cara por quem me interessei, achava ele bonito, legal, carinhoso atencioso...

Nesse momento, são oito horas da noite já está escuro, *Anyango* também mora afastada da capital, interrompemos a nossa conversa e ficamos de marcar em breve uma data para um novo encontro, a fim de retomarmos nossa conversa. Saí do local pensando na próxima conversa, curiosa para saber mais sobre a trajetória de vida dessa mulher tão empoderada e segura de si, e de como ela se viu e sentiu-se em um cenário de violência doméstica. Nos momentos que estivemos conversando, percebi o quanto o reconhecimento de nossa identidade faz-se importante na nossa autoafirmação enquanto sujeitos sociais vivendo em grupo. Fazendo reflexões sobre a conscientização de nossas raízes sociais e culturais, percebo que como, isto é, de suma importância para nossa construção identitária de mulheres negras, ativas e pensantes nos contextos em que estamos inseridas.

3.2- Nem tudo que reluz é ouro

Sábado, 06 de outubro 2018: Nesse dia, marquei uma conversa com *Anyango* na *Ocupação Guerreiras*. Normalmente, na casa, aos sábados sempre acontecem oficinas, eventos, palestras, shows... Enfim, algum evento social que movimenta o espaço. Nesse sábado, a palestra foi sobre horta comunitária. Cheguei à casa por volta das 15 horas. *Anyango* ainda não havia chegado. Ao entrar na casa, percebi que estava com poucos móveis. Perguntei para uma das meninas a respeito, ela disse que já estavam se mudando para a nova *Ocupação*, e que a mobília estava sendo levada aos poucos. Fiquei feliz com a boa notícia. A reunião estava acontecendo na sala principal da casa, onde acontece a maioria dos eventos. Na reunião estavam presentes doze mulheres, entre acolhidas e colaboradoras. Nem sempre todas as acolhidas participam dos eventos, e isso fica a critério de cada uma. O convite é feito, elas participam se sentirem vontade. Chamou-me atenção que a maioria das acolhidas não participou nessa oficina, estavam presentes apenas duas das nove.

Sentei um pouquinho para assistir a palestra, enquanto esperava por minha colaboradora. Quem estava dando a palestra era uma menina estudante de biologia de uma universidade

particular da capital. A grande maioria das colaboradoras da casa são estudantes de graduação ou pós-graduação em faculdades e universidades de Porto Alegre. Assisti durante dez minutos a fala da menina sobre compostagem. Logo em seguida *Anyango* chegou. Cumprimentamo-nos e fomos até uma das salas da casa para continuarmos nossa conversa. Os nossos horários divergem, pois ambas estudamos em horários diferentes e com essa questão da reintegração de posse nossos encontros estão se tornando mais espaçados. Sentamos cada uma em uma cadeira de frente para outra. A sala é pequena, e é usada para conversas quando necessário, tem uma janela grande que dá para o quintal da casa. As crianças estavam brincando na parte da frente da casa, e nós ouvíamos de longe o barulho da brincadeira deles no local. Liguei o gravador, retomamos nossa conversa:

GABRIELA- Que bom que conseguimos nos reencontrar para retomarmos a nossa conversa, nós sempre nos encontramos rapidamente em algum evento da casa. Eu gostaria que tu me contasses mais um pouco sobre a tua trajetória musical e a violência que tu sofreste.

ANYANGO-- Então... Eu tinha conhecido um cara que era legal, carinhoso, mas que morava longe. Mas eu pensava... Se eu tivesse um cara que gostasse de mim, me entendesse, que fizesse e curtisse a mesma coisa que eu, o relacionamento poderia ser legal. A minha mãe vai entender que eu não tô jogada, que eu tenho um namorado. Porque eu não queria namorar ninguém de lá, porque os caras meio que excluía as “minas”¹⁷ do movimento. Eles gostavam de meninas arrumadinhas, nós não éramos. Nos vestíamos com roupas de skatistas. E não ia me adequar para me enquadrar nos parâmetros deles.

Quando eu conheci esse cara, e não precisei me adequar aos padrões dele, já no primeiro momento pensei... “Nossa ele é o meu príncipe.” Começamos a namorar. Me formei no Magistério. Ele continuava morando aqui, ficamos indo e vindo. Ele se mostrava muito cuidadoso comigo, eu tinha uma dependência amorosa por causa disso. Ele acabou indo morar comigo na minha cidade. Eu arrumei um trabalho num frigorífico. Trabalhava das duas da tarde até as duas da manhã.

Preparei a minha vida para ele. Deixei o *rap* para viver isso. Um mês morando junto, e ele começou a mandar nas roupas que eu vestia. Ele não trabalhava e não queria trabalhar no mesmo local que eu, e olha que eu insisti várias vezes... Cinco meses depois, ele arrumou um trabalho. Eu saí de onde estava trabalhando, o frigorífico judia da gente, sabe? Lá na minha cidade, sofria muito preconceito por ser negra, principalmente por ser uma cidade pequena. Dá

para sentir o racismo mais de perto. Não que aqui na capital não tenha, mas eu sinto muito mais lá.

Como Werneck nos ensina, as ações sociais que insistem em invisibilizar as mulheres negras são explicitamente expostas de forma cruel e taxativa.

As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. (WERNECK, 2009, p.151).

Em diálogo com ambas, autora e colaboradora, concordo que nossa invisibilidade já é menos sentida nos grandes centros sociais, e que essa situação só se agrava quando estamos inseridas em cidades pequenas, onde o racismo além de nos invisibilizar faz questão de nos lembrar o porquê somos inexistentes.

3.3- Ceder... um caminho sem volta

Não diferente de minhas demais colaboradoras, *Anyango* mostra-se chateada ao relembrar os fatos ocorridos. Assim como as outras interlocutoras, ela doou-se por amar ao “outro”. Reviver esses momentos a deixam visivelmente abalada.

ANYANGO- Um mês depois nós já brigávamos bastante, e a cada vez que isso acontecia ele dizia que ia embora. Que nós não íamos dar certo. Eu fumo desde que saí da igreja, queria “transgredir”. Ele me proibiu de fumar, de ver minhas amigas. Ficamos juntos durante três anos. Mandava nas roupas que eu usava em casa e na rua, eu aceitava porque sempre pensava que ele fazia isso porque me amava.

Eu tinha noção da violência doméstica, mas para mim, ele não fazia o estereótipo de homem que praticava esse ato, não nas letras *raps* que eu ouvia. Ele passou a frequentar o meu círculo de amizades, o pessoal já não me chamava mais para cantar *rap*, agora o convidado já era sempre ele. Passou a ficar muito tempo na rua, escrevendo, fazendo música sempre na casa de alguém. Eu virei Amélia. Pensava que primeiro eu tinha que deixá-lo fazer o CD dele, depois eu voltava com as minhas atividades musicais. Teve uma vez, em uma festa de *rappers*, que ele ficou com ciúmes porque eu estava cantando e me atirou um copo de cerveja. Meus amigos tentaram interferir, mas eu saí a favor dele.

Eu sempre me sentia culpada, tinha medo dele ir embora e também não queria voltar para casa da minha mãe. Quando uma mulher passa por violência doméstica, as amigas até tentam ajudar, mas estamos tão cegas que rejeitamos a ajuda. Os amigos, normalmente, depois dessa reação, largam de mão e não se metem mais.

Nesse momento, *Anyango* relembra-se das agressões e dos amigos que tentaram ajudá-la, e se emociona.... Limpa as lágrimas e retoma a sua fala.

ANYANGO- Ele fez CD, se apresentava, viajava, faltava ao trabalho... Eu não podia faltar nunca, porque ele não deixava. Nessa época, eu já estava trabalhando como professora em uma escolinha. Eu sempre me preocupava com as coisas da casa. Ele não tava nem aí. Cada vez que ele me batia, eu ia para casa da minha mãe. Depois ele se arrependia, e dizia que ia mudar. Nessa época já estávamos morando aqui na capital. Eu cedia. Uma, duas vezes... A cada vez que eu expressava que queria voltar a cantar, ele me espancava e falava que esse assunto o deixava “desestabilizado”. Nesses momentos ele dizia:

AGRESSOR- Tu veio morar aqui não foi por minha causa, veio para se aproveitar da minha música, e tentar tirar o meu espaço como cantor. Mas, tu não vai voltar a cantar, cada vez que tu falar isso, eu vou te bater e tu vai ter que aguentar. Agora tu tá longe da tua família, quero ver o que tu vai fazer...

ANYANGO-- Decidi que eu não queria mais aquilo para mim. Queria cantar, viver a minha música. Uma noite, durante uma apresentação que eu estava fazendo ele apareceu. Me tirou para fora do espaço à tapa, o único que se meteu foi um morador de rua. Para não piorar a situação fui com ele. Quando dobramos a rua não me lembro de mais nada.

GABRIELA- Como assim?

ANYANGO- Não sei, acho que foi um soco que ele me deu e eu desmaiei. Quem me ajudou foi uma “mina” que estava passando no local. Eu fiquei toda roxa, porque ele me chutou, meu rosto ficou desfigurado.

Nesse momento, sinto um misto de raiva e indignação na voz de *Anyango* que se emociona novamente, eu da mesma forma... *Anyango* apesar de muito ferida emocionalmente, não se deixa esmorecer e tenta se reinventar...

3.4- Tentando recomeçar

Cair faz parte da vida. O que não podemos nos permitir é ficarmos no “chão”. Minha colaboradora juntou seus pedaços e decidiu dar-se uma nova chance.

ANYANGO- A partir daí eu decidi dar um basta na situação. Saí de casa e foi nesse momento que eu encontrei, através de amigos, a *Ocupação Guerreiras*, por onde fiquei por cinco meses. É um lugar maravilhoso que eu encontrei. Aqui eu resgatei a minha dignidade, minha autoestima. As meninas que estão à frente da casa são maravilhosas, nos apoiam em tudo que for necessário, por isso que estou sempre por aqui ajudando no que posso. Meu agressor fugiu para São Paulo. Depois disso ele ficou como foragido.

GABRIELA- E a tua relação com a música, como ficou?

ANYANGO-- Logo que saí da casa eu já retomei a minha música, e hoje em dia estudo e trabalho com ela, algo que eu nunca deveria ter deixado de fazer. A gente que é mulher não pode ceder nenhuma vez para os homens, porque depois já viu, né? Não tem mais volta.

Pude perceber que, enquanto conversávamos, *Anyango* emocionou-se várias vezes. Era nítido ver, em suas expressões, a mudança de seu semblante e o tom mais ríspido na voz ao relembrar momentos ruins. Hoje, *Anyango* retomou as rédeas da sua vida e conseguiu reestabelecer suas atividades com a música. Encontrou um companheiro que a ama e respeita a sua arte, algo bem raro de acontecer para nós mulheres que nos encontramos nessa posição profissional. *Anyango* me enviou uma letra de *rap* gravada. Fiquei feliz... Abaixo trago a letra de sua composição, a qual ela nomeou de América.

América

América Latina, América Central

América querida equatorial

Dos sorrisos quentes clima tropical

América do norte, América real

Entre as bromélias e palmeiras

A luz forte do sol que desencandeia

Beijos sinceros de alma verdadeira

Entre rios e cachoeiras

Te quero de sexta-feira a sexta-feira

Sábados de feira, trabalhadora brasileira

Não tamo de brincadeira

Joga as cartas na mesa

Olha a ginga de capoeira

Nessa pele mestiça, tem raiz de Jacira

Negra com branca, linhagem de rainha

Das cores verdes, me faço poesia

Das cores verdes, me faço poesia

Nativa do continente ao sul das ilhas

Brasil de Colombo, mares e oceanos

Mergulho em sonhos, América sem dono

Sobre o teu manto reis e tronos

Miséria do teu povo, América sem dono.

Ouvindo este *Rap* que minha colaboradora enviou em uma gravação feita *a cappella*, fiz umas breves constatações a respeito de alguns pontos que ficam bem evidentes durante sua performance vocal. A intensidade da voz da artista permanece em uma constante durante a gravação. Ela procura rimar despreziosamente as palavras: *palmeiras, verdadeiras, cachoeiras, sexta-feira, brasileira, brincadeira e capoeira*. Em seu “bailado” de palavras talvez não queira mostrar-se tanto poetisa, mas deixa claro seu encantamento pela beleza do nosso país.

Dessa forma, o *Rap* de *Anyango* retrata um pouco da realidade do nosso país tão rico e ao mesmo tempo tão desigual. Em sua performance vocal, deixa transparecer através da sua entonação, toda a admiração pela nossa pátria, sem esquecer de exaltar a beleza da mulher mestiça que não foge da luta diária pela sobrevivência a qual somos submetidas diariamente.

Em suma, a narrativa de *Anyango*, bem como as das demais colaboradoras, deixam transparecer que suportaram as agressões por amar seus companheiros e por achar que eles não seriam capazes de ir tão “longe” com as agressões, usando a música como cortina de fumaça para justificar todo o ciclo de violência. Podemos ver que bell hooks, em relação ao que estamos expondo, recupera da escravidão o legado da brutalidade e violência que se encontra em muitas relações contemporâneas:

O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar (...) Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existem pouco ou nenhum amor. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso. O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar (...) A vontade de amar tem representado um ato de resistência (...) Mas ao fazer essa escolha muitos de nós descobrimos nossa capacidade de dar e receber amor (...) Imagino que, após o término da escravidão, muitos negros estivessem ansiosos para exprimirem relações de intimidade, compromisso e paixão, fora dos limites antes estabelecidos. Mas é também possível que muitos estivessem despreparados

para praticar a arte de amar. Essa talvez, seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Segundo o nosso modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levaram os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como para que provar seu controle e dominação. (hooks, 2000, p.1.2).

Fazendo conexões entre meus pensamentos e a escrita da autora, percebo que as relações de poder existem em todas as camadas da sociedade. Nesse contexto, impera a lei do “maior engole o menor”, ou “do manda quem pode e obedece quem tem juízo”. As mulheres de minha narrativa queriam apenas ser amadas e respeitadas enquanto musicistas a exercer suas aptidões musicais. Contudo, o rompimento dessas estruturas mesmo com tantos anos pós-escravidão e evolução de pensamentos e ações, ainda andam a “passos lentos” para uma nova configuração das relações de poder impostas e herdadas do regime patriarcal.

3.5- *Anulyca*, em cada narrativa uma nova reflexão

Nesse momento, trarei a narrativa de *Anulyca*, outra mulher forte e determinada que tive o prazer de trazer para compor o meu time de mulheres musicistas de coragem nesse trabalho.

Quinta-feira, 18 de outubro: Dirigi-me até a casa após conversa por aplicativo com *Anulyca*, marcamos uma conversa na casa de acolhimento. Eram 15:00 horas, ao chegar na casa ela já estava me esperando e veio abrir o portão. Sempre sorridente e muito bem-humorada, recebeu-me com um abraço gostoso para a nossa conversa. As crianças estavam na escola, e a maioria das acolhidas estava trabalhando ou trancada em seus quartos. *Anulyca* estava em casa nesse dia, porque teve que sair do trabalho, após tomar a decisão de sair de casa por não aguentar mais apanhar de seu agressor. Fomos conversar no pátio da casa, sentadas em um banco embaixo de uma árvore. Novamente eu lhe expliquei sobre o meu projeto de pesquisa e quais os meus objetivos a partir desse trabalho. Ela entendeu meu propósito desde o início de nossas conversas, só não tínhamos encontrado oportunidade para conversarmos ainda. Em seguida, ela começou a tecer sua narrativa através de sua trajetória de vida.

Anulyca tem 27 anos, nasceu em Porto Alegre em uma família de músicos do “ritmo *samba*”. Pai, tias e tios, “todos,” segundo ela, tinham sido picados pelo “mosquitinho” da música. Foi criada em uma periferia da capital e a família era composta por ela, duas irmãs e seus pais.

Crescer em um ambiente de violência só deixa marcas profundas, que se arrastam por toda uma vida. Para *Anulyca* os episódios de violência que presenciou enquanto criança trazem más recordações...

ANULYCA- Morávamos em uma casa muito humilde. Sempre estudamos em escola pública e meus pais se diziam católicos, mas eu, sinceramente, não me lembro de ter ido a nenhuma igreja dessa denominação enquanto criança. Meu pai era músico, tocava e cantava samba, e minha mãe trabalhava como empregada doméstica. Criavam eu e minhas irmãs com muita dificuldade. Sabe como é músico, boêmio, se hoje nós que exercemos essa profissão já somos vistos de maneira pejorativa pela sociedade, imagina naquele tempo, na década de 1990... Meu pai era um homem extremamente machista e tratava minha mãe debaixo do “chicote”. Ainda hoje, tenho as lembranças dos gritos e do choro de minha mãe a cada vez que ele batia nela.

ANULYCA- Eu era a mais velha, sentia, ouvia e compreendia tudo que acontecia ao meu redor com muito mais discernimento do que minhas irmãs menores. Temos três anos de diferença de idade uma da outra, e aí já viu né? Nas famílias das periferias os irmãos mais velhos vão cuidando dos mais novos, comigo não foi diferente. Fomos crescendo, eu sempre fui uma artista. Lembro que minha professora do segundo ano do Ensino Fundamental sempre dizia isso para os meus pais em dias de reunião. Eles ficavam faceiros, eu mais ainda. Nas festas de família, eu sempre inventava algo para “aparecer”. Eu tinha uma tia que também era cantora, e eu adorava ir com meus pais onde ela estava se apresentando. Meu tio, marido dela, também batia muito nela por não aceitar que ela cantasse na noite, eles casaram e tiveram filhos, mas o machismo dele não deixou que eles permanecessem juntos. Não enquanto ela insistisse em sua carreira musical. Ela nunca cedeu. Ele a deixou e casou com outra mulher. Ela morreu feliz exercendo suas habilidades musicais.

GABRIELA- Esse teu tio era irmão do teu pai ou da tua mãe?

ANULYCA- Do meu pai.

Ao ouvir esse relato de minha colaboradora, percebo que a violência é um ciclo vicioso dentro das famílias de origem majoritariamente negra que vivem dentro das periferias. Aqui, lembro-me de hooks novamente, que afirma: “o problema da violência negra são os ecos das mensagens patriarcais e sexistas dentro de suas famílias por membros da mesma raça” (hooks, 2000, p.02). Logo, nesse contexto, entendo a violência como uma herança geracional passada de “pai para filho” e praticada diariamente nessas localidades.

ANULYCA- Eu me criei em volta de todo aquele cenário musical, ia para as apresentações do meu pai e ficava maravilhada ao ver suas apresentações. Desde muito cedo, meu pai percebeu minhas habilidades musicais. Na escola, sempre participava de apresentações artísticas, aquilo me fazia feliz. Fui me criando revoltada com as surras que via minha mãe tomar. Quando já estava grandinha, lá pelos meus treze anos, eu e minhas irmãs já não deixávamos ele bater na

mãe, mesmo que, por muitas vezes, tivéssemos que apanhar juntas com ela. Nessa época, eu estudava em uma escola perto de casa, arrumava e levava minhas irmãs para escola, essa tarefa era minha e ai de mim se não a desempenhasse direito.

3.6- Revivendo o fantasma da infância

Segundo o relato de minha colaboradora, a vida seguiu seu rumo e ela e suas irmãs cresceram...

ANULYCA- Eu andava sempre envolvida com música, cantava clássicos da MPB como *Gal Costa, Tim Maya, Djavan* e alguns sambas de *Alcione, Martinho da Vila, Emílio Santiago* e outros... Sempre acompanhada por um colega violonista em um barzinho da capital. Nessa época, eu já estava no Ensino Médio. Minha mãe já não apanhava com tanta frequência do meu pai, pelo menos não quando eu e minhas irmãs estávamos perto. Meu sustento saía da música, estava super feliz, estudava à noite e todos os finais de semana nós estávamos em algum lugar da capital ou no interior do Estado nos apresentando. Nessa época, eu estava com dezessete anos. O rapaz que tocava comigo era mais velho, meu pai não gostava muito, mas, como ele não podia com a minha vida, não se intrometia. Numa dessas apresentações aqui na capital, conheci meu agressor. Ele era um negro lindo, alto de olhos claros.

GABRIELA- Ele também era músico?

ANULYCA-- Não, mas me conheceu trabalhando em cima de um palco. Apaixonei-me na hora. Começamos a namorar, eu queria muito sair da casa dos meus pais, já não aguentava mais os mandos e desmandos de meu pai e o jeito que ele tratava a minha mãe. Logo em seguida que começamos a namorar, já fomos morar juntos. Estava aí a chance que eu queria para poder sair da casa dos meus pais. Nos primeiros dias de convivência tudo eram flores. Até a minha primeira apresentação, quando já estávamos morando juntos. Ele foi até o local em que eu estava me apresentando me olhando de cara feia o tempo todo. O dono do estabelecimento notou o meu desconforto, me chamou em um canto e disse que eu não precisava ficar até o final do tempo da música ao vivo por causa do meu “marido”, o qual pelo jeito, não estava gostando nenhum pouquinho de me ver naquele local. Pediu para que eu fosse embora e resolvesse a minha situação. No fundo, meu agressor nunca aceitou a minha profissão, só não sabia que ele chegaria ao ponto que chegou.

GABRIELA- Até então ele não tinha se mostrado violento em nenhum momento contigo?

ANULYCA- Não, em nenhum momento. Nesse dia, ele foi até em casa falando um monte de coisas, no caminho foi fazendo ameaças, eu fiquei quieta, não queria gerar atrito. Quando nós

chegamos à casa, após uma discussão terrível, ele partiu para as agressões físicas, me pegou pelo pescoço, e me avisou...

AGRESSOR- Cada vez que tu voltar a cantar é uma surra que tu vai levar. Agora tu que escolhe se quer apanhar ou não. Ali, me vi passando pela mesma situação que me criei vendo a minha mãe passar.

Nesse momento, paro para pensar sobre a relação de poder que os homens insistem em ter sobre as mulheres. E lembro-me de Carneiro, que tão bem nos analisa o histórico dessas relações. “Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados” ... (CARNEIRO, 1993, p.11) Será que esse fator ainda dá legitimidade para sermos tratadas somente como corpos femininos, a serviço da vontade masculina sobre nossas vidas?

ANULYCA- Chegou ao ponto que as surras já eram constantes, eu indo ou não cantar. Depois da primeira surra, descobri que estava grávida de meu primeiro filho. Chorei muito, sabia que a partir daquele momento todos os meus sonhos de construir uma carreira musical, estudar e mostrar para mim mesma, e para os meus pais, que eu podia ser alguém na vida, tinham ido ralo abaixo, pelo menos, momentaneamente. Durante a gravidez ele não me batia. Mas era muito rude o tempo todo. Eu tinha que me submeter a ele constantemente. Era o que ele dizia e ponto. Me sentia muito triste. Só me via bem quando ele não estava em casa e eu podia ouvir meu CDs e cantores preferidos. Eu cantava músicas do *Tim Maia*, *Sandra de Sá*, *Roberto Carlos*... Era o que eu realmente gostava e sabia, acho que ainda sei fazer bem.

GABRIELA- E depois que a criança nasceu tu não pensaste em voltar para casa dos teus pais?

ANULYCA- Não, na época eu nem cogitava essa ideia. Voltar seria admitir o meu fracasso e eu tinha vergonha de contar o que estava acontecendo comigo. Ganhei o meu primeiro filho, tinha muita vontade de voltar a estudar, no Ensino Médio eu fazia a Escola Normal. Tenho o sonho de ser professora, ainda vou ser...

Nesse momento eu vejo o olhar de *Anulyca* ir longe, vislumbrando um futuro ainda incerto, mas que aparentemente, está muito forte dentro dela. O pátio estava vazio e a casa em silêncio, algo raro de acontecer nesse espaço. Ela sorri e retoma sua fala.

ANULYCA- Depois que o nosso filho já estava com meses, tentei falar para ele da minha vontade de retomar os meus estudos, arrumar um trabalho e retomar a minha música. Ele olhou para mim e me bateu muito. Enquanto batia, me dizia:

AGRESSOR- Eu não vou aceitar ter uma esposa vagabunda, que fica por aí se oferecendo para os machos enquanto faz de conta que canta. Tu não canta nada, não sei quem foi o doente que te disse isso, tua voz parece uma “taquara rachada”. Tu não vai nem trabalhar com música e nem

estudar, quer estudar para quê? Para ficar me traindo? Não vai e pronto, e cada vez que tu voltar a falar nisso eu vou te bater, até tu aprender que, quem manda em ti, sou eu.

A cena narrada por *Anulyca* me soa familiar... Faço uma breve reflexão e pergunto à minha colaboradora:

GABRIELA- E aí, como tu te sentiu quando viu que ele realmente não ia aceitar a tua música?

ANULYCA- Impotente, eu só me sentia dessa forma. Pela postura de autoritarismo constante dele eu me via encurralada. Ele queria muito ter outro filho logo em seguida, quando vi quem ele era, não queria mais ter filhos. Ele me proibiu de tomar anticoncepcional, eu tomava escondida. Isso durou por algum tempo, até o dia em que ele mexeu nas minhas coisas e descobriu. Novamente, apanhei muito naquela noite. Ele jogou meus remédios fora, e me avisou que, se descobrisse que eu estava tomando remédio escondida de novo, ele me mataria, portanto era bom que eu engravidasse logo, por que se não...

Meu filho estava com um ano e dois meses e novamente me vi grávida de outra criança. A todo o momento pensava em voltar para a casa dos meus pais, mas, com dois filhos que jeito? Matei no peito outra gravidez, mesmo sabendo que os meus sonhos se tornavam cada vez mais distantes. Mesmo assim, nunca desisti. Durante as minhas duas gestações ele nunca me bateu, mas nesses períodos sempre deixou bem claro quem era o dono do “apito”. Com a chegada do segundo filho as coisas só pioraram. Eu queria muito voltar a trabalhar, se não fosse com a música, podia ser em outras atividades, mas precisava produzir. Levei algumas surras por insistir nisso, mas sempre de cabeça erguida. Até que, um dia, eu venci por insistência. Consegui um emprego em uma rede de supermercados. Coloquei as crianças na creche e fui.

GABRIELA- E qual foi a reação dele?

ANULYCA- Ele me deu uma surra, aliás, foram várias. Rasgava o meu uniforme quase todos os dias. Era bem complicado. O tempo foi passando e os meus colegas viam que eu chegava sempre com o corpo marcado para trabalhar. Até que, um dia, minha chefe me chamou para conversar eu contei o que estava acontecendo, ela disse que eu precisava me separar. Ela tinha razão, mas como? se eu tinha dois filhos pequenos para sustentar? Ouvi os conselhos dela, mas continuei casada. Nessa época, meu pai tinha sofrido um AVC, e veio a falecer logo em seguida. Hoje em dia, eu me arrependo muito, se eu tivesse pedido socorro a ele já nos primeiros episódios de agressões, não teria passado nem a metade do que passei. O tempo foi passando, os filhos foram crescendo, eu apanhando e achando que aquilo era “normal”, pois já fazia parte da minha rotina. Um belo dia, reencontrei o rapaz que tocava comigo, em um domingo durante uma “escapada” a um bar, logo após sair do trabalho. O supermercado que eu trabalhava pagava trinta reais por domingo trabalhado, eu não trabalhava todos os domingos, mas o meu agressor

não sabia disso. Quando eu reencontrei esse colega músico, ele estava tocando em um barzinho sozinho e me perguntou se eu topava retomar a parceria com ele. Topei na hora. Como a música era sempre aos domingos, e o meu agressor tinha a convicção que eu estava trabalhando nesse dia, ele nunca iria desconfiar. Estava tudo certo.

GABRIELA- E tu não ficou com medo dele descobrir, ir ao teu emprego ou coisa parecida?

ANULYCA- Medo é claro que eu tive..., mas o prazer de voltar a cantar foi muito maior. Assim, retomei minhas atividades musicais, eram momentos em que eu me sentia plena, segura de mim, das minhas ações. O casamento era de conveniência para ele. Eu ajudava a sustentar a casa, ele tinha outras mulheres. A música me dava força para suportar a relação doentia que ele tinha comigo. Eu tinha muito medo dele, quando saía a sensação que eu tinha era que ele iria aparecer nos lugares onde eu estava. Meus colegas de trabalho sabiam que eu tinha voltado a cantar, e, inclusive, me comentavam que eu estava diferente depois que havia retomado minhas atividades musicais, estava mais feliz, mais inspirada. Voltei a sorrir e a acreditar em um futuro melhor. Teve um dia que ele me convidou para sair, eu relutei muito para aceitar, pois nossas saídas sempre acabavam em brigas. Fomos a uma casa de samba aqui da capital. A casa estava lotada, e por lá estavam alguns amigos músicos. Quando eles me viram foram me cumprimentar e me chamaram para dar uma “palinha,” eu gelei na hora, mas sorri gentilmente e balancei a cabeça dizendo que não. Pronto, a partir dali acabou a minha noite. Ele já começou a me xingar e me empurrar dentro da festa, tentei reagir, mas ele me pegou pelos cabelos e me tirou para a rua. Acho triste a reação das pessoas quando veem acontecer esse tipo de coisas, porque ninguém se mete. Ele me deu um soco na boca do estômago, o qual eu nunca mais vou esquecer a terrível sensação.

Nesse momento, paro a conversa para enxugar as lágrimas, peço desculpas. São tantas sensações e emoções que mexem comigo... Ao reescrever sobre isso, novamente, as sensações não soam diferentes.

Olhamos no relógio, já eram 17:30, *Anulyca* tinha um compromisso e teve que sair. Nos despedimos e ficamos de marcar via telefone outra hora para continuarmos nossa conversa. Saí da casa com a cabeça cheia de questionamentos, sobre o que acabara de ouvir de minha interlocutora. O que dá direito a um homem de mandar em um corpo feminino, ao ponto de decidir se ela toma contraceptivos ou não? Tem esse homem, poder o suficiente para interferir na carreira profissional dessa mulher? Até onde vai a submissão de uma mulher? Aqui relembro novamente bell hooks, que descreve tão bem essas imposições - “a condição patriarcal é imposta aos meninos desde muito cedo, quando suas mães lhe impõem posturas mais masculinas” (hooks, 2000, p.3). Pensando a respeito da citação da autora me questiono: Será que, em pleno

século XXI, para esses “homens”, as adversidades da vida ainda são resolvidas na base do grito e do chicote? Os mesmos não evoluíram sua capacidade reflexiva ao ponto de não perceberem que os tempos mudaram e, portanto, atitudes como essas são inadmissíveis dentro de qualquer contexto? Esses questionamentos me inquietam a cada vez que ouço as narrativas não só de minhas colaboradoras, mas de cada mulher que chega para ser acolhida na casa. A causa pela não violência é uma só.

Terça- feira, 23 de outubro 2018: Almocei no RU (restaurante universitário) e fui até a *Ocupação*. Por causa das ameaças de reintegração de posse, as minhas visitas têm sido curtinhas. Tenho medo de acontecer algo e eu estar lá, entrar em desespero, e ao invés de ajudar, só atrapalhar. Conheço bem minhas limitações. A casa estava tranquila, as acolhidas estavam trabalhando e algumas estavam em seus quartos. *Anulyca* estava de saída indo ao Fórum para resolver as questões de seus filhos. Ela me contou rapidamente antes de sair que seus filhos de oito e dez anos ficaram com a avó paterna, porque o agressor não deixou ela levar as crianças. É uma forma de obrigá-la a voltar. Me compadecei com a luta e a tristeza dela ao falar sobre o assunto, pois também já passei por isso, e entendo perfeitamente o que ela está sentido. Emocionamo-nos, dei um abraço nela, lhe desejei boa sorte, ela saiu.

3.7- Mudam os cenários, mas as histórias se repetem

Terça- feira, 30 de outubro: Após muitas negociações com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a *Ocupação Guerreiras*, finalmente, conseguiu um novo lugar de acolhimento para as suas moradoras. O órgão supracitado cedeu uma escola que foi desativada no final do ano de 2017, fica localizado na zona norte da capital. Nesse dia me dirigi até esse espaço. A paisagem sonora desse local é bem diferente, na frente da casa tem uma avenida bem movimentada. Agora, o que se ouve muito mesmo antes de chegar à casa são barulhos de muitos carros, motos, caminhões. Cheguei lá por volta das 16:00 horas. Bati palmas na frente da casa. Quem veio me receber foi *Anulyca*, sempre sorridente e de alto astral, pronta para continuarmos nossa conversa.

Eu tinha combinado previamente com as coordenadoras uma reunião para tratarmos a respeito das oficinas de percussão que eu iria ministrar. *Anulyca* faz as honras da casa e me leva para conhecer o novo ambiente. Constato que essa casa é visivelmente menor do que a anterior. Na frente há um portão grande de correr, o pátio é de tamanho médio, do lado desse pátio à direita tem um prédio de dois pisos, o qual faz parte da escola desativada, estão separados por uma grade alta. A casa tem dois pisos, no primeiro andar logo na entrada fica a sala. À direita tem duas salas, uma funciona como coordenação, a outra como sala de acolhimento. À esquerda

tem outra sala, que foi transformada em brechó, uma escada de caracol que leva ao segundo piso e um banheiro. Na parte de trás fica a cozinha pequena e o refeitório. Nos fundos da casa, mora um casal de policiais, dois filhos pequenos, um cachorro e um papagaio, que posteriormente vim a descobrir que imita e chama todas as moradoras da casa pelo nome. Subindo as escadas, no andar superior tem quatro quartos, cada um abriga até três acolhidas, há também um banheiro e uma sala pequena, onde as acolhidas assistem televisão. Como a mudança ocorreu há poucos dias, as moradoras ainda estão organizando as coisas em seus lugares.

Anulyca e eu sentamos nas cadeiras dentro do refeitório. Ela me conta que ainda está tratando dos assuntos de seus filhos, que ficaram com a avó paterna. Relata-me que está bem triste com a situação que está vivendo. Sei bem o que ela está sentindo, ter que deixar os filhos para trás é uma das decisões mais difíceis na vida de uma mulher. Pergunto a ela se ela quer continuar nossa conversa sobre sua trajetória de vida, ela responde que sim. Relembramos do ponto onde paramos, ligo o gravador.

ANULYCA- Naquela noite, ele saiu comigo rua á fora me batendo muito, me chamava de “vagabunda” e outras coisas que eu não gosto nem de lembrar...

Nesse momento ela fica visivelmente triste, respira fundo, retoma a sua fala.

ANULYCA- Foi um longo trajeto apanhando, parecia que a minha habilidade musical era a coisa mais abominável do mundo, e “para ele era”. Consegui fugir dele, uma viatura que estava passando perguntou se eu queria ajuda, estava muito machucada, expliquei o que tinha acontecido aos policiais. Eles se prontificaram em me levar para a delegacia, mas pensei... Depois como eu volto para casa? Ele vai me matar quando souber que eu dei queixa na polícia. Quem vai cuidar dos meus filhos? Optei por recuar. Disse aos policiais que eu ia pensar. Fui para casa, eu estava muito machucada. Lembro que minha mãe esteve na minha casa no dia seguinte, eu me escondi o tempo inteiro para não olhar para ela, até hoje não sei se ela notou, ou não... Se percebeu, decidiu abster-se de qualquer comentário. Depois desse episódio, eu voltei a trabalhar no mercado e como cantora aos domingos. O prazer de estar no palco era maior do que as agressões sofridas. Esse trabalho com a música durou dois anos, ele nunca descobriu. Só larguei porque acabei saindo do mercado, e, portanto, não tinha mais desculpa para as minhas saídas dominicais. Depois disso, eu me afastei novamente da música. Fui trabalhar como auxiliar de cozinha em um restaurante. Dessa vez, não tive oportunidade de conciliar trabalho e arte. Em casa a rotina continuava a mesma, eu falando em voltar a estudar e cantar. Ele me espancando a cada vez que eu tocava no assunto. Ele quando me batia costumava dizer:

AGRESSOR- Eu só te bato porque tu é burra. Se tu parasse de insistir com essas bobagens de música e estudo isso não acontecia. Tu vive dizendo que eu te bato, eu só “te tiro o pó”, se eu te batesse mesmo eu ia te largar no hospital. É só tu me obedecer e isso não acontece mais.

Parei para refletir a respeito do pensamento do agressor. Obedecer? Que direito tem um “homem” de achar que a sua companheira tem que obedecer às suas ordens, como se fosse uma propriedade dele? Novamente, evoco a literatura de hooks para esse momento em que a mesma reafirma tão sabiamente “Ciente de que vivemos numa cultura de dominação, me pergunto, agora, como me perguntava há mais de vinte anos, quais valores e hábitos de ser refletem meu / nosso compromisso com a liberdade?” (hooks, 2013, p.41). Diante desses aspectos, temo em voltarmos à época em que tudo se resolvia na base do açoitite, ou pior ainda, de ter que conviver com a dúvida se algum dia realmente saímos de lá.

GABRIELA- E o que tu pensavas nesses momentos?

ANULYCA- Tinha raiva, ódio. Indignava-me, não apanhava quieta, tentava reagir, mas sempre levava a pior. O tempo foi passando, os filhos foram crescendo. Eu consegui retomar os meus estudos. Tive que fazer o EJA, não é o ideal, mas foi como eu consegui me virar.

GABRIELA- E ele deixou?

ANULYCA- Não, ele não sabia, eu fazia aos sábados pela manhã. Ele achava que eu estava trabalhando. Agora falta só terceiro ano do Ensino Médio pra terminar. Tive que vim morar aqui, daí acabei trancando a matrícula, mas logo vou voltar.

GABRIELA- Mas o que aconteceu para que tu viesses morar aqui?

ANULYCA- Eu estava trabalhando em uma rede de restaurantes. Sabe como é, a gente vai conhecendo pessoas. As minhas colegas, sempre me incentivando a sair dessa relação. A continuar estudando e a retomar a música. Eu fui tomando coragem, me “empoderando”. Chegou ao ponto de eu ter medo até de falar com ele, já temendo a sua reação. Nesses anos eu fui me fortalecendo. O dia que eu me achei com coragem, eu disse a ele que queria me separar, não queria mais aquilo que ele estava me oferecendo, aquilo não era vida. Argumentei que estava infeliz vivendo daquela forma, que necessitava da música para me sentir viva. Discutimos, e ele tentou me matar, me deu uma facada que só pegou de raspão na minha barriga porque tive o reflexo de pular para trás. Meus filhos viram tudo. Ele me colocou para fora com a roupa do corpo. Saí desesperada, no meio do caminho encontrei uma pessoa boa que se comoveu com o meu desespero. Levou-me para a casa dela aquela noite, e me disse que conhecia um lugar onde eu poderia ficar.

3.8- Livrando-se dos fantasmas

Amadurecer faz parte do ciclo natural da vida. E quebrar os grilhões que nos acorrentam faz parte desse processo.

ANULYCA- Depois de tudo isso, eu estava muito cansada, exausta de apanhar e aguentar tudo calada. Tudo que é demais enjoa, né? Não foi uma decisão fácil de ser tomada, e por isso levei anos para sair do ciclo das agressões. Essa pessoa que me ajudou, no outro dia, entrou em contato com as meninas da casa, e eu vim parar aqui. Está sendo ótimo, as gurias, tanto as coordenadoras quanto as moradoras são maravilhosas, e me acolheram muito bem, tô muito feliz. A única coisa que me incomoda é ficar longe dos meus filhos. Agora eu só penso em retomar as rédeas da minha vida. Vou recuperar meus filhos, voltar estudar e trabalhar novamente com a música, que é o que me dá realmente prazer.

A coragem e a determinação de *Anulyca*, me deixam extasiada. Vejo que ela tem perseverança, garra, força de vontade. Só teve a infelicidade de encontrar uma má pessoa no seu caminho, que quis roubar seus sonhos e aspirações de um futuro melhor. Agora, penso que ela precisa de apoio e incentivo para conseguir ultrapassar todos os traumas decorrentes da violência doméstica. A reconstrução identitária, é sem dúvida, um longo trajeto. Recuperar a autoestima, retomar o cotidiano e voltar a vislumbrar um futuro principalmente em relação à música leva tempo. Às vezes, anos. É sem dúvida uma tarefa difícil, mas não impossível. Agradeço *Anulyca* pela disponibilidade e gentileza em compartilhar um assunto de cunho tão pessoal e doloroso comigo. Ela diz que quem está se sentindo feliz, é ela, por conseguir contribuir para o meu projeto, através de sua narrativa sobre essa realidade, a qual ela conhece tão bem.

Minhas interações com essas mulheres, tanto no convívio frequente na casa, quanto nos momentos em que parava para ouvir atentamente as suas histórias de vida, foram fundamentais para minha construção identitária enquanto pesquisadora em campo. Nesse sentido, o desafio é descobrir que as relações em campo precisam estar além do nosso senso comum; Koskoff descreve com perfeição esses momentos: “essas interações compartilhadas entre seres humanos incorporados e em constante mudança constituem a essência do trabalho de campo” (KOSKOFF, 2014, p.09)¹⁸. Logo, percebo a *Ocupação Guerreiras* como um espaço de renascimento e crescimento social para as mulheres que por lá passaram e para mim como aprendiz em etnomusicologia.

¹⁸- Citação original em inglês: these shared interactions between incorporated and constantly changing human beings constitute the essence of fieldwork.

CAPÍTULO 4. A OCUPAÇÃO COMO ESPAÇO MUSICAL



Figura 2- Ato de manifestação musical das mulheres na *Ocupação*

A *Ocupação Guerreiras* é um ambiente político, musical, coletivo e, portanto, carregado de muita solidariedade, recomeços, amor, afeto, música, mas também rodeado de muitas situações de conflito entre tantas Marias, Joanas e Rafaelas... que por lá passam. Essas mulheres chegam nesse espaço feridas, magoadas e desacreditadas após passarem pela violência doméstica. Como bem argumenta Carneiro:

No tema violência, as mulheres negras destacaram outra dimensão do problema. Reiterou-se que, além da violência doméstica e sexual que atinge mulheres de todos os grupos raciais e de diferentes classes sociais, há uma especificidade de violência que restringe o direito à imagem ou representação positiva, o que limita a possibilidade de encontro no mercado afetivo inibe ou compromete o exercício pleno da sexualidade devido ao peso dos estigmas seculares, incapacita o acesso ao trabalho, atenua as aspirações e diminui a autoestima. (CARNEIRO, 2003, p.117).

Em total concordância com a autora, a autoestima é uma das primeiras coisas a serem perdidas após um quadro de agressões; o caminho para recuperá-la é longo, mas não impossível. É preciso dar tempo ao tempo para curar as feridas.

Desde minha primeira entrada na nova ocupação, chamou-me atenção um rádio que ficava na sala da casa. Esse ficava localizado bem do lado da porta de entrada em um cantinho à direita. O mesmo estava sempre ligado em uma das várias rádios da capital, as quais tocavam do *Sertanejo* ao *Funk*, dependendo do gosto musical das acolhidas que estivessem passando pela casa. Durante o tempo que estive em campo, o pagode sem dúvida foi um dos mais ouvidos dentro desse espaço, entre eles cantores da nova geração do gênero musical do “pagode” que

estão em evidência na mídia como: *Péricles, Mumuzinho, Ferrugem, Pixote, Tiaguinho* entre outros...

Na Etnomusicologia há uma crescente literatura que trata a música como resgate na recuperação social e autoestima de pessoas que passam por situações de violência. Trago como exemplo a proposta de Sánchez e, Mas (2016), músicos com pós-graduação em conflitos e políticas de desenvolvimento social. Os seus estudos interdisciplinares realizados na Colômbia - *Espacios musicales colectivos durante y después del conflicto armado como lugares de preservación do tecido social* - teve como objetivo revisar e analisar as reflexões teóricas e os alcances possíveis do conceito de “espaços musicais coletivos” ou E.M.C. Esse estudo se estabeleceu em um momento importante das pesquisas sobre a arte como ferramenta para a construção da paz. Os E.M.C., segundo os autores, são locais, criados por músicos, ativistas que buscam a participação e a inclusão de membros de comunidades golpeadas por severos conflitos armados. Esses espaços contribuem na construção de um ambiente de paz para os cidadãos que sofreram situações de violência em guerra e explora os efeitos de experiências com práticas musicais coletivas pós-conflito. Os professores que fazem parte desse projeto integram atividades com os participantes como estudar, improvisar, compor e atuar, e, através dessas ações, tornam o ambiente acolhedor para todos. Em um E.M.C, é cultivada a ideia de que a música é parte fundamental da experiência humana, tanto individual quanto coletiva, assim como a capacidade da mesma para influir na emancipação cultural e superação de situações de trauma.

Tendo como base as ações descritas acima, a *Ocupação Guerreiras* talvez não se caracterize estritamente neste conceito de E.M.C, porque embora tente introduzir a música como agente transformador na vida das mulheres que passaram por violência doméstica, não traz essa atividade como eixo central dentro da *Ocupação*, procurando utilizar-se da mesma sem pretensão “didática ou clínica”, como forma de interação e ressocialização de suas acolhidas. De qualquer sorte, o conceito de E.M.C me ajudou a pensar as possibilidades e as variantes das relações de minhas interlocutoras com as práticas musicais no contexto da *Ocupação*.

Durante o tempo em que estive em campo, pude participar de alguns eventos sociais em que a música estava presente, e, dessa forma, pude observar, através de um olhar etnomusicológico, como minhas entrevistadas e as demais moradoras interagiam na *Ocupação* durante esses eventos. Esse fator foi relevante para entender esse contexto em conformidade com o que citei anteriormente: “A etnomusicologia é um estudo da música no contexto humano, particularmente cultural” (KIDULA, 2006, p. 102). Por esta razão, retomo a seguir o tom da narrativa

de campo de um conjunto de eventos sociais, de encontros e de interações pela via da performance musical entre diferentes colaboradores/as da *Ocupação*.

4.1- Uma festa junina solidária

Domingo, 10 de junho de 2018: As coordenadoras e moradoras da *Ocupação* organizaram uma festa junina na frente da casa para angariar verbas para a compra de alimentos, itens de limpeza, remédios, fraldas etc... A festa estava prevista para começar quatorze horas. Como detesto chegar atrasada, cheguei no evento por volta das quinze e trinta, vestida a caráter, é claro. Fazia frio naquela tarde, corria um ventinho gelado bem convidativo para ficar embaixo das cobertas, mas a vida de pesquisadora não é moleza e o dever me chamava, com ou sem ele. Na frente da casa, na rua ao ar livre estava acontecendo a festa. O evento ocorria em torno de uma pequena praça, onde o trânsito estava interrompido para o acontecimento da festivo. Havia cinco barraquinhas, uma distante da outra. Em cada uma delas, estava sendo vendido um tipo de comida diferente. Em uma quentão, na outra pipoca, em outra havia amendoim e cachorro quente, que por sinal, estava bem gostoso, comi um por cinco reais. Tinha também um *Food truck*, vendendo chopp, achei curioso, porque o frio que fazia naquela tarde não estava apetecendo para um chopp gelado. Logo, comecei a ouvir músicas típicas de uma boa festa junina. A seleção começou bem, tocando *Frevo Mulher*, interpretado pela cantora *Amelinha* adoro essa música. Logo que começou a tocar, já me pus a me balançar. O movimento das pessoas no evento ainda era fraco. As coordenadoras e acolhidas circulavam pelo espaço. Entrei na casa para perguntar se as meninas estavam precisando de ajuda e, logo, já botei a mão na massa. Ajudei-as a estourar pipoca e a colocar amendoim nos saquinhos. As coordenadoras da casa decidiram não colocar à venda quentão com álcool, achei sensato da parte delas. O público da festa foi chegando e o frio junto com eles. Após ajudar as gurias na cozinha, saí para a frente da casa novamente. Logo o público foi se animando, cantando as músicas que tocavam. Ao tocar o grupo *Falamansa*, um grupo musical antigo que toca um forró gostoso de se ouvir e dançar, fui diretamente arremessada através de minhas memórias para o tempo em que eu ainda era uma menina de vinte e poucos anos. Tempo esse de que não tenho saudade nenhuma. Conversei com algumas acolhidas da casa. *Melodia* estava por lá também dançando discretamente com as crianças. Há pessoas que conseguem expressar todos os seus sentimentos através dos olhos. Dizem que eles são o espelho da alma. *Melodia* é uma dessas, seu olhar, mesmo quando está feliz, é triste. O que é perfeitamente compreensível, depois de todos os abusos que ela me relatou. A noite foi chegando e o frio aumentando. Havia um rapaz que estava vendendo pastéis, comprei dois, comi um e o outro logo em seguida. Os participantes que estavam frequen-

tando a festa eram bem variados, homens, mulheres, crianças. Muitas crianças... A *Ocupação* tem muitos apoiadores e simpatizantes das causas que ela defende. Funciona como uma rede, onde um vai conectando o outro, e assim o movimento vai ganhando visibilidade na luta contra a violência doméstica exercida contra mulheres, e cada simpatizante vai ajudando a fortalecer o movimento. Pude perceber que as pessoas que estavam presentes nesse evento, assim como no primeiro em que eu estive na casa, são na sua grande maioria pertencentes a essa rede. *Melodia* me chamou pelo meu apelido, Gaby. Fui até ela. Disse que havia mais uma menina que gostaria de participar do meu projeto; logo pensei “pode ser mais uma das minhas possíveis colaboradoras”. Nesse dia, já quis marcar uma hora para conversar com ela, só que a mesma não tem telefone portanto, eu deveria me comunicar através do telefone, de *Melodia*, para marcamos nossos encontros. Disse a ela que iria ver um dia que eu estivesse como o tempo menos corrido. Dei mais uma volta, conversei com algumas meninas que conhecia, a noite estava gélida, em seguida, para contribuir com o clima frio, começou a cair uma garoa fininha. Nesse momento optei por ir embora.

Essa foi uma das primeiras festas de que participei, depois do festival onde fiz o relato sobre minha entrada em campo. O que me chamou atenção nesse dia foi a postura de preocupação e a inquietação de *Melodia*, a qual mesmo enquanto brincava com as crianças não conseguia esconder seu olhar tristonho, talvez ainda envolta às lembranças de seu passado de agressões. A figura abaixo, refere-se a um momento em que os filhos das moradoras da casa estão admirando as bandeirinhas que enfeitaram a rua durante o evento.



Figura 3- Crianças na festa junina

4.2- Um sarau com as Meninas do SLAM

Logo após a festa junina, a equipe da casa organizou outro sarau, o qual ocorreu em uma tarde de sábado, 23 de junho, em que o sol parecia estar acanhado e não queria aparecer. Embora estivesse frio, não estava chovendo. Nesse dia antes de sair de casa, já me programei para ir ao evento somente como observadora. Quando observamos de longe conseguimos ter uma percepção mais apurada dos fatos que estão acontecendo à nossa volta. Cheguei à *Ocupação* por volta das dezesseis horas. O sarau estava acontecendo dentro do pátio da casa. O público foi chegando devagar, e era composto por mulheres, homens e crianças de variadas idades, em suma, não diferenciado dos demais eventos. Um fato que sempre me causou estranhamento dentro do espaço desde que eu comecei a frequentar a casa, foi que os portões em dia de festa estão sempre abertos para o público. Entendo que festas dentro da comunidade servem para chamar os moradores para o convívio social da *Ocupação*, mas em se tratando de uma casa de passagem para mulheres acolhidas por violência doméstica por seus companheiros, me leva a reflexões... Estavam na festa algumas coordenadoras. Eu ainda não conseguia conhecer a todas elas. As acolhidas também estavam presentes, menos *Melodia*, que, segundo uma das acolhidas me relatou, não se encontrava em casa, desde o dia que ficou sabendo do sarau. *Melodia* ficou muito abalada com o fato de não conseguir se apresentar em outro evento musical do espaço relatado pela mesma página atrás desse trabalho. Segundo ela, as lembranças das agressões se sobrepõem ao amor pela música.

Aproveitei o momento para combinar com a menina que queria me ajudar no projeto sendo uma das minhas interlocutoras sobre nossa primeira conversa. Marcamos para próxima semana, o dia certo eu combinaria pelo telefone com *Melodia*, assim que ela voltasse para casa.

Enfim, estava bastante curiosa pois todas as atenções neste dia estavam voltadas para algumas meninas de Porto Alegre e região metropolitana, que iriam apresentar uma batalha poética denominada as “Meninas do SLAM”. Esse movimento ficou conhecido através de jovens de todas as opções sexuais, classes e etnias que fazem rima retratando os problemas sociais existentes nas periferias urbanas. O pessoal foi chegando e sentando no chão, formando uma grande plateia em formato de meia lua, onde o microfone usado pelas participantes ficava no meio. À direita do pátio tinha um espaço onde estava acontecendo um brechó. As meninas participantes da performance do SLAM foram chegando aos poucos. Eu não conhecia nenhuma, mas pude perceber que algumas eram bem “famosas” pelo público que se fazia presente no espaço. Eram cinco participantes naquela noite. Enquanto esperávamos começar as competições, o som que tocava no ambiente vinha de um *pendrive* com músicas interpretadas por

mulheres negras que falavam de empoderamento, coragem e luta do feminismo negro. Perguntei para as meninas a origem das músicas, e de quem eram aquelas vozes, elas me disseram que ganharam o *pendrive* o qual já veio com aquelas músicas e não souberam me informar a procedência do material. Achei o trabalho muito interessante. É importante termos vozes representativas em todas as esferas da sociedade.

A apresentação das meninas começou às dezenove horas, uma das coordenadoras fez a abertura do evento. Falou da importância desses movimentos de expressão cultural, que têm como presença ativa a voz e as interpretações de mulheres vindas das periferias. Após alguns recados e agradecimentos, chamou a primeira participante. Nunca tinha assistido a uma batalha de SLAM. As meninas que participavam deveriam ter no máximo vinte e cinco anos. Impressionou-me a potência intelectual de cada uma delas. A garra na voz e a impetuosidade dos gestos me deixaram fascinada.

As participantes do movimento do SLAM usam a voz, o corpo, a poesia, os sons ritmados para serem ouvidas e visibilizadas dentro e fora dos espaços periféricos. A cada apresentação desses pensamentos em verso e prosa as meninas eram aplaudidas de pé. Arrepiou-me ter o privilégio de ouvir a cada uma delas. A batalha era organizada da seguinte maneira: As meninas apresentavam-se individualmente na primeira amostra. Tinham três juradas, que foram escolhidas aleatoriamente na plateia. Essas escolhiam três das cinco meninas, as quais iam para uma nova batalha. Assim sucessivamente, até restar só uma vencedora. Ao assistir a cada uma delas, pude constatar que todas eram habilidosas e deixavam transparecer pela entonação da voz e na composição das letras toda a indignação contra a dura realidade que o sistema opressor insiste em nos sentenciar. A potência vocal e intelectual sem dúvida eram atributos que todas as participantes tinham. Fator que não impediu que o nervosismo falasse mais alto, e que algumas das participantes acabassem esquecendo as letras, ou que lessem suas poesias sem olhar para o público, pequenos detalhes que fazem diferença na hora de uma avaliação. Na disputa estavam três meninas negras, e duas brancas. A premiação foi uma cesta pequena com livros de literatura. A vencedora foi uma menina negra de Alvorada. Na verdade, naquela noite, todos que estiveram presentes no evento foram agraciados com a oportunidade de ouvirmos falas, pensamentos e reflexões que expressam o duro cotidiano de nossas periferias.

Nesse dia a ausência de *Melodia* na casa me fez pensar sobre o trauma que as agressões domésticas causam nessas mulheres. *Melodia* não conseguiu participar de um sarau musical tocando sua guitarra porque entrou em pânico ao lembrar-se de todas as situações de violência que foi submetida ao querer exercer suas habilidades musicais. Abordar sobre a violência no cenário musical remeteu-me a uma escrita da professora Laila Rosa, a qual afirma:

[...]Ao considerar a dimensão de gênero no campo musical abrimos caminho para uma escuta qualificada da polifonia de vozes de mulheres silenciadas pela violência. A partir dessa escuta, não podemos apenas compreender as diferentes razões que desencadeiam a violência, mas sobretudo, ao considerar a violência simbólica e as narrativas do feminicídio, podemos desenvolver novos caminhos, novas etapas para transformar uma realidade em que o extermínio físico e moral é naturalizado. Bem como tudo que se refere ao feminino[...] (ROSA, 2018, p.20).

Nesse contexto musical, percebo que nós, mulheres que exercemos nossas habilidades musicais, somos enquadradas em um contexto social que distoa do real exercício da profissão de musicista, fator que na grande maioria das vezes, nos coloca como corpos femininos em exposição para a sociedade. Sobre esses corpos negros femininos, em mais um momento reflexivo, recorro à uma passagem de Soares ao referir-se a corpos negros na execução de sua arte enquanto *rappers*:

[...] Superar o senso comum acerca da virtuosidade /sensualidade inata do corpo do negro na dança e na música, interpretando os usos particulares do corpo e da voz como um projeto de agenciamento étnico e social [...] reivindicam espaços de poder através de sua cultura expressiva. (SOARES, 2013, p.143).

Infelizmente, refletindo a respeito, percebo que o senso comum imposto à nossa população negra tem nos acorrentado a padrões equivocados nos cento e trinta anos do pós-abolição.

4.3- Toda tentativa é válida

Na primeira casa de *Ocupação*, no centro histórico, durante mais uma de minhas visitas, ouvi de longe a música que tocava no rádio, sintonizado em uma programação que tocava samba e pagode. Ao observar de longe, percebi que por vezes, entre uma conversa e outra, as acolhidas se distraíam cantarolando algumas das canções que tocavam na programação. Uma das coordenadoras ao me ver na casa cumprimentou-me e disse que gostaria de falar comigo. Convidou-me para ir até a salinha de acolhimento. Acompanhei-a. Chegando ao local, a mesma disse, que em conversa com as demais coordenadoras, surgiu a ideia de eu ministrar aulas de música na casa, com intuito de socializar vivências pós-agressões através da música. A princípio as oficinas seriam de percussão. Curti a ideia. Ficamos de ir conversando para amadurecermos a proposta. Ela me disse que a adesão às oficinas certamente não seria homogênea por parte das acolhidas, mas que poderíamos estender a iniciativa para as colaboradoras e simpatizantes da casa. Fiquei feliz, e nas demais semanas foram feitos inclusive convites virtuais para conseguirmos material reciclável de sucata com intuito de confeccionarmos nossos próprios instrumentos musicais. No entanto, isso acabou não se concretizando, pois as moradoras da casa não mostraram interesse em participar do projeto.

Com a mudança para a nova *Ocupação*, o projeto da oficina continuava em “pé”. Eu, inclusive, pedi e ganhei uns baldes de doação, que serviriam de tambores para fazer uso na nossa oficina, para um político, aproveitando a época das próximas eleições para vereador que estavam se aproximando. Levei os mesmos para a ocupação, e algumas coordenadoras juntamente com as colaboradoras *Anulyca* e *Anyango*, ajudaram na ornamentação desse material, fazendo pinturas coloridas nesses baldes. Ficaram lindos, minhas colaboradoras estavam bem empolgadas em começar a nova atividade musical. Infelizmente, por fatores que ainda estou tentando entender, o dito projeto nunca se realizou e os baldes acabaram por exercer a real função para que foram projetados. Meu não entendimento sobre o fracasso das oficinas me fez refletir muito a respeito.

Enquanto etnomusicóloga em formação, entendo que a música dialoga com as histórias e valores dos personagens envolvidos e em meu primeiro momento de meu “insucesso” na formação da oficina de percussão, cheguei a me questionar se o problema poderia ser comigo, afinal, eu não tenho formação acadêmica em música, e o problema “na minha concepção” poderia ser esse. No processo de aprendizagem da pesquisa, passamos sempre pela impressão imediatista ao analisarmos as situações em campo. Relembro os ensinamentos de método pelas lentes de Beaud e Weber, da seguinte forma:

Denominamos auto análise (outros autores falam de socioanálise ou de implicação) o duplo trabalho de explicitação de seus preconceitos e de objetivação de sua posição que permite distanciar-se de suas primeiras impressões (romper com as pré-noções) [...]BEAUD; WEBER, 2014, p.23).

Encontrando sentido na escrita dos autores acima e fazendo um exercício de distanciamento, pude observar por outro parâmetro e percebi que o problema não estava centralizado em mim, visto que houve outras propostas de oficinas musicais que também não se concretizaram. Ao chegar na *Ocupação* para mais um dia em campo, vi tambores feitos de bombonas d’água que também foram ornamentados pelas moradoras, mas que também nunca foram utilizados para esse fim.



4. Bambonas-tambores no pátio da casa

4.4- Universo musical particular, todos temos um...

As meninas estavam fazendo um movimento na casa, cheguei ao local pela manhã. Lembro que a agitação era em torno de uma segunda casa, a qual tinha sido ocupada por elas. Eram quinze horas. As meninas estavam fazendo uma roda de capoeira no pátio da casa. A roda estava linda: o cenário era composto por 15 capoeiristas todos vestidos de branco, dez homens e cinco mulheres, os quais demonstravam todas as suas habilidades na dança, através da ginga embalados pelo som de três berimbaus. Os integrantes entoavam as cantigas típicas dessa tradição cultural. A casa estava bem movimentada, pessoas entravam e saíam o tempo todo de dentro do espaço. O intuito era de manter a constante permanência de pessoas transitando na casa para tentar evitar o ato da reintegração de posse, ação que poderia ocorrer a qualquer momento, pois o mandato já havia sido expedido a dias. A maioria das coordenadoras já se encontrava na nova casa ocupada na zona norte da capital.

Melodia, *Aduoa* e *Anulika* estavam em casa, logo que me viram me convidaram para eu ver os instrumentos musicais que a casa havia ganhado através de doações de apoiadores e simpatizantes da causa. Dirigimo-nos para o primeiro andar da casa, em uma sala que fica anterior à sala de acolhimento das moradoras. As gurias exibiram a guitarra e os violões que haviam sido doados. Dei uma olhada superficial, pois eu não sou técnica em manutenção de instrumentos, e tampouco tenho entendimento sobre o assunto. Mas, pude perceber que os mesmos precisavam de alguns reparos para o seu pleno uso. Para tanto, seriam necessários recursos financeiros, os quais o movimento não dispunha no momento.

Naquela tarde, recebi um convite para conhecer o quarto de *Aduoa* ou o seu “universo”, como ela o define. O dormitório fica no segundo andar. Quando entrei nas dependências do ambiente, pude perceber que se tratava de quartos coletivos. Nesse quarto, dormem *Aduoa* e *Melodia* na companhia de seus filhos. *Aduoa* me mostra orgulhosa um pouco de suas letras de

rap. Leio algumas atentamente. São letras que falam dos problemas sociais. *Aduoa* gosta de ouvir *Racionais*, *MCDA*, *MV BILL*, dentre outros que seguem na mesma linha de escrita, denunciando toda invisibilidade do povo negro dentro das periferias. Nesse espaço de “recolhimento”, minha colaboradora dorme em uma cama de solteiro, suas roupas estavam em sacolas tudo muito bem organizado e limpo, na parede haviam fotos de amigos e familiares em momentos felizes. Também pude perceber que em um móvel perto de sua cama havia caneta e papel. Ela ainda não voltou a escrever como antes, diz que tem dores de cabeça bem intensas quando tenta retomar a sua escrita. Mas tem planos de voltar à sua criação poético-musical tão logo se sinta preparada, afinal ela ficou de escrever algo para eu publicar nesse trabalho. O que para mim será um presente. Estou ansiosa por esse momento.

Conhecer o universo particular de *Aduoa* foi interessante, fiquei feliz ao ver que, mesmo após o doloroso cenário de agressões já narrado nesse trabalho, ela tenha conseguido, mesmo estando em um ambiente coletivo de acolhimento para mulheres, manter seu cantinho musical com suas letras, músicas e escritas que retratam toda sua realidade e sua relação com o universo musical.

4.5- Uma festa para os dois anos da *Ocupação*

25 de novembro 2018: Essa data foi escolhida pela ONU em 1999, para comemorar o dia Internacional de Combate à Violência contra as Mulheres. A *Ocupação Guerreiras* estava comemorando seus dois anos de aniversário nesse mesmo dia. Cheguei ao local por volta das 19h30min. No pátio havia muitas pessoas, algumas me eram desconhecidas. *Melodia*, *Aduoa*, *Anulika* e *Anyango* também estavam na festa, fiquei muito feliz ao vê-las reunidas em um dia tão importante.

Em comemoração desta data estive presente no local o grupo musical *Maracatu Truvão*,¹⁹ fundado em 2004. Esse grupo faz parte do ponto cultural *Afro Sul Odomodê*, que há mais de quarenta anos trabalha com a cultura afro-brasileira. O grupo apresentou-se na casa nesse dia apenas com alguns dos seus integrantes; reparei que todos os presentes para a apresentação eram de “cor branca”. Esses têm a faixa de idade “aparentemente” entre vinte a trinta e cinco anos. Nesse dia, compareceram doze componentes, entre eles duas mulheres na percussão e duas fazendo a performance, as meninas vestiam camiseta com o slogan do grupo e saias coloridas com tecidos esvoaçantes. Os demais integrantes eram rapazes, os quais vestiam uma

¹⁹ Grupo *Maracatu Truvão* - Disponível em:

<https://www.correiopovo.com.br/artegenda/maracatu-truv%C3%A3o-apresenta-o-ritmo-de-pernambuco-em-porto-alegre-neste-s%C3%A1bado-1.2>. Acesso às 17:00 horas do dia 1º de novembro de 2019.

camiseta e uma calça jeans. Segundo um dos integrantes, a formação do grupo é maior, mas alguns dos componentes não puderam fazer-se presentes naquele dia. O grupo musical promove intercâmbio cultural entre os Estados do Rio Grande do Sul e Pernambuco, trazendo anualmente à capital mestres e batuqueiros das principais nações de Maracatu. Além disso, se apresentam com frequência no Nordeste, para manter o contato direto com a cultura local. A apresentação aconteceu no pátio da *Ocupação*. As meninas moradoras da casa estavam bem envolvidas com a música, cantavam e dançavam durante todo tempo, até a mulher trans, que não gosta de estar onde tem muitas pessoas, e mostra-se sempre esquiva, estava animada com a apresentação musical.

Como já disse, a maioria das pessoas que estavam na festa era desconhecida, “pelo menos do meu convívio ali”. Na casa, havia cinquenta pessoas, a maioria mulheres brancas de classe média. Faço essa análise pelo tempo de convivência que tenho na casa, e pela quantidade de carros estacionados no entorno da mesma. As pessoas que estavam prestigiando o aniversário ficaram dispersas no pátio, dançando de um lado para outro enquanto balançavam as mãos para cima no ritmo das canções entoadas pelo grupo de Maracatu. As meninas que estavam dançando a coreografia faziam movimentos em sincronia com a música tocada. Ao movimentarem-se, as longas saias coloridas voavam de um lado para o outro, em um balé de tecidos à parte, o efeito ficou lindo. Os músicos tocavam dez instrumentos, três tambores, duas zabumbas, três taróis e dois agês. O repertório que eles tocavam não era de meu conhecimento, falava da cultura típica da região nordestina. A dinâmica desse grupo musical é bem interessante, pois, os mesmos conseguem trazer a cultura da região nordestina para o solo gaúcho e, através dessa mistura de ritmos, criam novas versões musicais que contribuem para a cultura musical brasileira. O entusiasmo dos musicistas durante suas performances, tornava o ritmo contagiante a cada música executada... Juntei-me com minhas colaboradoras e com as demais moradoras da casa e nos divertimos ao som do grupo. Durante o intervalo da apresentação dos músicos, uma das coordenadoras fez as honras da casa e trouxe um bolo para o pátio com uma velinha com o número 2 em cima. Na ocasião, ela falou da importância desses dois anos da instituição. Lembrou um pouco do primeiro ano da casa, das dificuldades, batalhas, vitórias e conquistas vivenciadas até aqui pelo grupo. Após essas palavras, cantamos os Parabéns. Estava lindo, todas e todos cantaram e festejaram a data. Minhas colaboradoras participaram ativamente da festa, cantaram e dançaram as músicas do grupo; fiquei feliz ao vê-las em um momento de descontração. A figura abaixo refere-se a um dos momentos da apresentação do grupo “Maracatu Truvão”, durante sua apresentação.



Figura 5- Apresentação Maracatu Truvão

4.6- Interação com a música no território da *Ocupação*

Durante um ano e meio frequentei a *Ocupação* semanalmente. Nos últimos meses, participei das oficinas de música que estavam sendo ofertadas, com intuito de perceber como se dava, “ou não,” a integração das mulheres da casa nessas aulas, assim como vinha fazendo em relação aos eventos musicais que aconteciam no espaço e toda a sônica envolvendo esse ambiente. Para fazer uma boa descrição de campo é necessária uma boa integração com o ambiente e com as pessoas que lá circundam, observar o conjunto dos acontecimentos, ou seja, o contexto, que, como defende Nketia, pode ser a chave para um bom trabalho:

Assim, baseia-se no pressuposto de que a descrição etnográfica, análise e interpretação de eventos musicais abordados sob a perspectiva do contexto, deve levar a uma visão dinâmica mais rica de uma cultura musical do que outras abordagens que não integram considerações contextuais na análise. (NKETIA, 1990, p.79)²⁰.

A *Ocupação* é um território político, de manifestações e lutas constante em prol da não violência e os direitos das mulheres. As oficinas de músicas de certo modo, deveriam agir como agente “terapêutico” para essas. As oficinas de música eram oferecidas pela professora, musicista Thais Nascimento. Juntamente com a gestão da *Ocupação*, ela se propôs a desenvolver um projeto musical aos sábados, com uma hora de aula, e como ela mesma dizia na ocasião: “vamos ver o que acontece musicalmente nesse tempo”.

Ao acompanhar as oficinas, comecei a constatar que a professora acabava dando aulas mais para as crianças moradoras da casa. Essas eram cinco, duas meninas e três meninos, mas nem sempre elas estavam dispostas a participarem da aula, ou se encontravam na casa para participar

²⁰ Citação original em inglês: “Thus, it is based on the assumption that the ethnographic description, analysis, and interpretation of musical events approached from the perspective of context, should lead to a richer dynamic view of a musical culture than other approaches that do not integrate contextual considerations.”

das atividades musicais. Mesmo assim, quando participavam, adoravam e interagiam o tempo todo. O intrigante para mim é que as aulas de música eram oferecidas às acolhidas e, mesmo assim, nem elas nem minhas colaboradoras participavam desses momentos, somente as crianças, e o mais interessante... procuravam manter-se afastadas durante a ministração dessas aulas. Na figura a seguir trago um registro desses momentos de interação das crianças com a música durante uma tarde de aula.



Figura 6- Crianças participando das oficinas de música

Março de 2019: No dia marcado, fui assistir a uma das oficinas. A professora fez a aula em uma das salas da casa, levou instrumentos musicais como violão, pandeiro, caxixi, agogô, teclado e maracás e chamou quem quisesse participar da aula. Eu participei ativamente, mas as acolhidas da casa optaram por não participar. A professora fez exercícios de percepção musical e ritmos. Éramos cinco participantes no total. Thaís é uma professora extremamente competente no desempenho de sua profissão. Eu já havia tido a oportunidade de ter aula com a mesma em outro espaço através do projeto Ação Musical, onde ela atuava como uma das coordenadoras juntamente com o músico Paulinho Parada. A aula durou uma hora, ao final desse período a professora fez uma música coletiva com todos participantes. Adorei a aula dela e o engajamento das participantes.

Um mês mais tarde, já no mês abril, as coordenadoras da casa organizaram um evento para as mesmas venderem seus salgados no bairro Sarandí. O evento estava marcado para acontecer em uma praça, a qual tinha como referência um espaço chamado Casa da Música. O encontro estava marcado para as 16 hs. A professora Thaís Nascimento também se fez presente no evento para ministrar sua aula de música. A praça é um local bonito bem conservado, com muitas árvores ao redor e uma ampla cancha de bocha ao lado, que nesse dia não estava aberta.

Ao fundo da praça, fica a Casa da Música. Uma casa pequena de três peças. Na entrada, há um balcão com camisetas, instrumentos e artigos musicais para venda, um pequeno banheiro e uma cozinha. A aula da professora já havia começado. Cheguei ao local, fui ao banheiro e antes de juntar-me ao grupo liguei para *Melodia*, para perguntar sobre as demais acolhidas e coordenadoras, pois minha estranheza foi não ver nenhum rosto familiar em um evento organizado por elas mesmas.

Melodia não estava mais morando na Ocupação e encontrava-se morando no Sarandí, pertinho do local onde iria acontecer a oficina. Em uma conversa por telefone, a mesma me disse que uma das coordenadoras estava passando mal em sua casa, e, por esse motivo, elas não conseguiriam se fazer presentes no evento. Perguntei pelas demais moradoras e coordenadoras da casa, ela me respondeu que não sabia... Mesmo estranhando as ausências, juntei-me à aula em andamento no gramado em frente a esse espaço musical. Os participantes da oficina estavam sentados no chão, formando um pequeno círculo. A professora deu novamente uma aula maravilhosa, onde os alunos interagiam e mostravam-se muito felizes com toda aprendizagem musical daquele momento. Estávamos em oito alunos nessa aula, sete mulheres e um homem, todos brancos exceto eu e outra participante. A faixa etária dos presentes variava dos vinte aos quarenta e poucos anos de idade. A aula ministrada foi sobre exercícios vocais, ritmos e percepção. Thaís, também nos proporcionou a utilização de instrumentos como: pandeiro, agogô, violão, caxixi e maculelê e permitiu que tocássemos o que tivéssemos mais afinidade nessa aula. Depois, fizemos rodízios com esses instrumentos. Os alunos presentes, estavam motivados para fazer essa aula, o que só colaborou para o bom andamento dessa atividade. A tarde estava bem quente. A aula acabou às 17 horas. A professora e alguns dos participantes da oficina despedira-se e foram embora. Eu e mais duas participantes da oficina ainda ficamos por meia hora sentadas no gramado da praça, na esperança da chegada de uma das meninas da casa, mas ninguém apareceu. O evento acabou não acontecendo, pois, devido, ao imprevisto, as maiores interessadas não se fizeram presentes no local. As duas meninas que ficaram comigo são advogadas e fazem trabalho voluntário para as acolhidas da casa. Quando estamos em campo, nada está posto. Nesse sentido, suposições e indagações superficiais podem nos levar para bem longe do real motivo das ações. Para Koskoff:

[...] essas interações compartilhadas entre seres incorporados e em constante mudança constituem a essência do trabalho em campo, como um método ideal tanto para a etnomusicologia “quanto para o feminismo- bem como método para adquirir e desenvolver conhecimento esse é o mais divertido”. (KOSKOFF, 2014, p.10).

Aqui, em concordância com a autora, destaco a palavra intrigante para caracterizar os vários momentos enquanto estive participando destas oficinas. Tenho procurado entender o porquê de as acolhidas não terem participado das oficinas de música.



Figura 7- Interagindo no espaço musical

Sigo neste fio, relatando outro episódio de campo envolvendo as aulas os eventos musicais. As coordenadoras da *Ocupação* decidiram fazer uma festa junina solidária com intuito de angariar fundos para casa, e a professora Thaís tinha combinado trazer suas quatro alunas do curso (particular) de violão, que ela ministra em outro local, para fazerem uma apresentação. Essas alunas têm na faixa etária de vinte e cinco a quarenta e poucos anos de idade e “todas alunas são brancas”. Nesse dia, o coral que ela desenvolve com as crianças da casa também se apresentou, mas, como havia mais crianças que estavam no ambiente, essas resolveram participar da apresentação na hora, e assim o fizeram. Ela e eu também ensaiamos algumas músicas para fazermos um duo na apresentação. A tarde estava agradável, a festa foi ao ar livre no pátio da *Ocupação* e teve seu início por volta das 15 horas. As moradoras fizeram seus quitutes para vender durante o evento. A festa foi aberta ao público, e estavam presentes aproximadamente cinquenta pessoas no ambiente, entre homens, mulheres e crianças. A casa estava enfeitada com bandeirinhas, e no rádio tocava músicas típicas dessa data. Nesse dia, estavam presentes na festa *Melodia*, *Anulika* e *Anyango*, as quais acompanhavam toda a movimentação musical, mas sempre de longe e em momento algum deixavam transparecer toda intimidade que tinham com o cenário musical daquele momento no espaço. A impressão que tenho, enquanto observo, é que minhas colaboradoras estão sempre fugindo, ou negando algo. A imagem do ofício de cantora perante a sociedade é assim definida por Biddle:

[...] As condições materiais que sustentam a “profissão” da cantora, sua proximidade com a imagem de prostituição, sua maneira de representar uma imagi-

nação particular (misógina) do feminismo como marcador da alienação do trabalho feminino, sua esterilização. (BIDDLE, 2003, p. 221)²¹.

Indo ao encontro das afirmações do autor, nossa profissão enquanto musicistas nos coloca em um lugar social completamente “distorcido” do nosso real propósito. Enquanto reflito sobre a reação de minhas colaboradoras em ambientes musicais, percebo que as agressões sofridas agiram como marcadores negativos mesmo que “inconscientemente” na realização pública das habilidades musicais dessas mulheres.

As crianças moradoras da casa estavam ansiosas para fazerem suas apresentações. As mesmas ensaiaram, sob a regência da professora de música, as canções de duas compositoras negras, *Calmaria*, música e interpretação da gaúcha Zilá Machado, e *Abre Alas*, de Chiquinha Gonzaga. As alunas da professora fizeram o acompanhamento com seus violões durante a apresentação das crianças. Thaís também me acompanhou ao violão com as canções: *O que é o que é* (Gonzaguinha); *Canto das Três Raças* (Paulo César Pinheiro), *Não Deixe o Samba Morrer* (Edson Conceição e Alísio Silva) interpretando por Alcione e *Sonho Meu* (Dona Ivone Lara). O público interagiu durante nossas apresentações, aplaudindo e incentivando as performances. A tarde foi muito agradável, e acho que dentro do proposto conseguimos alcançar nossos objetivos.



Figura 8- Integração musical

Essa apresentação musical, a princípio, era para ter sido feita pelas mulheres moradoras da *Ocupação Guerreiras*. E um dos principais intuítos desse evento, inclusive, era angariar fundos para *Aduoa*, uma de minhas colaboradoras, que sofreu um AVC e encontrava-se internada em

²¹ Citação original em inglês: “The material conditions that support the singer’s “profession”, its proximity to the image of prostitution, its way of representing a particular (misogynist) imagination of feminism as a marker of the alienation of female work, its sterilization”.

uma clínica em recuperação, segundo relatarei no próximo capítulo. Como já dito, a reintegração musical de minhas colaboradoras acabou não acontecendo. Fator que não impediu que a professora aproveitasse o espaço e os momentos de interação com as crianças para desenvolver um belo trabalho. Em uma conversa que marcamos, Thaís falou um pouco de seu olhar sobre as oficinas de música que realizou durante o primeiro semestre de 2019 e a participação das acolhidas da casa nesta atividade.

Durante nosso diálogo, a professora deixou claro que ao propor as oficinas musicais tinha como foco ajudar na ressocialização das acolhidas da casa pós-episódios de agressões. A mesma me relatou já ter trabalhado em projetos sociais em outras ocasiões e procura estar sempre envolvida também com questões de gênero, música e violência como eixo central de suas pesquisas dentro e fora do ambiente acadêmico. Ela levou a proposta de dar aula não só de violão, mas de trabalhar o canto e as variadas habilidades musicais das moradoras da *Ocupação*. Porém, desde o primeiro contato com as mesmas, notou “não haver interesse” das acolhidas durante as oficinas. A educadora, ainda em seu relato, disse que geralmente quem participava das oficinas eram as crianças, filhas das acolhidas, as quais se mostravam envolvidas com as atividades musicais. A professora acredita que a violência doméstica contra as acolhidas influencia na não participação dessas nas atividades musicais propostas por ela. Mas também não conseguiu chegar a uma real afirmação, do porque não houve hesito em suas oficinas.

Quando optei por trazer a conversa com a professora para minha escrita, foi para testar uma hipótese. Através de um olhar profissional de uma musicista com formação acadêmica na área, visto que eu não tenho esta formação específica na pedagogia musical, queria saber se a violência exercida contra essas mulheres realmente age como inibidor das práticas musicais. Durante sua estada na casa, enquanto ministrava suas aulas, a professora chegou a questionar-se a respeito de sua classe social, a qual está em contraponto com a realidade das acolhidas. Para ela, esse fator também pode ter sido relevante para a não aceitação de suas oficinas pelas moradoras do espaço. A mesma também questiona a nomenclatura “aula”, como fator inibidor para a participação das moradoras. Esses e outros questionamentos pairam em nossas cabeças, mas o campo tem disso, nem sempre encontramos uma resposta pronta para todas as problemáticas que levantadas durante nossa pesquisa, às vezes, nem mesmo, nos livros acadêmicos.

CAPÍTULO 5. OS REENCONTROS

Passou-se um ano em que dei meus primeiros passos em campo, em busca de histórias para compor essa dissertação. O ambiente mudou, bem como as pessoas que por lá transitavam. Com a saída de minhas colaboradoras da casa, me senti bem perdida no espaço. Mas, como sei que a casa é de passagem, a saída das mesmas uma hora ou outra seria inevitável. De março até o presente momento (junho 2019), tenho mantido contato com minhas colaboradoras por aplicativo. Nesse capítulo, trago relatos de cada uma delas a respeito de suas vidas pós-agressões e da saída da *Ocupação Guerreiras*, na busca de novos recomeços. Início esse capítulo contando sobre meu reencontro com *Anulyca*.

5.1 A música como premiação “master”

Domingo, 23 de junho 2019: Há semanas vinha tentando marcar um encontro com *Anulyca*, mas nossos horários nunca coincidiam para conversarmos, pois ela trabalha em um restaurante de domingo a domingo, e tem apenas uma folga por mês. Durante a semana que antecedeu nosso encontro, nos falamos algumas vezes por telefone, até que, finalmente, decidimos nos encontrar em um domingo à tardinha em um café no shopping localizado no centro de Porto Alegre. Ela estava trabalhando durante o dia todo nesse domingo, mas topou me encontrar rapidamente para me contar sobre como estava a sua vida após ter saído da *Ocupação*. Marcamos o encontro no final da tarde. Ela chegou muito bem-humorada, sempre com um sorriso no rosto beijou-me na face e me deu um abraço como de costume.

Sentamos e eu lhe ofereci um café. A cafeteria é um local amplo, bonito. No espaço, há quinze cadeiras e mesas. Bem no meio há um balcão recheado com bolos e salgados. Ao redor, há uma praça de alimentação com opção de quatro espaços a escolher, conforme a preferência do cliente. Por ser domingo, o espaço não estava muito cheio, no ambiente estávamos minha interlocutora, eu e mais um casal, além de três funcionárias. Comecei a conversa, dizendo a ela que iria dar início à escrita da minha dissertação e por isso seria pertinente trazer para o trabalho a situação de minhas interlocutoras nesse novo momento, após saírem da *Ocupação Guerreiras*. Pedi licença, liguei meu gravador.

ANULYCA- Tudo bem! Então... Eu fiquei na *Ocupação* por sete meses. Foi um lugar onde comecei a dar meus primeiros passos para me reestruturar socialmente, pessoalmente, moralmente e fisicamente depois do quadro de agressões que sofri. Foram longos sete meses, em todos sentidos, sabe?... A convivência em um espaço coletivo não é fácil, mas a experiência foi boa, precisava dessa força que o pessoal de lá dá para a gente. Eu saí de lá depois que arrumei

um emprego, e vi que dava para eu me sustentar mesmo ganhando pouco, mas eu precisava partir de algum ponto. Saí de lá e fui morar em uma peça alugada nos fundos da casa de uma conhecida na região metropolitana de Porto Alegre. Um lugar simples, quarto, sala e banheiro conjugado. Comprei uma cama, um fogão e um roupeiro, tudo usado. E fui para lá. É longe para eu vim trabalhar, acordo às 5 horas da manhã todos os dias para estar trabalhando às 7 e 30 da manhã. É puxado, mas é o que tem.

GABRIELA- E como estão teus estudos, tu conseguiste retomar?

ANULYCA- Ah sim, eu tinha feito as provas do último ano, lembra? Foi antes de tu ir viajar. Daí veio o resultado, eu eliminei tudo, terminei o 2º grau. Nesse momento, vi na voz e na empolgação de minha colaboradora toda sua felicidade e orgulho que ela sente de si mesma por ter alcançado mais um dos seus objetivos. Ela se emociona ao relatar sobre a sua conquista, eu também...

ANULYCA- Tu sabe um pouco da minha vida, e sabe o quanto isso era importante para mim. Agora, eu quero começar a fazer uma faculdade dessas EAD, sabe?... Eu sei que não é o ideal, mas para o momento é o que dá para eu fazer, e eu vou fazer. Já tracei isso como meta, e no semestre que vem eu vou fazer o vestibular e vou passar, pode apostar e marcar outra conversa comigo para eu te mostrar o meu atestado de matrícula.

Batemos uma na mão da outra, em uma espécie de combinação prévia para esse momento que ela tanto sonha.

GABRIELA- E os teus filhos, já conseguiste trazê-los para morar contigo?

ANULYCA- Não, infelizmente não... é difícil, o pai e a avó deles têm uma situação financeira mais definida que a minha. Eu tenho visto eles, mas agora eu caí na real e vi que eu não posso tirar eles do “conforto” e da estabilidade que eles têm hoje para morar comigo em um quarto e sala. Eu não paro em casa, com quem eles vão ficar o dia todo? Quem vai levar eles para a escola? Fazer comida? Eu sou sozinha no mundo, não posso contar com ninguém. Me dói muito estar sem eles, mas eu não posso ser egoísta a esse ponto... não com eles. Eu me viro, sou adulta, vou driblando a saudade como dá. Choro muito sabe, Gaby..., mas, eu sei que essa situação é passageira e eu vou alcançar os meus objetivos para dar um futuro melhor para eles. Emocionamo-nos...

Sei bem o que é isso, a sensação de impotência maternal é terrível... Nesse momento, a incentivo a continuar na luta e reitero olhando em seu olho dizendo que ela vai conseguir, é só ir em frente sem olhar para trás.

GABRIELA- E a música, como está a tua relação com ela hoje?

ANULYCA- Nossa, nem me fala, eu tenho muita saudade. Chego a sonhar que estou cantando novamente. Mas não tenho tido nenhum contato com ela. Percebi que, embora eu ame cantar, não vou conseguir sustentar a mim e aos meus filhos fazendo música, preciso ir além, e esse além está no curso superior, de ter a chance de uma vida melhor. Eu escuto música em casa, canto quando estou nos meus afazeres domésticos, cantarolo no meu trabalho também, mas não passa disso. Eu vou voltar, sim, disso eu tenho certeza, mas vai ser algo para o meu prazer. Não sei quando, talvez daqui uns anos, mas meu pensamento é primeiramente a minha formação superior, depois disso é voltar a morar com os meus filhos e só depois a música. Ela vai ser a minha “premiação master”, depois que eu subir degrau por degrau.

ANULYCA- E o teu agressor, qual a relação de vocês hoje?

ANULYCA- Nós conversamos, mantemos um diálogo por causa das crianças, ele continua querendo voltar, insiste. Me diz que eu não preciso sofrer tanto com a falta das crianças, que é só eu voltar atrás e a gente continua a ser uma família feliz. Fala da casa, que está do mesmo jeitinho que eu deixei, é só eu deixar de ser cabeça dura. Eu não acredito em nada do que ele me diz e me faço de surda. Agora que eu consegui me ver livre daquele “inútil”, não quero mais saber. Ele jamais me deixaria voltar a estudar e trabalhar nos horários e dias de semana que eu trabalho hoje. A liberdade da gente não tem preço, eu consegui a minha e agora eu não negocio ela com ninguém. Ele me machucou muito em todos os sentidos e sabe disso. Sem chance de volta.

Após nossa conversa, paguei o café e fomos caminhando até nossos respectivos terminais de ônibus. Senti minha colaboradora como sempre muito determinada, e segura dos caminhos que ela precisa trilhar para chegar em seus objetivos. Sei de “carteirinha” que o trajeto não será fácil, a estrada é árdua, mas não impossível de se alcançar. A persistência, o foco e a determinação são ingredientes fundamentais na busca de nossos objetivos; esses, pelo pouco que a conheço, ela tem de sobra. Espero reencontrá-la no semestre que vem para lhe parabenizar pelo seu ingresso na faculdade.

5.2 - A superação através da educação

Sexta-feira, 28 de junho 2019: Hoje é aniversário de 16 anos da minha filha. Também juntamente com essa data, comemoro 16 anos que eu “nasci de novo,” após a cirurgia de Aneurisma Cerebral. Não tem sido fácil correr atrás de todas as lacunas que ficaram, mas eu não desisto e procuro me superar diariamente. Durante a semana, conversei com *Anyango* de nos encontrarmos para eu saber como ela estava, seus planos de vida e perspectivas para o futuro.

Nesse dia chovia muito. Marcamos a nossa conversa em um bar dentro de uma faculdade no centro de Porto Alegre. Dessa vez, ela chegou mais cedo do que eu, e, embora estivéssemos sentadas perto uma da outra, só nos vimos meia hora depois, quando eu a reconheci pela voz. Demos muitas risadas pela situação e sentamos juntas em uma mesa. O bar é um ambiente amplo, deve ter aproximadamente 40 mesas e cadeiras com decoração em tons pastéis, o que remete a um ar de sobriedade ao espaço. Lá é servido almoço, lanches, bebidas e afins. Sempre que nos víamos, ela estava com os cabelos presos; dessa vez ela estava diferente, mais bonita de cabelos mais longos e soltos. Começamos a nossa conversa no final da manhã.

ANYANGO- Então Gaby, eu tô super bem. Na quarta-feira da semana que vem defendo o meu TCC. Mas não vou fazer formatura. É caro para minha família vir do interior para cá. Vou investir a “grana” que a gente juntou para fazer outras “paradas”. Arrumei um “trampo”. Tô dando aula de Biologia, Química e Física em uma escola de periferia na região metropolitana de Porto Alegre. Tu sabe que lá a realidade é diferente, né? Também me mudei aqui para a cidade, antes eu morava na região metropolitana e era difícil para eu me locomover, tudo é dinheiro né? Agora, eu tô morando na zona norte de Porto Alegre, nos fundos da casa da minha sogra. Paramos de pagar aquele absurdo de aluguel, e com o trabalho de ambos a vida melhorou, tá dando até para guardar uma “graninha” para fazer umas coisas que antes não dava. O meu cunhado dá aula de teclado, e vou começar a fazer aula com ele hoje no final da tarde. Dessa forma, eu o ajudo e agrego conhecimento. Aliás, na família do meu marido, todo mundo é artista. O pátio que eu moro, é um verdadeiro centro cultural. Eu, e meu marido estamos fazendo uns “lances” de gravação de imagem e vídeo, para o pessoal da música que tá na caminhada. Fazemos um preço acessível, porque os artistas normalmente são “duros” e a gente tem que fortalecer a arte. Foi uma maneira que eu encontrei de ficar perto da música.

Nesse momento, a chuva intensa e o barulho de vozes no ambiente faz com que para nos escutarmos tenhamos que falar um pouco mais alto...

GABRIELA- E como está a tua relação com a música?

ANYANGO-- Hoje, a minha relação com a música é nas produções desses áudios e vídeos que nós estamos fazendo mesmo. Já com o “Rap,” eu dei uma parada para poder me dedicar à minha graduação. Depois, eu me desiludi muito com o meio musical, comecei a ver que nesse território há sempre um joguinho de vaidade onde as pessoas não estão ali pela sua arte, mas sim pelo exibicionismo. Não tenho mais idade para isso, tô fora. Hoje, eu quero levar o Rap para a escola como uma ferramenta de aprendizagem de expressão, representatividade e espaço. Isso é arte. Percebi que eu não preciso estar cantando em cima de um palco para fazer música. A arte pode ser expressa das mais variadas formas. Também me dei por conta que nós, mulheres e

homens pretos, precisamos de um diploma na mão para nos fazer respeitar. Agora, eu vou tentar fazer Mestrado e Doutorado, “eles vão ter que reconhecer a preta aqui como Doutora. A carreira com a música é linda, mas se você não fizer sucesso tu é apenas mais um... E na educação, aos poucos tu consegue fazer a diferença.

GABRIELA- E a tua relação com a *Ocupação*, como está?

ANYANGO- Tenho ido pouco, mas agora que eu tô morando aqui eu quero ver se vou mais. As passagens diminuíram e eu uso o cartão “tri” do meu marido direto, porque ele trabalha a duas quadras de casa. Acho importante o trabalho que as gurias fazem, ajuda muito gente. Aliás, o teu trabalho também é super interessante, porque traz um entendimento para as pessoas que estão de fora desse meio e que acham que tudo na música é “glamuroso”. Eu, inclusive, andei assistindo alguns filmes de artistas americanas que passaram por essa problemática, e as histórias são bem tristes. Esses assuntos deveriam ser mais abordados, porque é uma realidade bem presente.

O bar encheu e o garçom nos pediu gentilmente se duas outras clientes poderiam sentar conosco à mesa. Decidimos aproveitar a estiagem da chuva e ir embora do local. Fomos caminhando juntas até um pedaço do caminho. Em seguida, nos despedimos, mas com a promessa de nos vermos novamente em breve. Ao reencontrar com minha colaboradora tempos depois, fiquei feliz ao perceber que o discurso dela é outro. Percebo que a mesma está realizada com o momento que está passando e está curtindo a realização do sonho de se formar na universidade de maneira plena. Para nós, mulheres negras da periferia, essa etapa realmente faz toda a diferença na nossa qualidade e perspectiva de vida. Saí desse encontro muito feliz, ao perceber que mais uma de minhas colaboradoras superou o quadro de agressões e conseguiu dar a volta por cima, reestruturando toda a sua vida social e pessoal.

5.3- Às vezes a vida nos prega peças...

Terça feira 06 de agosto 2019: Após semanas ensaiando para ir até a clínica onde *Aduoa* encontra-se internada, finalmente consegui visitá-la. Ela teve um AVC há quase 3 meses, e desde que saiu do hospital está sendo cuidada em uma clínica. A tarde estava quente, saí do almoço do RU e peguei um ônibus que me levou para a zona Sul da capital. Durante o caminho, fui pensando sobre a situação que eu iria encontrar e tinha somente uma certeza, não iria ser uma tarde muito fácil, como de fato, não foi...

Eu não sabia onde era a clínica, tinha apenas informações a respeito do lugar onde deveria descer e o nome da rua. Fui perguntando e logo achei o referido endereço. Em um lugar tranquilo, avistei a Casa Geriátrica em que se encontrava, minha querida colaboradora. Na frente

não havia campainha, então me pus a bater palmas na frente do portão. Minutos depois, apareceu uma moça loira, de estatura baixa e olhos claros. Identifiquei-me e disse que queria ver uma paciente, ela gentilmente abriu o portão. Entrei na clínica, já na entrada pude perceber que é tudo muito limpo e organizado no espaço. À direita, havia duas salas grandes onde havia vovôs e vovós sentados conversando, dei boa tarde a eles, os quais me retribuíram da mesma forma.

A moça, que é uma das técnicas de enfermagem da casa, me disse onde eu encontraria *Aduoa*. “Siga nesse corredor”, disse ela. Antes de chegar ao quarto dela, passei por mais dois cômodos e um banheiro, ambos com 3 camas arrumadas impecavelmente. Enquanto caminhava, avistei uma porta entreaberta, entrei e avistei *Aduoa*. Em seu quarto havia três camas, dois roupeiros pequenos e uma televisão. A mesma estava sozinha nesse quarto. Ela estava deitada e tão logo que me viu já começou a chorar. Dei um beijo nela, e disse que tinha vindo para visitá-la. Ela chorava sem parar, e segurava as minhas mãos. Confesso que segurei as lágrimas nos primeiros minutos, pois não queria que ela me visse chorando; afinal, eu estava ali para dar força a ela, não para chorar junto, mas acabou sendo inevitável... *Aduoa* ficou com sequelas na fala e do lado esquerdo do corpo. A mesma tentava me contar o que tinha acontecido com muita dificuldade, eu fui tentando decifrar o que ela queria me comunicar. Disse-me que deu uma “coisa” na cabeça dela do nada, que ela estava bem até então. Entre uma crise de choro e outra, falei para ela a respeito da festa que nós fizemos para arrecadar fundos para ajudá-la na clínica, ela ficou feliz e disse que já haviam contado para ela.

Nesse dia, levei uns produtos de higiene para ela, que, mesmo com muita dificuldade, conseguiu me dizer o armário certo de guardar seus pertences. Também foi posto um mural colado na parede ao lado de sua cama, com fotos dela junto de seus amigos e colegas de trabalho, contendo vários bilhetinhos carinhosos de incentivo para sua recuperação. Entre várias crises de choro, tento mostrar-lhe o quanto ela é querida pelos seus amigos e peço para ter calma e paciência. Confesso que entendo todo o desespero pelo qual ela está passando. Ela é uma mulher jovem cheia de vida, que, de uma hora para outra, encontrou-se presa a uma cama. O trajeto da recuperação é longo e solitário, mas só quem pode se ajudar é ela.

Aduoa pediu para eu chamar a técnica de enfermagem. Fui chamá-la, ela comunicou com muita dificuldade que queria trocar a fralda, a moça pediu para que ela esperasse mais um pouco, até o outro técnico chegar para ajudá-la, ela concordou. Conversamos mais um pouco e logo em seguida o rapaz chegou. Ela chorava sem parar, disse que era de emoção também. Como ela queria se trocar, eu preferi ir embora e voltar outro dia. Na despedida, ela chorou

muito. Disse a ela que vou procurar ir mais vezes, para a gente conversar e eu acompanhar a sua evolução clínica, a qual segundo os técnicos, tem sido pequena, mas progressiva.

O técnico me relatou que ao chegar na clínica ela estava de sonda e não conseguia se comunicar. Agora, segundo ele, ela já consegue comer alimentos pastosos e tem conseguido dar umas colheradas sozinha na hora das refeições, já houve um progresso. Antes de ir embora, dei um beijo carinhoso na testa e na mão dela com a promessa de voltar em breve. O técnico me levou até o portão e contou que *Aduoa* está muito depressiva e que, por vezes, não quer se ajudar. Também me relatou, rapidamente, que a mesma recebe muitas visitas de seus amigos. Perguntei a ele qual era o quadro atual dela e se tem feito fisioterapia regularmente. Ele me respondeu que a clínica está sem fisioterapeuta no momento, mas que estão em processo seletivo para o preenchimento do cargo. O técnico diz que agora ela está estável, mas que já passou por duas clínicas antes de chegar até ali, que a maltratavam. Também me relatou que a três semanas atrás *Aduoa* passou muito mal, queixava-se de frio intenso e tremores. A clínica chamou o SAMU, que não quis atendê-la, alegando que a mesma estava em crise de abstinência. O funcionário a colocou dentro de seu carro e a levou até o hospital. Chegando lá, o médico fez o diagnóstico de trombose cerebral, e disse que se ela não fosse atendida a tempo teria ido a óbito. O técnico definiu essa ação como preconceito por parte dos funcionários do SAMU. Saí de lá perplexa.

No trajeto, fui limpando as lágrimas, pensando na situação de minha colaboradora. Ela já sofreu tanto na vida com as agressões, agora mais essa. A vida é frágil e breve. Vê-la dependendo dos outros para tudo me fez repensar muitas coisas. Não quero que o final de minha escrita a respeito dela termine assim, pois ainda temos uns meses pela frente até o final dessas escritas e espero ter notícias de recuperação dela em breve.

5.4- Um passo de cada vez

Quarta-feira, 07 de agosto 2019: Hoje faz treze anos da *Lei Maria da Penha*. A Ocupação Guerreiras fez uma roda de conversa a respeito com psicólogas da UFRGS. Eu estava com tudo pronto para ir, inclusive, iria conversar com *Melodia* nesse dia. Mas recebi a triste notícia de que a sobrinha dela havia falecido na segunda-feira, e a mesma encontrava-se muito abalada. Segundo ela me relatou por aplicativo, sua irmã surtou após a morte da filha e está internada no hospital, e seus outros filhos estão ficando com *Melodia*. Acabei ficando mais uma vez chateada com a má notícia, e optei por não ir a campo nesse dia. A mesma, sabendo o motivo de nossa conversa, me fez breves relatos através de um aplicativo de celular sobre sua vida atualmente.

Minha colaboradora relatou-me que atualmente está cursando Técnico em Nutrição e que, após concluir o mesmo, irá abrir um restaurante com seu irmão na praia de Imbé. Ela ainda faz tratamento psiquiátrico e psicológico, mas relata que já superou muita coisa. Sobre a música, diz que não pretende voltar a trabalhar com ela, mas voltou a tocar violão para os filhos e em escolas onde deu aula. Ultimamente, ela dedica algumas horas do seu tempo livre para fazer rodas cantadas em escolinhas de Educação Infantil e faz parte do grupo das mulheres que ajuda a fazer os “quitutes” em prol da Ocupação. A equipe é formada por acolhidas e ex-acolhidas da casa. *Melodia* encontra-se morando na zona norte com os filhos, e diz que, apesar das dificuldades da vida, tem superado seus traumas vivendo um dia de cada vez. Ela interrompe a nossa conversa para atender a uma ligação de sua irmã, respeito o seu momento de conflito e de luto e encerro nossa conversa por ali, não quero ser invasiva. Espero poder com ela conversar em um momento menos conturbado.

O problema da violência doméstica, infelizmente, é uma “febre” mundial, a qual temo em dizer “incurável”. Fator “amenizado” pelas casas de acolhimento espalhadas por todo o mundo, ainda que em quantidades insuficientes para atender a demanda de mulheres que se encontram nessa situação. No Brasil, contamos atualmente com a lei Maria da Penha²² criada em 2006 com intuito de combater os constantes abusos e maus tratos contra a mulher, que diz respeito à história de vida de uma mulher que sofreu violência doméstica durante 23 anos. Essa lei define cinco formas de violência doméstica e familiar, e deixa claro que não existe apenas a violência física que produz marcas evidentes, são elas também a violência psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Minhas interlocutoras tiveram que se “vestir” de coragem para sair de casa e deixar o ciclo de violência para trás. A *Ocupação Guerreiras* tem o papel de acolher essas mulheres que tem amparo na lei supracitada. Dessa forma, a casa funciona não só como refúgio, mas como um lugar de recomeços, reflexões, ações e decisões de tantas Marias que lá encontram amparo.

²² - Lei Maria da Penha- Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/> Acesso às 10 horas do dia 02 de março de 2019.

REFLEXÕES FINAIS

Durante esses dois anos de mestrado, pude conhecer através de minha inserção no grupo de pesquisa GEM/UFRGS, coordenado por minha orientadora, bem como através de colegas e profissionais de áreas distintas - ativistas, pensadoras, intelectuais e etnomusicólogas (o) negras(o) - uma série de estudos os quais foram de suma importância em minha formação como etnomusicóloga negra. Tais referências penso que se refletiram de forma evidente na construção teórico-metodológica desta dissertação de mestrado. A partir desse novo olhar adquirido através da leitura de pensadoras ligadas ao feminismo negro, fui conectando minhas experiências de vida às vivências de minhas colaboradoras. Dessa forma, pude fazer *links* entre a música e a violência doméstica exercida contra as mulheres musicistas. A soma destas várias experiências me possibilitou reconhecer a ação das estruturas patriarcais de dominação e de invisibilidade social contra nós mulheres, que, em pleno século XXI, ainda faz girar a “roda” da marginalização à qual somos submetidas dentro do campo artístico-musical.

Neste momento de balanço final, tento assim trazer algumas respostas para os questionamentos que nortearam minha escrita de acordo com minhas constatações ao longo desse tempo que estive em campo em que pude conhecer um pouquinho das lutas de cada uma de minhas quatro interlocutoras e seus projetos musicais. As agressões domésticas operaram transformações em suas rotinas, pois as mesmas precisaram, em um dado momento de suas vidas, interromper suas atividades musicais profissionais ou não, por conta do desejo e da possessividade “patriarcal”, social e moral do outro. Dessa forma, a reconstituição identitária para elas se dá de maneira lenta e subjetiva em uma cronologia que difere da social. Sendo assim, a identidade de “musicista”, permanece nesses corpos femininos, mas durante esse processo de reconstrução não pode ser vista a “olhos nus”. Embora a música tenha um papel de protagonismo em suas vidas, percebi que essas musicistas entenderam, de maneira clara e dolorida, que suas habilidades musicais agiram sim, como estopim para o começo das agressões. A violência afetou e transformou a vida dessas mulheres à medida que elas se afastaram de suas atividades musicais, em prol de um “bem-estar”, físico, moral e social.

Ao falar dos dramas destas musicistas, trago uma passagem de um pedagogo e musicista negro a respeito da contribuição trazida pela etnomusicologia:

[...]A etnomusicologia hoje ampliou seus temas nas discussões acadêmicas tradicionais, nas quais os músicos comuns e pessoas comuns raramente se encontravam em um texto [...] (BANFIELD²³, 2015, p.4).

De acordo com o autor, estamos falando de Etnomusicologia, logo falamos de pessoas e, como tal, estamos propensos a replicarmos ações que estão embutidas em nossa sociedade há séculos, como passo a relatar em um episódio em primeira pessoa. A Ocupação Guerreiras comemorou três anos de aniversário com um evento musical em uma casa de espetáculos aqui da capital. Esse evento aconteceu no dia 24 de novembro de 2019, durante a tarde e contou com a participação de quatorze bandas gaúchas. Tão logo soube do mesmo, me ofereci através de um grupo de “APP”, via celular, para participar como musicista nessa atividade. Para minha surpresa, a resposta que recebi de uma das coordenadoras foi a seguinte: “Olha só, para esse festival musical, nós estamos convidando pessoas de renome, se caso alguém não puder ir vejo se consigo te encaixar”

Ao receber essa resposta, confesso que me pus a refletir sobre várias questões, as quais, inclusive, procurei evidenciar durante toda minha construção para essa escrita. Segundo as literaturas que trouxe para esse trabalho, procurei dar ênfase à literatura de mulheres negras, as quais escrevem constantemente sobre a *INVISIBILIDADE DAS ESCRITORAS NEGRAS*. Nesse momento, me dei conta que eu enquanto mulher, negra, musicista, que já foi vítima de violência doméstica, e que em um momento de lucidez e oportunidade, decidi falar sobre o assunto e escolher um espaço de referência na disseminação da igualdade social e da não-violência contra mulher como a *Ocupação Guerreiras*, não fui “vista” em todo esse tempo em que eu estive em campo como pesquisadora e escritora a dissertar sobre essa temática.

Quando falo de invisibilidade, é porque entendo que as pessoas e aqui não me refiro a nenhum nome e entidade em específico, mas sim a uma sociedade que subestima a capacidade de uma pessoa negra de ser uma pesquisadora, médica, dentista, ou qualquer outra função que não seja de subalternidade... De servidão.

Estar em campo durante esse um ano e meio foi como ter aberto a “caixa de pandora”. Nesse sentido, o que vi, ouvi e senti em meio a tantas histórias tristes de agressões, ódio, desafeto, intolerância, dentre outros sentimentos e ações ruins, fizeram-me entender que, o que

²³ Citação original em inglês: “Ethnomusicology today broadened its themes in traditional academic discussions, in which ordinary musicians and ordinary people rarely met in a text.”

mantém minhas colaboradoras em “pé,” é a esperança. Quando falo em esperança, não me refiro à esperança depositada no outro, mas nelas mesmas.

Com a minha escrita, procurei tecer um fio condutor entre minhas reflexões sobre mulheres, música e violência doméstica e a literatura negra. Fazendo uma análise a respeito, percebi que as literaturas que escolhi como norteadoras de minha pesquisa, em especial Davis (1998), Hayes (2010), Werneck (2007) e Greene (2017), dialogam com meu projeto no âmbito da Etnomusicologia na medida em que abordam sobre o mesmo tema, porém de lugares diferentes. Essas autoras falam da violência social que as mulheres musicistas enfrentam ao executarem suas habilidades musicais. O histórico da luta das musicistas, tão bem abordado por Koskoff (2014) e pela musicologia feminista, já nos dá um panorama amplo de como a mulher tem um estigma de rotulação dúbia na execução de sua arte. As escolhas para a composição de apoio teórico para esse trabalho deixam claro que as discriminações contra essas mulheres de fato acontecem pelo regime estrutural de uma sociedade patriarcal que condena, exclui, violenta, invisibiliza tudo que foge dos paradigmas “convencionais” da mulher e da ideologia “dominante”.

Sendo assim, percebi que esses atravessamentos sociais condenam de saída as mulheres musicistas das classes mais populares, diferentemente das mulheres brancas, que desempenham a mesma habilidade e que fazem parte da cultura dominante de classe média. Contudo, as mulheres musicistas “invisibilizadas” andam na “contramão” e retratam através de suas escolhas musicais e suas performances a realidade advinda de seus territórios sociais. Quanto às minhas colaboradoras e seus projetos musicais, pude perceber o quanto as reações adversas trazidas pelo preconceito de gênero e de raça moldou posteriormente os sentimentos de ambiguidade dessas mulheres.

Aqui me faço alguns questionamentos. O que faltou para a música ser na vida de minhas colaboradoras um motivo de superação? Por que, em uma atitude contrária, a música que é “socialmente” vista como algo “belo” é deixada de lado por essas mulheres? O que faz com que a música não tenha um efeito positivo na vida de cada uma delas? A música para essas mulheres faz nexos só com a violência?

Deixo esses questionamentos pairando na cabeça de leitoras e leitores, visto que o campo não precisa trazer de imediato todas as respostas. O tema e as discussões são amplos, e o meu papel aqui não é de forma alguma esgotá-los, e sim deixar uma porta aberta para que outros pesquisadores adentrem esse cenário musical, que pode agir como benção ou maldição na vida das mulheres que expressam ou tentam expressar suas habilidades musicais.

Através da escrita desse trabalho, tentei contribuir para a Etnomusicologia no Brasil, visto que o assunto é emergente e dialoga diretamente com a discriminação de gênero, raça, classe social em um espaço institucional que “tenta,” através de suporte material, psicológico, cultural e festivo, diminuir os danos causados a essas mulheres com intuito de resgatar a identidade e autoestima pós-agressões.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *O Que é Interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BANFIELD, William C. *Ethnomusicologizing Essays on Music in the New Paradigms*. London: Rowman & Littlefield, 2015.
- BEAUD, Stéphane.; WEBER, Florence. *Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- BIDDLE, Ian. Of Mice and Dogs: Music, Gender, and Sexuality at the Long Fin de Siecle. In: CLAYTON, Martin; HERBERT, Trevor; MIDDLETON, Richard. *The cultural study of music: a critical introduction*. New York: Routledge, 2003. p. 219-230.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- _____. Carneiro Sueli. In: GELEDES Instituto da Mulher Negra. <https://www.geledes.org.br/sueli-carneiro/> 2013
- _____. *Mulheres Negras*. Em comemoração ao 23º aniversário do Geledés Instituto da Mulher Negra, 1993. Geledés Instituto da Mulher Negra Caderno IV, primavera 1993. Disponível: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf>. Acesso em agosto de 2018.
- CITRON, Marcia. *Gender and the Musical Canon*. Cambridge: University Press, 1993.
- CUSICK, Suzane. Feminist Theory, Music Theory, and the Mind/Body Problem. *Perspectives of New Music*. v. 32, n.1, p.8-27, winter 1994.
- DAVIS, Angela. *Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday*. New York: Random House, 1998.
- _____. *Mulheres, Raça e Classe*. Grã Bretanha: The womens’s Press, 1982. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/165852/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>. Acesso em fevereiro de 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- FOGLIARINI, Gabriela. Ocorrências de violência contra a mulher no RS atingem marca de 38 mil no primeiro semestre de 2018, *RBS TV*, 29 jun. 2018. Disponível <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/ocorrencias-de-violencia-contr-a-mulher-n-o-rs-atingem-marca-de-38-mil-no-primeiro-semester-de-2018.ghtml> acesso às 9:00 horas, do dia 03 de outubro de 2018.
- GOLDEMBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOMES, Rodrigo. *Os percursos da etnomusicologia feminista nas últimas quatro décadas: uma visão de dentro por Ellen Koskoff*. *Revista Estudos Feministas*. v. 24, n.2, Florianópolis, p.134-148, mai/agost.2016.
- GONZALES, Lélia. Por um Feminismo Afro-latino americano. In: *Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino*, n. 1, 1988. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf Acesso em dezembro de 2018.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz, et. al., *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983.

GREENE, Kathanne. Women Singer-Songwriters as Exemplary Actors: The Music of Rape and Domestic Violence. *Music and Politics*. v. 11, n. 2, p.1-26, summer 2017.

HAYES, Eileen. *Songs in Black and Lavender: Race, Sexual Politics and Women's Music*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2010.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

_____. Vivendo de Amor. In: WERNECK Jurema; MENDONÇA Maisa; WHITE Evelin (org). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas: Criola; [San Francisco, Calif.]: Global Exchange, 2000.p.(1-16).

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KIDULA, Jean Nagoya. *Ethnomusicology, the Music Canon and African Music: Positions, Tensions, Resolutions, in the Africa Academy*. Africa Today, Indiana University Press, v. 52, n. 3, 2006. p. 99-113.

KOSKOFF, Ellen. *Feminist Ethnomusicology: Writings on Music and Gender*. Chicago: University of Illinois Press, 2014.

LUCAS, Maria Elizabeth. *Mixagens em campo: etnomusicologia, performance e diversidade musical*. Porto Alegre: Marca visual, 2013.

MARTINS, Cauê. et al. *Visível e invisível. A vitimização de mulheres no Brasil*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf> acesso às 10:00 horas, do dia 03 de outubro de 2018

MAYARA Amaral: Correio relembra história de jovem morta em Campo Grande. <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/03/06/interna-brasil,664058/mayara-amaral-correio-relembra-historia-de-jovem-morta-em-campo-grand.shtml> Acesso em novembro de 2019, às 20:00 horas.

MELLO, Maria Ignez Cruz. Relações de gênero e musicologia: reflexões para uma análise do contexto brasileiro. *Revista Eletrônica de Musicologia*.v.11, setembro 2007.

MENDES, Letícia. Infográfico: crescem registros de violência doméstica contra as mulheres no RS. Gaucha ZH. 18 mai.2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/05/infografico-crescem-registros-de-violencia-domestica-contra-as-mulheres-no-rs-cjhcfxnhg09me01qols95brgk.html> Acesso às 12:00 horas, do dia 03 de outubro de 2018.

MERRIAM, Alan. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MCCLARY, Susan. *Feminine Endings: Music, Gender, and Sexuality*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991.

NASCIMENTO, Gabriela. *Música, canto e lágrimas: um estudo entre musicistas negras vítimas de violência doméstica vivendo em uma ocupação em Porto Alegre*. IX Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Anais. Campinas/SP, 2019.

NEIVA, Tania. A musicologia feminista de Susan McClary e a crítica de Suzanne Cusick. Anais do XXV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Vitória: ANPPOM, 2015.

NKETIA, Kwabena.J.H. Contextual Strategies of Inquiry and Systematization. *Ethnomusicology*, vol. 34, n. 1 (Winter, 1990), p. 75-97.

NOGUEIRA, Isabel Porto; FONSECA, Susan Campos (Orgs.). *Estudos de Gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSA, Laila; HORA, Eric; Silva, Laurisbel. Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos*. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385055525ARQUIVO_LailaRosa.pdf Acesso em outubro de 2018.

_____. Música e violência: narrativas do divino e do feminicídio. *Andaimos*, México, v. 15, n. 37, p. 147-175, agosto de 2018.

SÁNCHEZ, Andrea del Pilar; MAS, Alberto Cabedo. Espacios musicales colectivos durante y después del conflicto armado como lugares de preservación del tejido social. *Co-Herencia*, Colombia, v. 14, n. 26, p.257-291, jun. 2017.

SEEGER, Anthony. A Etnografia da música. *Cadernos de campo*, São Paulo. n.17, p. 26, 2008.

_____. Pesquisa de campo: uma criança no mundo. In: *Os índios e nós*. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1980.

SOARES, Maria Andrea. Tá na Base: Etnografia das performances da Fala Gestual dos Rappers da Alvo. In: LUCAS, Maria Elizabeth (org). *Mixagens em Campo: etnomusicologia, performance e diversidade musical*. Porto Alegre: Marca visual, 2013. p. 143-170.

WERNECK, J. *O Samba Segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática*. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

_____. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo In: *Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux*. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. Disponível em: <http://books.openedition.org/iheid/6316> Acesso em outubro de 2018.